



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



HERBERT LUAN LOPES DA SILVA

MACEIÓ

2025

Herbert Luan Lopes da Silva

**Produção de charges por alunos do oitavo ano: uma análise
discursiva**

Dissertação de mestrado apresentando à banca de defesa pública do PROFLETRAS, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho

MACEIÓ

2025

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586p Silva, Herbert Luan Lopes da.
Produção de charges por alunos do oitavo ano : uma análise discursiva /
Herbert Luan Lopes da Silva. – 2025.
109 f. : il. color.

Orientador: Helson Flávio da Silva Sobrinho.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 106-109.

1. Análise do discurso. 2. Produção textual – Ensino fundamental. 3.
Gênero charge. I. Título.

CDU: 81'322.5:741.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



TERMO DE APROVAÇÃO

HERBERT LUAN LOPES DA SILVA

Título do trabalho: "PRODUÇÃO DE CHARGES POR ALUNOS DO OITAVO ANO:
uma análise discursiva"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em Letras,
área de concentração "Linguagens e Letramentos", em 08 de agosto de 2025, pelo Mestrado
Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

 Documento assinado digitalmente
NELSON FLÁVIO DA SILVA SOBRINHO
Data: 20/08/2025 12:50:46-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:

 Documento assinado digitalmente
CLEVISVALDO PINHEIRO LIMA
Data: 20/08/2025 13:07:28-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Clevisvaldo Pinheiro Lima (UFPI)

 Documento assinado digitalmente
ANDREA DA SILVA PEREIRA
Data: 20/08/2025 14:43:33-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Andrea da Silva Pereira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 08 de agosto de 2025.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	9
1.1 Justificativa	12
1.2 Alguns aspectos da cidade de União dos Palmares.....	13
1.3 Um pouco da história da Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento	15
1.4 Quanto à contextualização do campo da pesquisa.....	16
1.5 Quanto aos participantes da pesquisa	18
2. Metodologia.....	19
2.1 Quanto à tipologia da pesquisa.....	20
2.2 Quanto à coleta de dados e seus instrumentos.....	21
2.3 Quanto à análise e interpretação dos dados	22
3 Discurso, texto e charge.....	22
3.1 Discurso.....	24
3.1.1 Percurso histórico da AD de linha francesa	27
3.1.2 Tópicos importantes na AD de linha francesa	29
3.1.3 A estrita relação da linguagem com o marxismo	36
3.1.4 Conceitos pertinentes do marxismo.....	38
3.3 Charge.....	41
3.4 Considerações sobre a leitura e produção textual em sala de aula	43
4. Sequências didáticas.....	46
5. Registro das aulas.....	49
5.1 Registro das aulas 1 e 2 — 4/11/2024.....	49
5.2 Registro das aulas 3 e 4 – 05/11/2024.....	56
5.3 Registro da aula 3 - Aula 5 – 06/11/2024	61
5.4 Registro das aulas 6 e 7 – 11/11/2024	64
5.5 Registro das aulas 8 e 9 – 12/11/2024	68
6. Análise das charges.....	72
6.1 Discurso de julgamento social.....	73

6.2	Discurso ecológico.....	84
6.3	Discurso racista.....	90
6.4	Discursos sobre questões sociais e de problemas da contemporaneidade	93
6.5	Discurso sobre violência de gênero	102
7.	Reflexões acerca da pesquisa e considerações finais	106
	REFERÊNCIAS	110

RESUMO

Este estudo busca identificar e compreender as práticas sociais discursivas presentes nas produções textuais do gênero charge elaboradas por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual no interior de Alagoas. O objetivo da pesquisa é aprimorar e ampliar as noções de produção textual, melhorar os níveis de interpretação e compreensão textual, e promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos em relação às questões sociais e políticas contemporâneas. Dessa forma, esta pesquisa terá como principal orientação teórica os estudos de Análise do Discurso a partir dos trabalhos de Orlandi (2006; 2007; 2012; 2015), Pêcheux (1997), Silva Sobrinho (2019). Além disso, serão mencionados teóricos de outras áreas do conhecimento que auxiliarão a subsidiar esta pesquisa, tais como da Pedagogia, das Ciências Sociais, da Psicologia entre outros. Por conseguinte, as análises desenvolvidas permitiram evidenciar os efeitos positivos da pesquisa, expresso notadamente pelo aprimoramento da reflexão crítica demonstrada pelos discentes diante das aulas, discussões e atividades propostas, centradas em temas contemporâneos representados por meio de charges, bem como na produção textual desse gênero. Tal resultado aponta possibilidades promissoras para futuras práticas pedagógicas em aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Produção textual; charge; Análise do Discurso.

RESUMEN

Este estudio busca identificar y comprender las prácticas discursivas sociales presentes en las producciones textuales del género caricatura, elaboradas por estudiantes de 8º grado de la Educación Fundamental en una escuela pública del interior de Alagoas. El objetivo de la investigación es mejorar y ampliar las nociones de producción textual, elevar los niveles de interpretación y comprensión textual, y promover el desarrollo de la conciencia crítica de los estudiantes respecto a las cuestiones sociales y políticas contemporáneas. Así, se fundamenta principalmente en los estudios de Análisis del Discurso de Althusser (2022), Orlandi (2006; 2007; 2012; 2015), Pêcheux (1997) y Sobrinho (2019). Además, se incluirán teóricos de otras áreas del conocimiento, como Pedagogía, Ciencias Sociales, Psicología y otras, para respaldar esta investigación. De este modo, los análisis desarrollados permitieron evidenciar los efectos positivos de la investigación, especialmente por la reflexión crítica demostrada por los estudiantes ante las clases, discusiones y actividades propuestas, centradas en temas contemporáneos representados por medio de viñetas. Este resultado señala posibilidades prometedoras para futuras prácticas pedagógicas.

Palabras clave: Producción textual; caricatura; análisis del discurso.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras (Profletras) analisa os efeitos de sentidos da charge nas produções textuais dos/as alunos/as do oitavo ano da Escola Dr. Paulo de Castro Sarmiento, localizada na cidade de União dos Palmares, Alagoas, localizada na zona da mata do Estado.

O presente estudo reconhece a importância dos gestos de leitura e produção textual no desenvolvimento educacional e social dos/as estudantes/as. Nesse sentido, a charge, como forma de expressão visual e textual, abre portas para analisar os discursos sobre questões cotidianas e problemas sociais contemporâneos.

Diante do espaço escolar no qual estou inserido enquanto professor, destaco que propus realizar essa pesquisa em uma turma do oitavo ano por ser um desafio pedagógico, já que se trata de uma turma com 26 estudantes, provenientes de localidades distintas do município, com uma gama variada de perfis. Isso inclui desde aqueles/as que vão à escola buscando segurança alimentar na merenda até aqueles/as que veem na escola uma fuga dos conflitos domésticos que os cercam.

Além disso, desde o início do ano letivo de 2024, grande parte dos/as alunos/as apresentou um comportamento instável, com indisciplina, inquietude e desinteresse. Durante minha jornada com essa turma, costumava atribuir a “culpa” da desmotivação deles/as às suas próprias condutas, individualizando os sujeitos. Até que um dia, resolvi realizar uma atividade de leitura no estilo de roda de conversa, na qual o assunto da aula não se restringiu ao texto em si, mas se expandiu para assuntos de âmbito pessoal e social. A partir disso, através das falas desses/as estudantes, percebi que vários problemas sociais os permeavam, tais como a violência de gênero que as mães desses alunos/as sofrem de seus companheiros, o alcoolismo, o problema do tráfico de drogas nas comunidades em que eles/as residem, o desemprego, entre outros.

Levando essas questões em consideração, notei que parte de sua indisciplina é uma forma de expressão das adversidades que enfrentam em seu dia a dia. Portanto, também percebi que havia falhado na interpretação dessa questão, pois ainda não tinha me disposto a ouvi-los. Ao fim de tudo, perguntei-lhes se tinham gostado da aula e eles/as responderam da seguinte maneira: "Gostamos, professor!", "Traga mais aulas assim para a gente!". Desse modo, pude perceber o início da mudança na forma como eles/as me viam, tanto como indivíduo quanto como docente. Isso sinalizou um horizonte para o estabelecimento de uma relação mais confiável e parceira entre professor/a e alunos/as, possibilitando assim a criação da proposta de pesquisa de análise dos discursos na produção de charge em sala

de aula, uma forma de dar voz aos/às estudantes sobre os problemas sociais que os/as estudantes vivenciam.

Dentro dessa perspectiva no contexto de sala de aula, o papel dos textos multimodais, tal como é a charge – foco desta pesquisa, destaca-se como uma maneira envolvente de expressão. Por isso, a intenção não é somente compreender como os alunos/as se relacionam com textos do gênero charge, mas também examinar como essas formas de expressão refletem suas visões e perspectivas individuais. Ao refletir sobre suas criações, busco ir além da superfície e adentrar nas camadas mais profundas das interpretações e nas mensagens que são expressadas por eles/as. Nesse sentido, é fundamental construir um ambiente questionador e crítico para incentivar discussões e reflexões aprofundadas.

Como pesquisador, embarco nessa jornada com curiosidade e entusiasmo. Dessa maneira, esse estudo tem o objetivo de descobrir as nuances das representações discursivas dos/as alunos/as e, ao mesmo tempo, enriquecer minha própria compreensão e prática social. Ao mergulhar na rica tapeçaria da linguagem das charges e nas visões de mundo dos alunos/as, espero proporcionar uma voz autêntica às suas perspectivas e contribuir para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais inclusivas e eficazes no que diz respeito à aprendizagem e ao pensamento crítico. Através dessa pesquisa, tive o objetivo de não apenas expandir o conhecimento acadêmico, mas também contribuir para uma educação que valorize a criatividade e a expressão individual como pilares fundamentais do crescimento educacional e pessoal. Já que, também, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino fundamental, em sua segunda etapa, orienta que o/a docente de Língua Portuguesa possa trabalhar o gênero, em questão, como forma de oportunizar o aprimoramento do senso crítico do alunado:

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos (BRASIL, 2018, p. 177).

Tendo em vista no que foi discutido acima, a produção textual é uma habilidade crucial no desenvolvimento educacional e social dos/as estudantes. Marcuschi (2008) destaca que os gêneros textuais não apenas facilitam a interação social, mas também favorecem o aprimoramento das habilidades de leitura, escrita e expressão oral dos/as alunos/as. Nesse sentido, os textos multimodais, como forma de expressão visual e textual, proporcionam uma oportunidade valiosa para os/as alunos/as explorarem a comunicação persuasiva e a construção de discursos sobre questões do cotidiano e de problemas sociais contemporâneos.

Ademais, há a preocupação acerca da preparação dessa turma para as avaliações em larga escala futuras, tais como: a prova do Sistema Nacional de Avaliação do Sistema

Básico (Saeb), a seleção para cursar o ensino médio técnico no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre outras. Isto denota a importância de preparar estes/as discentes para componentes avaliativos desses tipos, conforme bem mencionou Alício e Poli (2014, p.5):

A avaliação em larga escala é um importante instrumento, não apenas para avaliar as políticas públicas educacionais desenvolvidas, mas também para auxiliar na construção de propostas que contribuam no processo de ensino e aprendizagem.

Mesmo considerando os aspectos quantitativos, centrando-se no rendimento do aluno, atribuindo responsabilidade dos baixos índices à gestão e aos professores, sofrendo interferência de muitos fatores externos, a avaliação deve ser vista com o enfoque diagnóstico para contribuir no direcionamento de ações no enfrentamento dos problemas.

Avaliações em larga escala orientam ações e metas pedagógicas nas escolas, enfatizando aspectos quantitativos, como aponta Saviani (2003). Elas mobilizam atores escolares para alcançar objetivos, pois índices numéricos refletem o ensino e aprendizagem e avaliam impactos de políticas públicas municipais, estaduais e federais. Contudo, a avaliação qualitativa, conduzida pelo docente com o corpo pedagógico, é essencial por considerar aspectos individuais e contextuais de cada aluno/a. Diante disso, é fundamental integrar dados qualitativos e quantitativos para uma compreensão holística do desempenho de alunos, docentes e da instituição.

Ainda, nesse sentido, tais exames, os quais são compostos por questões, geralmente por meio de provas objetivas, e, quase sempre, com a presença da disciplina de Língua Portuguesa ou de Linguagens tem-se a avaliação de interpretação e compreensão de textos junto às noções de gramática normativa, e que se utilizam da charge como meio para apreciação dessas competências, já que este gênero textual costuma oferecer agilidade na leitura e possibilitar uma análise mais apurada com base no conteúdo o qual menciona.

Em contraponto, avaliações em larga escala, com provas objetivas de Língua Portuguesa e uso de charges, medem interpretação e gramática, mas priorizam o quantitativo, negligenciando nuances como a criatividade e o contexto sociocultural, melhor captadas por métodos qualitativos. A ênfase em índices numéricos simplifica o ensino e a aprendizagem, exigindo a integração com avaliações qualitativas para uma visão completa das múltiplas realidades vivenciadas pelos/as discentes.

À luz do que foi exposto, as seções seguintes tratarão de explicitar informações e tópicos introdutórios importantes, tais como: a justificativa, a história da instituição e o contexto escolar envolvido. Já adiante, será apresentada a fundamentação teórica, em seguida a exposição das sequências didáticas, logo após, a análise do *corpus* de pesquisa e, por fim, as considerações finais.

1.1 JUSTIFICATIVA

A compreensão dos processos de produção textual dos/as alunos/as, especialmente em um meio criativo como textos multissemióticos, em que se utilizam uma gama variada de linguagens, podem lançar luz sobre suas percepções, valores e habilidades discursivas. Além disso, uma análise desses textos produzidos pelos/as alunos/as pode fornecer reflexões valiosas para os/as professores/as da área. Isso permite a adaptação de abordagens pedagógicas que promovam a competência comunicativa e a percepção analítica da realidade, sobretudo no aprimoramento da compreensão e da interpretação de textos. Nesse contexto, Marcuschi (2008) ainda diz que “Não devemos imaginar que a distinção entre gênero e tipo textual forme uma visão dicotômica, pois eles são dois aspectos constitutivos do funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária” (p.156). Diante disso, o texto, dentro da realidade pedagógica, deve ser sempre pensado em sua competência interacional.

Por isso, decidi pela análise do discurso na produção de textos do gênero charge por alunos/as de uma turma do oitavo ano da escola estadual em que leciono, conforme já mencionei, na cidade de União dos Palmares, Alagoas. Assim sendo, essa escolha foi impulsionada pela minha concepção a respeito da importância da expressão criativa como uma ferramenta educacional transformadora, pois como professor, sempre acreditei na capacidade das artes visuais, em especial do desenho, e da linguagem para capacitar os alunos/as a explorar, questionar e comunicar sobre assuntos relativos à sociedade contemporânea. Nessa linha, a Análise do Discurso (AD) me serviu como base para compreender as subjacências das suas produções textuais, já que esses textos veiculam mensagens com valores ideológicos que os/as discentes são afetados em seu cotidiano, tendo em vista que uma das icônicas especialistas da área, Orlandi (2012, p.15) tem a concepção que: “A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”.

Dessa maneira, penso que o desenvolvimento dessa pesquisa possa melhorar a compreensão e a interpretação de textos dos mais diversos gêneros textuais, já que as charges lidam com temas sociais, culturais, econômicos e políticos.

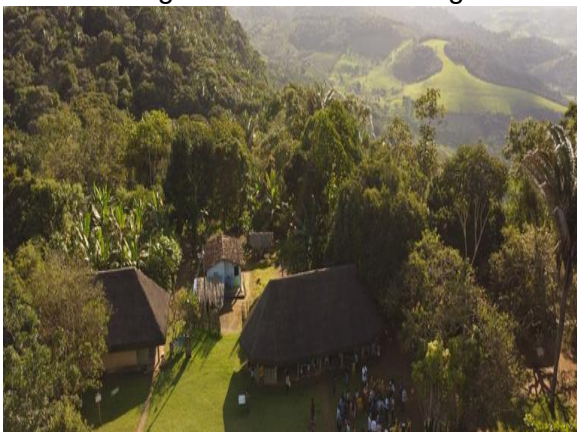
Ainda, dentro dessa linha, compreendo a educação e as ações de intervenção, tal como é proposto pelo programa Profletras, como uma das formas de superar os desafios de aprendizagem enfrentados por esses/as discentes. Essa abordagem dá voz aos seus discursos e promove a construção de conhecimentos, formando agentes

de transformação social autônomos. Na verdade, esse processo é um meio para consolidar a cidadania e superar as desigualdades que muitos desses meninos e meninas enfrentam em suas vivências. Como bem pontuou Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (p. 67; 2000). Nesse sentido, o ilustre educador afirma que a escola precisa da sociedade e a sociedade precisa da escola; é um tecido social que se torna pleno quando o cidadão reconhece, por meio da leitura e da interpretação crítica do mundo, sua posição nele. As charges, por exemplo, são instrumentos concisos que utilizam humor e provocação para instigar questionamentos sobre os conflitos sociais que nos cercam, como dito há a pouco. Dessa forma, um dos meus objetivos foi proporcionar aos/às estudantes uma noção de descontração, provocação e criticidade em relação aos conflitos e contradições do nosso próprio tempo.

Posto isso, reafirmo que o presente estudo teve como propósito estimular o senso crítico dos/as alunos/as e, assim, melhorar a percepção dos textos lidos, já que na execução de minhas aulas percebi muitos desses/as discentes possuem um entendimento bastante superficial naquilo que leem.

1.2 Alguns aspectos da cidade de União dos Palmares

Imagem 1 - Serra da Barriga



Fonte: Fundação Palmares, out., 2023

Imagem 2 – Localização de União dos Palmares



Fonte: Wikipédia (2006)

A cidade de União dos Palmares, situada na bela Zona da Mata alagoana, é uma cidade que possui em suas origens uma vasta história de luta e diversidade cultural. Localizada a cerca de 73 quilômetros de Maceió, essa cidade abrange cerca de 427 km², sendo banhada pelo Rio Mundaú, que percorre suas áreas e configura sua geografia. Com uma população aproximada de 59.280 habitantes, conforme o Censo de 2022 do IBGE, União dos Palmares se destaca como o núcleo regional da

microrregião serrana dos quilombos, fazendo divisa com cidades como Santana do Mundaú, São José da Laje e Branquinha. A sua paisagem, cercada pela Serra da Barriga e pela vibrante vegetação da Mata Atlântica, proporciona à área uma riqueza natural que se relaciona com seu histórico passado.

A história de União dos Palmares está intimamente ligada ao Quilombo dos Palmares, um dos maiores ícones de resistência à escravidão nas Américas. No final do século XVI, escravizados negros que escaparam dos engenhos de Alagoas e Pernambuco encontraram refúgio na Serra da Barriga, onde estabeleceram a chamada Cerca Real dos Macacos, o início do quilombo. Sob a liderança de líderes como Ganga-Zumba e, posteriormente, Zumbi, o Quilombo dos Palmares chegou a acolher cerca de 30 mil pessoas, ocupando uma área de 200 km² entre Alagoas e Pernambuco. Estruturado como uma república autônoma, com plantações de milho, mandioca e banana, o quilombo sobreviveu por cerca de um século até ser destruído em 1695, com o assassinato de Zumbi, bastante rememorado atualmente, em todo o país, como o Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro.

O povoado que originou a cidade surgiu no século XVIII, às margens do Rio Mundaú, que era inicialmente denominado Macacos. Cerca de 1730, o português Domingos de Pino ergueu uma capela em homenagem à Santa Maria Madalena, que se transformou na padroeira da região e conferiu ao povoado seu primeiro nome oficial. Em 1831, a localidade foi desmembrada de Atalaia e recebeu o nome de Vila Nova da Imperatriz, em tributo à Imperatriz Amélia. O nome União apareceu em 1890, refletindo a ligação ferroviária entre Alagoas e Pernambuco, e, em 1944, foi solidificado como União dos Palmares, fazendo alusão ao quilombo, para diferenciar a cidade de outros municípios com o mesmo nome.

Culturalmente, União dos Palmares é um painel de influências africanas, indígenas e europeias. A cidade é o lar do poeta Jorge de Lima, famoso como o “príncipe dos poetas de Alagoas”, cuja residência contém o Memorial Jorge de Lima, um local que resguarda sua lembrança. Outro aspecto cultural é a Casa de Maria Mariá, um museu que coleta itens da historiadora Maria Mariá de Castro Sarmiento, ilustrando a vida na Zona da Mata. A comunidade quilombola de Muquém, localizada a 5 km do centro, preserva a tradição do artesanato em barro, passada de geração para geração. A Festa da Padroeira Santa Maria Madalena, em fevereiro, e a Festa do Milho, em junho, são eventos que solidificam a identidade festiva da cidade, ao

passo que o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, aberto em 2007 na Serra da Barriga, atrai turistas interessados na história afro-brasileira.

No aspecto social, União dos Palmares lida com dificuldades comuns a municípios menores, como a falta de infraestrutura de saneamento, o que afeta a saúde da comunidade, resultando em 398 óbitos associados a enfermidades devido ao saneamento deficiente entre 1996 e 2020, conforme dados do DataSUS. Mesmo assim, a economia da região é ativa, apoiada pelo comércio, agricultura (com ênfase na cana-de-açúcar e banana) e criação de gado. A feira ao ar livre, que ocorre quatro vezes por semana, é um elemento fundamental econômico e social, dinamizando a cidade e gerando empregos para muitos habitantes. A população afrodescendente, que corresponde a 66,6% dos residentes, de acordo com a Fundação Cultural Palmares, exerce grande influência na cultura, evidente em manifestações como o Samba-de-matuto e as Taieiras.

Já a Serra da Barriga, reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1986 e considerada Patrimônio Cultural do Mercosul em 2017, constitui o centro simbólico de União dos Palmares. Além de sua relevância histórica, o espaço é sagrado para religiões de origem africana, com a Lagoa dos Negros servindo como um local de rituais. A cidade, chamada de “Terra da Liberdade”, reflete em sua essência a busca por igualdade e a manutenção de sua herança cultural. Entretanto, a valorização de sua trajetória e o aporte em infraestrutura ainda são etapas fundamentais para que União dos Palmares atinja seu pleno potencial como um centro de memória e progresso regional.

1.3 Um pouco da história da Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento

Inaugurada no dia 9 de março de 1971, a Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmiento foi criada pensando em atender as demandas da comunidade do bairro Cohab Velha, da cidade de União dos Palmares, Alagoas. Seu nome homenageia a ilustre figura do Dr. Paulo de Castro Sarmiento, um destacado advogado e promotor palmarino, o qual teve uma notável carreira acadêmica, estudando em diversas instituições renomadas em sua área do Direito, formando-se, nesse curso, no ano de 1950.

Além disso, Dr. Paulo de Castro começou sua jornada como professor de Língua Francesa e, posteriormente, tornou-se secretário do ginásio Santa Maria Madalena, um dos mais importantes da cidade. Posteriormente, atuou como

secretário de administração do município e, também, foi promotor público por dois anos na comarca de Mata Grande, no mesmo estado. Diante disso, sua habilidade na oratória e seu comprometimento com a justiça o tornaram uma figura honrosa e respeitada dentro da sociedade palmarina.

Ele faleceu no dia 13 de outubro de 1967, porém deixou um grande legado que é celebrado até os dias de hoje. E por conseguinte, anos mais tarde, houve a criação da escola levando o seu nome como uma forma de resgatar e honrar sua memória, promovendo os valores sociais e educacionais que ele apoiou em vida. Além da escola, o poder público municipal, também, nomeou uma rua e uma praça, destacando suas contribuições para a cidade de União dos Palmares.

1.4 Quanto à contextualização do campo da pesquisa

Imagem 3 - Fachada da Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmento



Fonte: O autor (2024)

O presente estudo, como já mencionado foi realizado na Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmento, pertencente à rede estadual de ensino, localizada na zona urbana, da cidade de União dos Palmares, interior do estado de Alagoas.

É importante mencionar que a referida instituição é um escola em tempo integral que abarca alunos/as da segunda etapa do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, com um total de 174 alunos/as, distribuídos em seis turmas, cuja faixa etária varia entre 10 a 14 anos. Além disso, os/as estudantes são oriundos da zona urbana e rural do município, com perfis socioeconômicos e de aprendizagem diferenciados.

No que diz respeito à infraestrutura escolar, a escola conta com seis salas de aulas em funcionamento, uma biblioeteca, um laboratório de informática, uma quadra

de esportes, um refeitório, banheiros, vestiários, pátio e os espaços da direção, da coordenação pedagógica e a secretaria escolar.

Imagem 4- Quadra de esportes da escola



Fonte: O autor (2024)

Imagem 5 - Laboratório de informática e de ciências da escola



Fonte: O autor (2024)

Imagem 6 - Biblioteca da escola



Fonte: O autor (2024)

Imagem 7 - Pátio da escola



Fonte: O autor (2024)

Encerrada esta apresentação, na próxima subseção, irei apresentar as características peculiares da turma do oitavo ano, foco desta pesquisa, bem como as expectativas para as futuras intervenções em sala de aula.

1.5 Quanto aos participantes da pesquisa

Como foi dito, a presente pesquisa faz uma análise discursiva das práticas sociais presentes nas produções textuais, do gênero charge, produzidas pelos/as alunos/as do oitavo ano da Escola Estadual Dr. Paulo de Castro Sarmento, localizada na cidade de União dos Palmares, Alagoas. Ademais, este estudo é direcionado a uma turma composta por 26 aluno/as, com idades entre 12 a 14 anos, provenientes tanto da zona urbana quanto da zona rural, apresentando perfis socioeconômicos, de comportamento e de aprendizagem diferentes.

É importante ressaltar que a escolha desse tema se justifica pela necessidade de compreender e intervir de forma eficaz e pedagógica nas práticas sociais de linguagem, visando à melhoria do desempenho escolar desses discentes, especialmente no que tange ao ensino de Língua Portuguesa. Portanto, ao analisar as produções textuais desses/as estudantes, identifico os discursos e as práticas sociais subjacentes, além disso, compreendo como estas influenciam a construção de sentidos e a interação na sala de aula.

Assim sendo, essa pesquisa poderá contribuir de forma significativa para a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos/as alunos/as. Dessa maneira, ao compreender as práticas sociais presentes em suas produções de texto, será possível oferecer intervenções mais adequadas, voltadas para o desenvolvimento das

habilidades linguísticas e comunicativas desses/as estudantes. Além disso, espera-se promover uma reflexão crítica sobre as diversas formas de expressão e de interação social, favorecendo a construção de uma convivência escolar mais harmoniosa e inclusiva.

Ademais, saliento que a realização deste estudo está pautada pelos preceitos éticos de pesquisa visto que foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Alagoas. Por isso, todos os participantes e seus respectivos responsáveis foram devidamente informados sobre os objetivos e procedimentos de pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Consentimento.

Diante do que fora discutido, esta introdução delineou os objetivos, o contexto e a relevância da pesquisa, que busca explorar o uso de charges como recurso pedagógico no ensino de Língua Portuguesa numa turma de oitavo ano, do ensino fundamental. Sendo assim, a seguir, será apresentada a metodologia do trabalho, definindo os procedimentos adotados; depois, será abordado um tópico com a revisão teórica acerca das noções de discurso, de texto e do gênero charge, fundamentando o estudo. Logo depois, serão apresentadas as sequências didáticas, bem como o registro das nove aulas que embasaram esta pesquisa, oferecendo um panorama prático da aplicação. Em seguida, será feita a análise das charges, divididas em cinco categorias discursivas, permitindo uma compreensão detalhada dos dados coletados. E finalmente, serão feitas reflexões sobre os resultados obtidos, acompanhadas das considerações finais, que sintetizarão as contribuições e implicações deste trabalho.

2. METODOLOGIA

A metodologia desempenha um papel fundamental na pesquisa, pois delineia o caminho teórico e analítico que guiará a investigação, estabelecendo as concepções que sustentam a ação do/a pesquisador/a em sua interação com a realidade a ser compreendida e analisada.

Portanto este capítulo introduz o delineamento metodológico adotado na condução desta pesquisa, cujo objetivo principal foi promover estratégias para o aprimoramento da leitura, do senso crítico, da produção e da interpretação textual em uma escola da rede pública estadual de Alagoas, por meio de um estudo centrado na análise discursiva das charges produzidas por alunos/as de uma turma do oitavo ano.

Assim sendo, esta sessão está estruturada em três pontos que foram distribuídos da seguinte maneira: 2.1 Quanto à tipologia da pesquisa; 2.2 Quanto à coleta de dados e aos instrumentos e, por fim, 2.3 Quanto à análise e interpretação dos dados.

2.1 Quanto à tipologia da pesquisa

Mattos (2011) se refere à etnografia como uma forma de investigar como as pessoas vivem suas vidas cotidianas para compreender o significado de suas ações. Já Thiollent (1986) define a pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social que envolve a colaboração entre pesquisadores/as e participantes para resolver problemas coletivos.

Tendo em vista isso, ao adentrar na escola e observar o ambiente, tive a pretensão de capturar a realidade cotidiana dos alunos/as, permitindo que a pesquisa não seja uma análise distante, mas sim uma exploração contextualizada de suas vidas e ambientes. Além disso, essa abordagem colaborativa alinha-se ao meu desejo de tornar a pesquisa um veículo para contribuir positivamente para a educação e o desenvolvimento dos/as alunos/as. A compreensão das representações e a promoção da reflexão crítica não só podem enriquecer a experiência pedagógica, mas também influenciar futuras práticas docentes.

Portanto, nesta pesquisa, adotei uma abordagem combinada de pesquisa-ação e etnografia para investigar as representações discursivas dos/as alunos/as por meio da produção de charges. O processo envolveu sessões de criação do gênero estudado, durante as quais registrei as minhas interações com eles/as e minhas discussões, seguidas por análises dos seus escritos quanto a temas, estilos discursivos e estratégias argumentativas. Complementando essa análise, realizei reflexões participativas e observações etnográficas na escola para entender as perspectivas e contextos dos alunos/as. Dessa forma, a integração desses dados permitiu uma compreensão abrangente das representações que tenho dos/as alunos/as e como essas refletem as minhas visões sobre questões sociais, políticas, econômicas e culturais acerca deles/as.

Logo, esse processo contribuiu para aprimorar a minha competência comunicativa, como professor, e promover a reflexão crítica, além de enriquecer as abordagens pedagógicas que tenho.

2.2 Quanto à coleta de dados e seus instrumentos

No que diz respeito à obtenção de dados e aos instrumentos utilizados, a pesquisa foi iniciada apenas após receber a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa de Seres Humanos, da Universidade Federal de Alagoas - Ufal, a qual faz parte do Centro de Ciências da Saúde da Ufal – CEP/Ufal. Considerando isso, as coletas de dados ocorreram no mês de novembro do ano de 2024. Tendo em visto o que foram mencionados acima e seguindo a orientação metodológica estabelecida, o conjunto de dados analisados na pesquisa foi obtido através dos seguintes instrumentos:

1. Planos de aula detalhados que incluem a exposição do conteúdo programático, recursos utilizados e a produção textual dos/as alunos/as.
2. Registros das aulas práticas, que abrangem as atividades e discussões conduzidas em sala de aula.
3. Execução da oficina de produção textual do gênero charge.

Dentro dessa linha, a execução dessa pesquisa em sala de aula foi dividida em cinco etapas, dentro de atividades planejadas em sequência didática, a qual cada momento correspondeu a uma aula ou a duas aulas seguidas, com duração de até duas horas, com o uso no total de nove aulas ao todo. É fundamental mencionar que essa estrutura foi baseada na ideia de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) acerca da ordenação do sequenciamento de atividades pedagógica, de gêneros textuais:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o/a aluno/a a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (p. 97).

Conforme mencionado em que a organização didática é fundamental para um aprendizado eficaz, o referente estudo terá as cinco etapas organizadas dessa maneira:

1ª ETAPA: Realização de uma roda de conversa, com os/as alunos/as, e apresentação do gênero charge, discutindo, junto aos/as discentes, suas características, exemplos e sua importância política e social;

2ª ETAPA – Debate, junto aos/às discentes, sobre os assuntos da atualidade com base do gênero charge, bem como aplicação de exercícios de leitura, compreensão e interpretação de texto;

3ª ETAPA – Exibição dos dois curtas metragens: *Dudu e o lápis cor de pele* e *Crisálida* – dois vídeos que se aproximam dos problemas da contemporaneidade, abordando questões raciais e das dificuldades da pessoa com deficiência na sociedade, os quais são muito discutidos em charges.

4ª ETAPA- Aplicação de exercícios de fixação com base no gênero estudado.

5ª ETAPA- Execução da oficina de produção das charges a qual será o produto e principal desta pesquisa junto ao exercício de revisão.

2.3 Quanto à análise e interpretação dos materiais discursivos

Após a coleta do material de estudo, os dados discursivos foram analisados, comparados e interligados para determinar em que medida as atividades de leitura, interpretação e produção textual das charges podem influenciar positivamente na habilidade de escrita e leitura, bem como a compreensão em relação ao mundo que os cerca. Nesse contexto, visou-se auxiliar os/as estudantes/as na identificação das dinâmicas socioeconômicas em que estão inseridos, bem como na interpretação das questões sociais e políticas contemporâneas. Ainda, destaco que tanto a expressão verbal quanto a não-verbal das ideias, mas também como as intervenções propostas, visaram estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem mais eficaz com o objetivo de estimular nos/as discentes, em questão, uma maior imersão na compreensão do mundo por meio das múltiplas linguagens dentro da língua portuguesa.

3. Discurso, texto e charge

A intersecção entre discurso, texto e charge constitui um campo notável para se realizar a análise das práticas sociais, sobretudo no contexto do ensino fundamental, em que as produções de sentido se articulam com as interações entre professor/a e aluno/a.

Nesse sentido, o presente capítulo tem a proposta de explorar a relação entre esses elementos, bem como também suas particularidades e consequentemente posicionando, desse jeito, a charge como um gênero textual que mobiliza estratégias

discursivas para retratar críticas, reflexões e posicionamentos sobre questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Pela sua natureza híbrida, combinando elementos verbais e não verbais, a charge atua como um mecanismo de comunicação que estimula o senso crítico e o engajamento com questões do mundo real, sendo relevante tanto para a análise discursiva quanto para a prática pedagógica, especialmente no ensino básico. Nesse sentido, esta dissertação investiga como alunos/as do oitavo ano, da segunda etapa do ensino fundamental, ao criarem suas próprias charges, constroem significados, negociam identidades e ideologias e expressam múltiplos discursos relacionados aos contextos socioculturais que os cercam.

Tomando como base o que foi discutido, a análise discursiva, neste trabalho, enfoca-se nas contribuições da Análise do Discurso e, em especial, nos trabalhos dos linguistas Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

Pêcheux (1997), por exemplo, entende o discurso como uma prática que não só reflete, com constitui as relações sociais, sendo permeado por condições históricas e ideológicas que determinam o que pode e por quem pode ou não ser dito. Para ele, o discurso é um espaço de conflito de sentidos, em que diferentes falas e posicionamentos se confrontam. Na linha desse pensamento as charges condensam divergências e tensões sociais de forma sintética, expressiva e inteligente.

Orlandi (2015) enfatiza a materialidade do discurso, destacando sua inscrição em textos e contextos específicos, como a sala de aula, em que os sujeitos produzem e expressam sentidos a partir de suas condições de produção. Desse modo, o referido gênero, nesse sentido, é visto como um texto que traz consigo marcas de historicidade e subjetividade, permitindo aos/às alunos/as externalizarem suas visões de mundo e se posicionarem criticamente diante dos fatos da realidade.

No âmbito da sala de aula, a charge se destaca como uma ferramenta didática que favorece o desenvolvimento da consciência crítica e da criatividade. Por sua capacidade de sumarizar questões complexas em imagens e textos concisos, ela possibilita que os/as discentes explorem temas relevantes de maneira acessível, promovendo reflexões sobre a sociedade e suas dinâmicas. Já a escolha do oitavo ano como foco desta pesquisa justifica-se pelo momento de transição vivido por esses/as estudantes, que começam a desenvolver maior capacidade de abstração e comprometimento com causas sociais, tornando a produção de charges uma atividade propícia para a expressão autoral e a formação de uma postura crítica. Além disso, a

prática de criação de charges em sala de aula estimula a interdisciplinaridade, conectando áreas como Língua Portuguesa, Artes Visuais, História, Geografia e Ciências Sociais, e contribuindo para uma abordagem mais integrada do conhecimento.

No contexto discursivo, a charge, enquanto gênero textual, revela as dinâmicas de uma sociedade orientada pela rápida circulação de informações e pela preponderância de discursos visuais. Sua estrutura que, frequentemente, combina humor, ironia e crítica, faz da charge um espaço privilegiado para a análise dos processos de significação e das práticas discursivas. Ao produzir charges, os/as alunos não criam apenas textos, mas participam de um processo de construção de sentido que revela suas experiências, valores e interações formadas com o mundo. A análise da produção dos/as estudantes, a partir da perspectiva da construção do discurso, permite a compreensão das posturas dos/as discentes face aos temas abordados, dos recursos discursivos que utilizam e das condições de produção que influenciam sobre sua apropriação.

Este capítulo também reconhece o potencial da charge como prática educativa que se estende para além da criação artística, atuando como um ato de intervenção no mundo. Ao produzirem charges, os/as alunos/as questionam realidades, garantem reflexões e se reconhecem como sujeitos ativos na construção do discurso. Além disso, a análise do discurso destas produções oferece uma oportunidade para investigar o que os/as estudantes expressam, mas também como e por que o fazem, revelando as condições históricas, sociais e culturais que caracterizam seus discursos. Desta forma, a charge se constitui como um instrumento para a emancipação, permitindo que eles/as explorem sua voz e se engajem criticamente com a realidade.

Além do mais, as próximas subseções abordarão de forma específica os tópicos relevantes acerca das temáticas: discurso, texto e charge, respectivamente. Discutindo e ponderando, dessa maneira, com mais completude os principais referenciais teóricos particular de cada um dos três temas, bem como seus conceitos mais relevantes.

3.1 Discurso

Sabe-se que a comunicação é o fator essencial em nossa sociedade, sem ela é impossível estabelecer um ponto em comum com o outro. Porém, a interação entre sujeitos é permeada e regulada por palavras, dentro de uma língua que é parte da

cultura de um povo, de uma comunidade, de uma geração ou de qualquer grupo específico. É preciso esclarecer que, obviamente, uma língua é composta por palavras, as quais são carregadas de significado; contudo estes significados mudam conforme o contexto comunicativo e as condições de produção do discurso, a posição que alguns dos falantes assumem ou as ideias defendidas por cada um/a deles/as.

E, mais que isso, tais palavras podem ser interpretadas e analisadas como uma amostragem das marcas histórico-culturais dentro da sociedade, em que muitas vezes não são percebidas pelos indivíduos que as reproduzem. Por isso, a linguagem é o motor que impulsiona diversos contextos comunicativos e que pulsa o coração de nosso tecido social. É por meio dela que encontramos os outros e nos reconstruímos, através deles/as, como sujeitos nas mais diversas práticas sociais.

Assim, esta troca guiada por ideias, sonhos, conflitos, negociações, exposições, bastante comum no cotidiano, não ocorre de forma superficial. Nessa linha, toda forma de comunicação há palavras, gestos, silêncios, expressões faciais todos unidos numa língua que fora construída social e historicamente. Desse jeito, cada palavra que se escolhe, ou até aquelas que escapulam sem querer, trazem um peso, um significado que não é fixo, mas que se comporta conforme o momento, o lugar, a posição de quem fala e de quem ouve. Por isso, as palavras mudam de sentido, como um camaleão que troca de cor conforme o ambiente, adaptando-se a quem as usa, ao que defende ou ao que oculta.

Toda forma comunicativa: palavra, gesto, texto. Revelam traços como pegadas calcadas no barro: trazendo à tona de onde os sujeitos vêm, das histórias que contam, dos valores que acreditam, muitas vezes sem perceber. Isso dão evidências de uma cultura, de uma formação sócio-histórica, de lutas e silêncios que moldam os pensamentos em que se afirmam por ser “legítimo” ou “ilegítimo”, “negativo” ou “positivo”, “polêmico” ou “não”. É partido desse aspecto, é que a Análise do Discurso participa desta pesquisa, justamente para vislumbrar para além das obviedades, para compreender as entrelinhas no funcionamento das palavras que os falantes usam, pois a AD trata o que se diz, mas como se diz, por que se diz, e o que e como isso se reverbera nos indivíduos e na sociedade.

Dentro dessa lógica, a concepção de linguagem da AD tem de ser vista como um terreno com relevo desnivelado, em que o solo esconde várias camadas, rochas

e animais dentro dele. A análise escava todo o subsolo do terreno, penetrando tanto em camadas menos densas ou mais profundas. Assim, é possível notar que nenhuma palavra é carregada de neutralidade, todas são carregadas de algum valor e objetivam transmitir algo aos envolvidos num dado contexto comunicativo.

Nessa maneira, cada frase, cada oração, cada período na prática da linguagem, seja em uma conversa despretensiosa, em um discurso inflamado, notícias de jornal ou em postagens nas redes sociais – carregam um pedaço dos que as pessoas são, do que acreditam, e, também, do que tenta se manter na obscuridade. Do mesmo modo, também, todas as palavras ditas e recebidas se refletem e distorcem nos indivíduos tais como uma imagem vista diante de um espelho.

Ainda nesse aspecto, quando se olha com mais atenção, começa-se a ver com mais vislumbre os fios que compõem a costura dos tecidos da sociedade. Por exemplo, é perceptível notar que, em muitas ocasiões, algumas vozes parecem falar mais alto que outras? Por isso, se é bastante comum ouvir expressões “não tenho voz” ou “não temos voz”, sobretudo, de grupos sociais mais desfavorecidos. Outro exemplo bastante notável ocorre no mundo do noticiário, certas manchetes ganham destaque, enquanto outras são colocadas à margem. Isto não acontece por acaso. O discurso detém essa forma de estruturar o mundo, de dizer quem pode ou não falar, o que se vale a pena escutar, o que deve ficar quieto, o que é ou não é autorizado em reverberar em palavras ou mesmo em gestos.

Em razão disso, estudar a AD é também uma forma de entender o poder, não o derivado de uma hierarquia ou das leis, mas sim aquele que está no funcionamento das palavras, as quais ditam o que é o “normal”, o “possível”, ou o “sociável” sem precisar contestar ou emitir uma ordem.

A AD, ao longo de sua origem, compreendeu o fenômeno do discurso de diferentes formas. Tal como Foucault (1986) em que afirmava o discurso como uma máquina de fabricar verdades, decidindo o que conta como saber em cada época. Ou até Bakhtin (2003), teórico dos gêneros dos discursos, em que enxergava a linguagem como um fio de linha sem fim, com vozes que ora riem, ora se divergem, ora interagem e ora se misturam.

Já no Brasil, a partir de meados da década de 1970, AD começara a ser amplamente divulgada justamente pela sua maneira inovadora de compreender a

língua, e abrir um espaço mais amplo entre a linguística, história e as ciências sociais. Uma das maiores divulgadoras da área, foi a professora e pesquisadora universitária, Eni Orlandi, a qual suas contribuições terão maior cerne nesta pesquisa. A cientista foi bastante influenciada por Michel Pêcheux, que também ocupará destaque neste trabalho. Em suas obras, ela ensina que o analista deve prestar atenção nas coisas que só a história, a linguagem e as particularidades da sociedade podem revelar. Assim, ela nos mostra através dos diversos conceitos que formam a AD, em que serão explanados ao longo dos próximos parágrafos, que o discurso não se traduz em amontoado de palavras sem nenhum significado, é algo dinâmico, vital, que pulsa, se faz e se desfaz.

Ainda mais, o discurso não pode ser apenas encarado naquilo só se diz. Por vezes, para a AD o que mais importa é aquilo que não está superfície da palavra, mas sim abaixo dela. Por vezes, quando se aparece um fato ocorrido na realidade, aqueles que são comumente vistos nos noticiários da televisão ou nas várias redes sociais, hoje em dia, deixam de lado vozes de pessoas que poderiam influenciar ou mudar de curso da versão de uma história. É exatamente nesse ocultamento que a AD se ocupa, pois apesar de não aparecerem a olhar nu, não podem ser encarados como silêncios, e sim como um grito, uma denúncia, uma fala ecoada de um lugar, como já mencionado, não visível. E é através da análise em que se busca entender se tal apagamento ocorreu por complacência, medo ou habitualidade. Logo, o analista é aquele que ler a linguagem com um microscópio. Ele é desconfiado, é cético. E, assim, tem de ser para trazer à baila a completude das palavras.

Diante disso, esta dissertação buscará dar voz a alunos/as do oitavo, de que muitas vezes suas vozes são rechaçadas seja por conta da idade que possuem seja por conta das suas condições socioeconômicas que vivem. Assim, as produções de charges que serão analisadas é uma forma de dar vazão à sua visão crítica de mundo, justamente por este gênero textual oferecer uma forma inteligente em associar texto e imagem.

3.1.1 Percurso histórico da AD de linha francesa

A Análise de Discurso - escola francesa, da qual Michel Pêcheux é um dos representantes, começou a se formar na França durante os anos 1960. Este período foi pontuado por grandes divergências intelectuais, em torno da linguística estruturalista, que tratava a língua como um sistema fechado, a qual passou a ser

criticada por não levar em consideração o contexto social e histórico. Nesse ambiente, novas concepções começaram a aparecer, cujo objetivo era entender a linguagem a partir de suas vinculações com o poder e com as relações sociais. Pêcheux, filósofo e linguista, começou a desenvolver uma abordagem que entendia o discurso como um processo que espelhava e agia sobre a sociedade, em contrapartida ao olhar tradicional que dava foco às palavras e suas constituições. Nessa mesma época, Pêcheux publicou algumas obras que mostravam que o discurso adquire sentido de acordo com um dado momento histórico e condições sociais. O discurso não era visto apenas como comunicação, mas como práticas languageiras.

Pêcheux considerava que a linguagem estava conectada com lutas de poder e definia as possibilidades de dizer ou de pensar das pessoas em uma dada situação. Esse aspecto foi atraindo interesse, sobretudo de acadêmicos que queriam investigar de que maneira a linguagem media as dinâmicas sociais. Na década posterior, Pêcheux continuou a desenvolver sua abordagem, criando instrumentos e meios metodológicos para a realização da análise do texto. Ele se reportou a modos de estudo do discurso que pudessem deixar acessíveis as regularidades que se oferece, ou seja, as ideias que se estendiam, ou as vozes que eram silenciadas, enfim, as noções de sentidos que nas suas palavras dessa forma eram silenciadas.

As ideias de Pêcheux chegaram ao Brasil na década de 1970, em um momento em que o país vivia a transição para a redemocratização, após o período de Ditadura Militar (1964-1985). Este momento de reabertura do país trouxe uma possibilidade para novas formas de pensar, principalmente aquelas que ajudassem a pensar sobre questões de poder, de desigualdade. As universidades brasileiras começaram a se abrir para abordagens que conectassem a linguagem à sociedade e, nisso, as ideias de Pêcheux encontraram espaço nesse contexto. Eni Puccinelli Orlandi, uma linguista que lecionava na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi uma das pesquisadoras que trouxe a reflexão de Pêcheux para o Brasil. Depois de ter estudado na França e entrado em contato com o trabalho do autor, Orlandi começou a apresentar as ideias pecheutianas em suas aulas e publicações, aproximando-as ao contexto brasileiro.

Encontrando dessa maneira, um foco mais específico na forma como a língua reflete a história do Brasil, sua desigualdade e a herança colonial. Orlandi publicou livros que mostravam como o discurso não é só um amontoado de palavras, a

linguagem porta a marca do passado e as marcas da luta social do presente e seus desdobramentos futuros.

Com as publicações, as ideias de Pêcheux foram tornando-se traduzíveis, o que proporcionou aos/às estudantes e professores/as mobilizar tais reflexões para o estudo de textos como notícias, livros escolares ou falas políticas, um eixo que se relaciona diretamente à prática pedagógica.

Com o passar do tempo, Orlandi se tornou uma figura importante na disseminação dessas ideias no Brasil. Ela criou grupos de pesquisa e organizou eventos que juntavam estudiosos interessados em entender a linguagem. Esses esforços contribuíram para levar a abordagem de Pêcheux às universidades de todo o país. Nas décadas de 1980 e 1990, pesquisadores/as brasileiros/as começaram a empregar essas ideias para analisar diferentes tipos de textos, como documentos da ditadura militar e discursos de movimentos sociais atuantes na sociedade brasileira. A abordagem também foi utilizada em áreas como educação e mídia, evidenciando como a linguagem pode tanto reforçar quanto desafiar ideias predominantes, um tema que se conecta como a linguagem influencia a sociedade.

3.1.2 Tópicos importantes na AD de linha francesa

No centro da proposta de Orlandi, em seu livro *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos* (2015), publicado no ano de 1999, o conceito de discurso vai muito além de ver a linguagem apenas como um meio de comunicação. Influenciada por Michel Pêcheux, a autora descreve o discurso, a partir de sua etimologia como: “O discurso é assim a palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2015, p. 13), ressaltando sua essência relacional e histórica ao longo do tempo com o que os falantes reproduzem. Desse jeito, o discurso não é algo isolado; é um processo que se forma na interação entre pessoas, contextos e ideologias. Essa perspectiva sugere que o sentido não é algo fixo, mas sim algo dinâmico e contraditório, moldado pelas condições em que o discurso é produzido.

Para Orlandi, a historicidade é fundamental para entender o discurso. Ela defende que os sentidos são sempre influenciados por práticas sociais e políticas, transformando o discurso em um campo de batalha ideológica. Por exemplo, ao analisar discursos políticos ou midiáticos em um estudo de mestrado sob essa ótica, é possível revelar como algumas narrativas se tornam legítimas em detrimento de

outras, reforçando dinâmicas de poder. Assim, a historicidade convida o/a pesquisador/a a situar o discurso em seu contexto temporal e espacial, evitando interpretações que não considerem o contexto.

Um conceito essencial que merece atenção é o de sujeito, que, na Análise do Discurso, não é visto como um ser soberano ou completamente consciente. Orlandi, alinhando-se à tradição pós-estruturalista, defende que o sujeito “diz, pensa o que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem dele” (Orlandi, 2015, p. 30). Isso implica que sua identidade e habilidade de agir são influenciadas pelas formações discursivas nas quais está inscrito. Essa proposta de descentralização questiona as concepções tradicionais da linguística, que frequentemente conferem ao falante um domínio total sobre suas expressões.

Na prática, esse conceito transforma-se em uma ferramenta eficaz para examinar, por exemplo, narrativas pessoais ou relatos em entrevistas. Nessas situações, o indivíduo pode aparentar estar compartilhando uma verdade pessoal, mas, na verdade, ele é impactado por discursos sociais que definem o que é aceitável ou que não se pode dizer e a historicidade sustentando as palavras que são verbalizadas.

Paralelamente, a noção do silêncio, como a autora apresenta, não se é a falta de fala, mas sim uma prática discursiva de grande significado. O silêncio diz, e seu motivo reside no que não é demonstrado, mas sim sugerido. Assim, ele é tático, podendo atuar como resistência, censura ou apoio a hegemonias. E conforme retratado pela pesquisadora citada:

O silêncio pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Este é uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. (2011, p. 13)

Dessa maneira, examinar o silêncio pode ser particularmente importante em situações de marginalização, como nas vozes negligenciadas em registros oficiais ou na imprensa. Por exemplo, analisar os silêncios em discursos a respeito de políticas públicas pode mostrar quais grupos sociais são frequentemente afastados da narrativa predominante. Esse conceito demanda do/a pesquisador/a a habilidade de perceber além do texto direto, compreendendo o que está implícito nas entrelinhas.

Ademais, a ideologia constitui um componente central na Análise de Discurso (AD) segundo Orlandi, que a descreve como capaz de “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de

existência” (Orlandi, 2015, p.44). Inspirada por Pêcheux e Althusser, a autora argumenta que o discurso é fundamentalmente ideológico, já que reflete e produz relações de poder. A ideologia vai além de ser apenas um conjunto de ideias; é um sistema que torna algumas visões de mundo naturais, fazendo-as parecer universais.

Para o/a pesquisador/a, essa noção é essencial para analisar como as falas legitimam ou contestam as estruturas sociais. Por exemplo, em um estudo sobre publicidade, é possível investigar como a ideologia do consumo impacta as representações de gênero, classe ou etnia, reforçando estereótipos que parecem ser “naturais”. Orlandi enfatiza que “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (Orlandi, 2015, p. 31), apontando que é ela que faz e refaz os sujeitos em suas identidades e posições de poder em que estão inscritos.

Para Orlandi, a paráfrase transcende uma simples reestruturação de frases; é um recurso discursivo que reinterpreta significações, mantendo as características do que foi mencionado. A autora afirma que “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer” (Orlandi, 2015, p. 17). Esse conceito está ligado à memória discursiva, pois a paráfrase traz ecos de falas anteriores, adaptando-os a novas situações de construção.

Na realidade, a paráfrase é um recurso útil para analisar a propagação de conceitos. Em uma coleção de editoriais de jornais, por exemplo, observa-se como alguns temas, como a “crise econômica”, são reescritos com o passar do tempo, passando a ter características que refletem mudanças políticas ou sociais. Por isso, esse conceito é importante em estudos sobre redes sociais, onde postagens frequentemente reescrevem narrativas da mídiáticas ou culturais, provocando efeitos de fortalecimento ou subversão. A análise da paráfrase, conforme mencionado por Orlandi, exige atenção às sutilezas que distinguem a cópia da originalidade.

Na perspectiva da Análise do Discurso, a polissemia é vista como um fenômeno fundamental que é indicador da complexidade e fluidez dos sentidos da linguagem, já que ela costuma romper o processo de significação: “Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (2015, p. 34). Para Orlandi, a polissemia não é meramente a coexistência de vários sentidos para uma palavra ou expressão, mas trata-se de um processo

dinâmico de deslocamento e ruptura dos sentidos sedimentados, que possibilitará a emergência de novas formas de definição e significados no discurso.

Ela articula a polissemia em tensão com a paráfrase, que é outro conceito-chave em sua teoria, já citada anteriormente. De um lado, a paráfrase representa a repetição, a estabilização do sentido, o retorno ao dizível sedimentado na memória do discurso. De outro lado, a polissemia se apresenta como a força de deslocamento, criando cópias e multiplicidades de sentido, rompendo o já dito. Essa relação dialética de paráfrase e polissemia evidencia a incompletude da linguagem, sempre em processo de reformulação, em diálogo com a historicidade e a ideologia dos sujeitos emissores e com a produção de sentidos.

Nos dizeres de Orlandi, a polissemia está conectada à criatividade discursiva, já que a produção de efeitos de sentido originais e múltiplos é condição para a circulação e transformação dos discursos na sociedade. Lembra, ainda, que a polissemia pode ser diversa segundo o tipo de discurso e a posição do sujeito, podendo aparecer mais aberta/lúdica em circunstâncias e mais controlada/autoritária em outras, quando um sentido único e dominante deve ser privilegiado.

Por isso, a polissemia, segundo Eni Orlandi, é uma categoria discursiva que nos permite entender como discursos são espaços de luta e negociação de sentidos e que o mesmo enunciado pode transportar diferentes interpretações, segundo as posições ideológicas, sociais e históricas dos sujeitos que participam da enunciação. Essa visão amplia a compreensão da linguagem para além de um sistema fixo de signos, mostrando-a como um campo aberto e em constante movimento, onde o sentido é sempre provisório e plural.

Em se tratando das condições de produção, podemos dizer que são o conjunto de fatores históricos, sociais e institucionais que determinam como um discurso é produzido e como o discurso é interpretado. A pesquisadora argumenta que só poderá ser entendido o sentido de um discurso se nós levarmos em consideração as condições em que ele emerge. Essas condições englobam o lugar social de quem fala, de quem ouve, o suporte material, como os jornais e as redes sociais, e o momento da história, como bem pontuado, de como o contexto afeta a noção de discurso, pela autora:

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (2015, p. 19)

Assim, esse conceito é fundamental para a pesquisa que visa articular o discurso e suas condições de produção. Por exemplo, ao analisar o discurso sobre mudanças climáticas nos relatórios governamentais, deve-se considerar quem fala (governos, Organizações Não-governamentais (ONGs), Instituições Sociais), para quem (público global, leitores), e em que contexto (crise ambiental, negociações internacionais). Em uma pesquisa em AD, exemplificando, as condições de produção poderiam direcionar o estudo dos discursos digitais, como memes ou hashtags, que tornam sentido em determinadas circunstâncias de *viralização*, e o foco que Orlandi dá a este conceito evidencia a necessidade de análise situada, ao invés de generalizações descontextualizadas.

Em se tratando do trabalho do analista que consiste no gesto de interpretação, Orlandi afirma:

O que se espera do dispositivo do analista é que ele lhe permita trabalhar não em uma posição neutra, mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ele atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. (2015, p.59)

Diante do que fora dita acima, pode-se compreender que o gesto de interpretação não é neutro; ele é um ato situado, que dá conta do lugar do analista no mundo, em que se enxerga a variabilidade de sentido dos discursos a parte do contexto em que foi produzido. Essa noção demonstra que a análise discursiva não consiste numa aplicação mecânica de métodos, mas uma prática reflexiva, em que o/a pesquisador/a dialoga entre o texto, o contexto e sua própria subjetividade.

Na prática, o gesto de interpretação é constitutivo das pesquisas que exigem sensibilidade às sutilezas do discurso. Por exemplo, no caso de entrevistas com professores/as sobre a política educacional, para o analista, torna-se necessário considerar de que maneira sua formação (acadêmica, cultural) impacta na leitura das falas. Diante disso, o gesto de interpretação pode sugerir análises das narrativas orais ou literárias e quanto ao recorte do dado, o/a pesquisador/a deve articular o dito, o não-dito e a sua posição interpretativa, como sugere Orlandi.

A instabilidade dos sentidos é intrínseca ao funcionamento do discurso que não se detêm a uma fixação definitiva, e está interligado com a noção de formação discursiva, pois é nela em que os discursos se constroem, são reformulados, são mudados de significado, pois dependem de uma série de fatores para se constituírem como tais gerando, assim, a fluidez no discurso:

Consequentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo

sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam (2015, p. 40).

Nesse sentido, nota-se que o discurso encontra-se em deriva, pois os significados se deslocam, se transformam e se reconfiguram em novos contextos discursivos. Essa ideia encontra-se na mobilidade dos significados, que nunca são completamente controlados pelo locutor ou pelo analista.

No trabalho do analista, analisar a mudança de sentido é fundamental para estudar discursos em contextos dinâmicos, como redes sociais, lugar em que os sentidos de algum símbolo gráfico, como uma *hashtag*, ou meme mudam rapidamente conforme são apropriados por diferentes usuários. Por exemplo, um estudo sobre campanhas de conscientização pode revelar como mensagens iniciais “derivam” em interpretações inesperadas, refletindo tensões sociais. Em decorrência disso, a instabilidade de sentido pode ser aplicada a análises de discursos políticos, em que *slogans* ou promessas eleitorais ganham novos sentidos em diferentes momentos históricos, desafiando o/a pesquisador/a a rastrear essas transformações.

Por outro lado, um dos efeitos do fenômeno do assujeitamento é o modo como o discurso cria a ilusão de que os seus sentidos são naturais, óbvios ou universais. Orlandi conta que o: “(...) sujeito ao mesmo tempo livre e submisso: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la” (2015, p. 48). A partir disso, pode-se que compreender que o/a falante é livre diante das escolhas linguísticas, lexicais ou sintáticas, que faz na prática, mas não controla os sentidos que vêm carregados nas palavras, pois não são eles/as quem fazem, é toda uma construção sócio-histórica em que é indiferente a liberdade de escolha do sujeito. Por conseguinte, tal conceito está intensamente relacionado à ideologia, pois é pelo efeito de evidência que algumas histórias se legitimam em suas construções políticas. Para o pesquisador, esse efeito é uma ferramenta crítica para identificar discursos dominantes, bem como daqueles em posição subalterna. Em um estudo sobre propagandas de saúde pública, por exemplo, pode-se questionar como mensagens sobre “estilo de vida saudável” apresentam escolhas individuais como óbvias, ignorando no não-dito, determinantes sociais como acesso à alimentação, à higiene, à moradia ou à lazer.

Em AD, esse conceito é valioso para análises de discursos jornalísticos ou jurídicos, em que a linguagem frequentemente busca produzir uma sensação de

verdade inquestionável. A proposta de Orlandi convida o analista a desmontar essas aparências, revelando os interesses que sustentam o discurso.

Já arquivo discursivo, na perspectiva de foucaultiana, pode ser concebido com o conjunto de regras que regula a produção, circulação e funcionamento dos discursos em um dado contexto social e histórico. Dessa maneira, não é só, superficialmente, o agrupamento de discursos, mas a organização que estabelece o que pode ser dito, por quem e como, moldando o que emerge como enunciado válido ou não. Nesse sentido, o arquivo é internalizado pelos sujeitos, evocado por eles/as, mas ao mesmo tempo não ditado ou controlado por estes/as, a não ser pelo memorial coletivo, histórico e ideológico guardando em si mesmos como mencionado pela eminente pesquisadora:

(...) a memória discursiva sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. (2015, p. 54)

Nesse sentido, a memória discursiva é o que, segundo Orlandi, é o "já-dito" que fundamenta o que pode ser dito em determinado discurso, a base histórica e ideológica que possibilita e limita o dito em uma formação discursiva específica. Ela não é a de todos os sentidos possíveis, mas à da formação discursiva legitimamente autorizada, que determina o que pode ser dito ou silenciado numa determinada situação social e política. Orlandi (2015) aponta que a memória discursiva também evoca o passado esquecido no interior do discurso, instaurando uma duplicidade do que foi dito e do que ficou silenciado, produzindo um jogo entre a repetição e o deslocamento de sentidos, o que, por sua vez, possibilita que certos sentidos sejam mantidos enquanto outros ficam apagados ou ressignificados, permitindo a transformação do dito conforme as condições históricas e ideológicas se alteram

A memória discursiva está ainda relacionada ao conceito de interdiscurso, ou seja, a totalidade das formulações já feitas e esquecidas que condicionam o que se pode dizer em um presente dado. Portanto, o todo discurso do sujeito está submetido a essa memória, que lhe define os sentidos possíveis, mas também na memória discursiva pode haver deslocamentos e as rupturas, possibilitando abertura para novos sentidos e novas interpretações. Dessa forma, para Eni Orlandi, trabalhar com a memória discursiva é fundamental para a Análise do Discurso que nos diz como o

passado discursivo e ideológico condiciona e regula o presente do dito, ao mesmo tempo permitindo a historicidade e a transformação dos sentidos. Por exemplo, ao analisar discursos de educação no Brasil, é possível ver como o arquivo discursivo do século XX, que foi caracterizado por debates de alfabetização, ecoa em políticas atuais.

Este conceito é bastante importante para práticas pedagógicas, pois é possível mapear como discursos educacionais do passado reverberam em práticas atuais. Assim, o arquivo discursivo pode orientar estudos sobre memória coletiva, como narrativas de resistência em comunidades marginalizadas, destacando o que foi preservado ou apagado.

Tomando como base o que foi recorrido, destacou-se os principais tópicos conceituais da AD com a finalidade de se analisar discursivamente as charges produzidas pelos/as alunos/as do oitavo ano, e, assim, demonstrar teoricamente os discursos retratados nos escritos dos/as discentes.

3.1.3 estrita relação da linguagem com o marxismo

É importante destacar que a análise discursiva é influenciada fortemente por teorias marxistas, oferecendo uma abordagem crítica para compreender como o discurso e a linguagem são utilizados na produção e interpretação de charges, especialmente na educação, e sobretudo em uma turma de oitavo ano. Dessa forma, esta sessão trabalhará as intersecções entre marxismo, discurso e linguagem.

Inicialmente, o marxismo ao abordar a linguagem destaca a sua relação intrínseca com a consciência e as condições materiais de existência e das práticas sociais. Para Marx e Engels (1998), a linguagem é tão antiga quanto a consciência e surge da necessidade de intercâmbio entre os seres humanos. Dessa forma, essa perspectiva materialista enfatiza que a linguagem não é apenas uma forma de comunicação, mas sim um reflexo das relações sociais e ideológicas.

A linguagem é tão velha quanto a consciência - a linguagem é a consciência real, prática, existente também para outros homens, existente também igualmente para mim mesmo pela primeira vez, e, tal como a consciência, a linguagem só aparece com a necessidade, a necessidade de comunicação com os outros homens (1998, p. 24).

Diante dessa concepção, ao dizer que "o trabalho precede a linguagem", sendo o trabalho humano a base da transformação do cérebro e o que gera a palavra, mais

uma vez se reforça a relação entre linguagem, trabalho e produção material da vida social.

Assim, para Marx, a linguagem é indissociável da vida social e da vida material, e sua função é fundamental para a formação da consciência e, por suposto, das relações sociais, como um elemento constituinte da realidade histórica e da luta de classe.

Paralelo a isso, Louis Althusser (2022), fortemente influenciado pela filosofia marxista, em sua teoria sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), diz que a ideologia é internalizada pelos indivíduos através das instituições e práticas sociais, moldando suas percepções e comportamentos. Ademais, tais ideias e concepções que rondam a sociedade são controladas e ditadas, por vezes, por vários grupos de influência social, tais como a mídia, o governo, a escola entre outros, a estes Althusser nomeou como sendo o Aparelho Ideológico do Estado (AIE), já que controlam, punem, disciplinam e vigiam os discursos que são reproduzidos pelos sujeitos.

Já Michel Pêcheux (1997), muito influenciado pelos estudos de Althusser, o qual desenvolveu a AD de linha francesa, enfatizou a relação entre discurso e ideologia ao considerar aquele como um campo de luta ideológica, em que as formações discursivas demonstram e montam as relações de poder e as ideologias dominantes. Ele também introduziu a noção de “interdiscurso”, que se refere à memória discursiva ou, ainda, ao “já-dito” influenciando todo o dizer em algum tipo de comunicação.

Adicionalmente, no campo educacional, o educador Lev Vygotsky (1989), por sua vez, desenvolveu uma teoria histórico-social que está profundamente enraizada no materialismo histórico e dialético de Marx. Diante disso, ele propôs que o desenvolvimento humano ocorre por meio de interações sociais mediadas por meio da linguagem e de ferramentas culturais, refletindo a dialética entre sujeito e sociedade. Por isso, o pedagogo desenvolveu a ideia de que o trabalho e a mediação cultural desempenham papéis centrais no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Além disso, Vygotsky enfatizou a importância da linguagem como um mecanismo que não só reflete o pensamento, mas também constrói e transforma as interações humanas, sobretudo daquele(a)s que estão em idade escolar.

Dessa forma, a ligação entre as de Vygotsky e o marxismo são evidenciadas na forma como ele traz à baila o desenvolvimento humano como um processo

dialético, em que o ser humano e o meio social interagem de forma contínua e inovadora, o que se é mais visível em sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa, em que o/a professor/a trabalha mais intensamente a linguagem. Assim, é possível visualizar nesse processo de ensino e aprendizagem um dos principais conceitos desenvolvidos pelo educador, que é Zona de Desenvolvimento Atual (ZDA) representando as habilidades e conhecimentos que o discente já domina e que pode aplicar sem a ajuda externa, por isso, a ZDA é o ponto de partida para o aprendizado, pois é nessa fase que se define o que o/a aluno/a pode realizar sozinho. Por outro lado, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é a fase que o aprendizado efetivamente acontece, pois é nesse espaço em que o sujeito é desafiado a ir além das suas capacidades atuais, com o auxílio de um mediador; podendo ser o/a próprio/a professor/a, pais e colegas com maior conhecimento, até o aprendizado se consolidar de fato.

Diante do exposto, ao explorar as intersecções entre marxismo, discurso e linguagem, pode-se revelar as complexas relações entre as ideologias dominantes e as percepções dos/as estudantes sobre o mundo ao seu redor. Essa abordagem crítica pode contribuir para uma compreensão mais profunda da dinâmica social e ideológica presente na produção de charges no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, a AD, com o auxílio de algumas das concepções marxistas, ajudará no entendimento da produção de sentidos nas charges produzidas pelos/as alunos/as.

3.1.5 Conceitos pertinentes do marxismo

Para se ter uma noção mais ampla da AD, bem como do seu principal objeto de estudo, o discurso, é preciso discorrer sobre alguma dos principais conceitos da filosofia marxista, visto que fora esse pensamento que influenciou a área de pesquisa em questão e é uma das suas principais bases teóricas.

Tomando conta disso, é preciso a priori considerar que Karl Marx identificou que a sociedade é constituída pela infraestrutura e a superestrutura, as quais são determinadas pelas dinâmicas e relações sociais, bem como pelas forças produtivas de cada sociedade. Assim, para ele, a estrutura da sociedade se origina da relação da infraestrutura com a superestrutura, dois elementos que se articulam a fim de explicar a organização social e as formas predominantes de consciência. A infraestrutura, isto é, a base econômica, é constituída pelas forças produtivas e relações de produção,

ou seja, os meios materiais e as relações sociais imediatamente vinculadas a este processo de produção econômica. Em contraposição, a superestrutura é composta pelas instituições políticas, jurídicas, culturais e ideológicas que se erguem sobre o fundamento econômico, que por sua vez refletem e legitimam as relações de produção vigentes. Diante disso, Cristiano Bodart (2016, S/N) conceitua as duas ideais como o seguinte:

Para Marx, a infraestrutura trata-se das forças de produção, compostas pelo conjunto formado pela matéria-prima, pelos meios de produção e pelos próprios trabalhadores (onde se dá as relações de produção: empregados-empregados, patrões-empregados). Trata-se da base econômica da sociedade, onde se dão, segundo Marx, as relações de trabalho, estas marcadas pela exploração da força de trabalho no interior do processo de acumulação capitalista.

A superestrutura é fruto de estratégias dos grupos dominantes para a consolidação e perpetuação de seu domínio. Trata-se da estrutura jurídico-política e a estrutura ideológica (Estado, Religião, Artes, meios de comunicação, etc.).

Adicionalmente, o pesquisador citando o próprio Marx (1993) argumenta que a ideia de superestrutura parte da dominância ideológica da classe burguesa, que é reprodutora das ideias que justificam e legitimam sua dominação, tal como é o poder coercitivo exercido pelo Estado, conforme exemplificado pelo autor. Isso, de fato, corrobora aquilo que Althusser (2022), já citado anteriormente, chamava de Aparelho Ideológico do Estado (AIE), o qual impõe a ideologia estatal, bem como o Aparelho Repressivo do Estado (ARE), o qual impõe a força do Estado. Contudo, para esse poder se tornar real e obedecido pelos governados, é preciso se ter o domínio da palavra, ou seja, o controle da narrativa.

Em decorrência disso, a ideologia assume um papel importante no funcionamento do poder e da força estatal, já que segundo o autor supracitado tal conceito consiste na “tática de tornar certas ideias como verdadeiras e aceitas pela sociedade, sendo elas criada pela classe dominante de acordo com seus interesses”. É preciso ressaltar que Marx e Engels (2016), em seu *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em 1848, nomeia o Estado como o “comitê da burguesia”, precisamente por entender que o aparato estatal é estruturado pelos valores da classe dominante. Por sua vez, em *A ideologia alemã*, Marx também discute como os ideais burgueses perpassam pela instituição Estado:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os

meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As ideias dominantes nada mais são que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação” (MARX, 1993, p. 72, apud Bodart, 2016, S/N).

Além do mais, segundo Lefebvre (2017), que discorreu muito sobre os principais preceitos marxistas no livro *Marxismo: uma breve introdução*, Karl Marx fez uma análise da sociedade segundo a qual ele denominou materialismo histórico-dialético, um modelo que quer compreender o realismo social e histórico a partir das condições materiais de vida do ser humano. Para Marx, a história da humanidade é a da luta de classes, determinada pelas contradições dos grupos sociais os quais se verificam nas relações de produção e de base econômica para a qual se organiza a vida. O materialismo histórico-dialético, portanto, tem uma perfeita convicção de que as transformações sociais ocorrem porque existem conflito materiais e não porque existam ideias imateriais ou abstratas, rompendo com quaisquer idealismos e propondo uma perspectiva dialética da história, das contradições internas, motoras da mudança social.

Já em relação à alienação, Marx (2007), principalmente nos *Manuscritos Econômico Filosóficos*, do ano de 1844, demonstra que o trabalho no capitalismo aparta o trabalhador do fruto do seu labutar, do processo de produção, de sua natureza humana, e dos parceiros sociais, uma separação que emerge da comercialização da labuta e da exploração capitalista, afastando o trabalhador do controle da produção de existência.

Em se tratando do fetichismo da mercadoria, Marx (1996) discutido em sua obra *O Capital*, versa sobre como as mercadorias parecem ter um valor próprio e existir independentemente, escondendo as relações sociais que as originam, costumes sociais que deturpam a real essência das relações capitalistas, ocasionando que as interações entre as pessoas se mostrem como ligações entre coisas. Ou seja, numa relação invertida: em que as pessoas viram os objetos e os objetos viram sujeitos. A dialética marxista, que casa a análise histórica à crítica materialista, conversa com a AD de Pêchuex e Orlandi, que, igualmente, realça a historicidade e a materialidade das práticas sociais e discursivas. A AD, analisando o discurso como ação social, com uma história para contar, colabora com o materialismo histórico de Marx, pois nota

que as relações de poder e da sociedade se mostram e se espelham nas palavras e na comunicação.

3.3 Charge

O termo “charge” é oriundo da língua francesa e está relacionado ao verbo “charger” que significa “carregar”, “exagerar”, “levar”; denotando, assim, um texto artístico que tem por característica a arte do exagero ou da provocação, com traços e curvas descomedidas em seu desenho feitos de forma proposital com o intuito de instigar o humor e a reflexão do leitor. Essa relação de origem da charge foi discutida no estudo feito por Maia & Matias (2014, p.1013), como foi bem sinalizada pelas pesquisadoras:

A história de construção do gênero charge tem suas origens na França, vem da palavra *charger*, que significa exagerar, atacar violentamente, ou seja, a arte do exagero e/ou ataque violento, numa analogia à carga de cavalaria.

Na última parte do trecho acima, há-se a menção que a etimologia do gênero textual tem a ver com a carga de cavalaria em que se colocava à época nos cavalos. De acordo, ainda mais, com as autoras supracitadas a charge é, também, fruto da herança do jornalismo com figuras dos séculos XVI e XVII, além de lembrar algumas iconografias medievais, bem como os trabalhos de ateliês de pinturas dos séculos XV e XVI.

Ademais, as autoras traçam uma linha do tempo da história da Charge no Brasil dividida em três períodos. Segundo elas, citando o trabalho de Teixeira (2001), o qual este por meio dos estudos de Herman Lima (1963), um importante chargista e cartunista brasileiro do século XX, menciona que influência do texto chárgico no Brasil começou com o intelectual, professor e artista Manuel de Araújo Porto Alegre, do século XIX, sendo ele o pioneiro em criar os primeiros desenhos como forma de retratar os políticos que divergia, como ocorreu com a primeira charge publicada em 1837, durante o Período Regencial, em que fora publicado um texto fazendo crítica ao possível recebimento de propina do diretor do Correio Oficial à época, como fora bem dito pelo jornalista Ricardo Chaves em uma coluna publicada no ano de 2017, no jornal gaúcho Zero Hora. A partir disso, compreende-se o papel da charge como um gênero de texto que provocou grandes reverberações no cenário político nacional naquele tempo, justamente por tratar da temática da corrupção, problema ainda visível dentro da política e da sociedade brasileira.

Após essa discussão, pode-se esboçar, segundo as pesquisadoras citadas, que a charge no Brasil passou por três períodos que serão discutidos nos parágrafos adiante.

O primeiro momento, situado no século XIX, marca o início do desenvolvimento da charge com a chegada de imigrantes europeus, como pintores e desenhistas, ao Rio de Janeiro. As charges dessa época apresentavam retratos fiéis de figuras da sociedade imperial, sem a presença de caricaturas. Manuel de Araújo Porto Alegre é reconhecido como o primeiro caricaturista brasileiro, utilizando caricaturas em suas pranchas entre 1837 e 1839 para criticar políticos com os quais não concordava. Este período é notável pela crítica ao poder, com a política emergindo como um tema central de expressão.

Já o segundo momento abrange os últimos anos da Monarquia e os governos civis, quando as charges se tornaram mais sofisticadas, utilizando o humor como ferramenta de crítica à política imperial. Ângelo Agostini destaca-se como o primeiro chargista a integrar crítica e conteúdo ideológico em suas obras, empregando uma linguagem visual que sistematizava narrativas gráficas. Além do mais, Revista Ilustrada tornou-se um importante veículo para essa crítica, por meio das suas publicações, abordando temas relevantes como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

Por fim no terceiro momento, que tem início do século XX, a partir de 1900, a introdução da fotografia e da fotogravura provocou uma diminuição da influência das charges, que passaram a se concentrar mais no entretenimento do que na informação. Nesse contexto, J. Carlos destacou-se como um importante chargista, introduzindo personagens fictícios e um estilo inovador, embora com uma abordagem menos política, refletindo um movimento de despolitização. Apesar das inovações em seu traço, sua obra se afastou da crítica política direta, marcando uma nova fase nas charges, em que o humor e o entretenimento ganharam prioridade.

Com a ascensão da Ditadura Militar no Brasil em 1964, as charges tornaram-se um veículo poderoso de crítica política e resistência. Artistas como Henfil utilizaram ironia e humor para expor as contradições do regime, demonstrando o descontentamento popular diante da repressão e da falta de liberdade. Mesmo sob censura, as charges da época conseguiram captar o anseio por eleições diretas e pela

redemocratização do país, caracterizando um uso estratégico da imagem que evocava reflexões profundas sobre a realidade social e política. Assim, as charges desempenharam um papel crucial na mobilização e conscientização da população frente aos desafios do regime autoritário.

No século XXI, observa-se uma nova ressignificação das charges, agora amplamente difundidas na internet, que mantêm sua essência crítica em relação aos acontecimentos sociais e políticos do Brasil e do mundo, desafiando o leitor a construir sentidos a partir das caricaturas e dos contextos apresentados.

3.4 Considerações sobre a leitura e produção textual em sala de aula

É sabido, como já dito, que a leitura e a interpretação de textos constituem pilares fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no ensino básico, onde se busca desenvolver competências comunicativas que permitam ao/à aluno/a interagir criticamente com o mundo. Já no contexto de uma turma de oitavo ano, sujeitos desta pesquisa, a produção de charges emerge como uma prática pedagógica, discursiva e social que mobiliza tais habilidades, integrando linguagem verbal e não verbal em um gênero discursivo que reflete posicionamentos sociais e culturais. Assim sendo, este capítulo discute a relevância dessas práticas à luz dos referenciais teóricos de Bakhtin (2003), Moita Lopes (2006), Marcuschi (2008), Roxane Rojo e Eni Orlandi, destacando como a leitura e a interpretação textual sustentam o trabalho com charges em sala de aula.

Dentro dessa linha raciocínio, Mikhail Bakhtin, por exemplo, ao abordar a natureza dialógica da linguagem, oferece uma base essencial para compreender a charge como um gênero que emerge da interação entre sujeitos dentro de múltiplas contextos e práticas sociais, já que em todas as esferas das relações humanas dependem da linguagem para estabelecer a comunicação com o outro.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.

Nesse sentido, ainda para Bakhtin (2003), com a sua teoria dos gêneros discursivos, os textos como representação e materialização de práticas e eventos sociais, não existem isoladamente, mas em relação a outros discursos e contextos. No caso da charge, o/a aluno/a precisa interpretar o texto visual e verbal em diálogo com os acontecimentos sociais que ele retrata, como questões políticas ou culturais, para então produzir sua própria resposta crítica ao que está sendo posto como reflexão. Dessa maneira, a leitura de uma charge não é um ato passivo, mas um processo ativo de construção de sentidos no processo de ensino e aprendizagem, o que reforça sua pertinência no ensino de Língua Portuguesa.

Complementando essa visão, Moita Lopes (2006) enfatiza a importância das práticas de letramento crítico em sala de aula. Segundo o autor, o letramento não se limita à decodificação de signos, mas envolve a capacidade de posicionar-se frente aos discursos que circulam na sociedade. No trabalho com charges, os/as alunos/as do oitavo ano são desafiados a interpretar criticamente os elementos humorísticos ou satíricos, identificando intenções implícitas e relações de poder. Moita Lopes (2006, p. 45) argumenta que “o letramento crítico permite aos sujeitos tornarem-se agentes de mudança social”. Assim, ao criar suas próprias charges, os/as estudantes não apenas interpretam, mas também produzem significados que refletem suas perspectivas sobre o mundo.

Nessa linha, Luiz Antônio Marcuschi (2008) contribui para essa discussão ao destacar a centralidade da compreensão textual no desenvolvimento cognitivo e linguístico. Para Marcuschi, a leitura é um processo complexo que exige a articulação entre o texto e o conhecimento prévio do leitor. No contexto da produção de charges, essa ideia se concretiza quando os/as alunos/as mobilizam suas experiências para interpretar imagens e textos curtos, como legendas ou balões, e, a partir daí, criam algo novo. Conforme Marcuschi (2008, p. 72), “O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico”. Levando em conta isso, depreende-se o texto como um produto das relações sociais vivenciadas pelos/as discentes, ou seja, uma representação dos discursos circundantes da sociedade. Por conseguinte, esse princípio é crucial no ensino de leitura e produção textual, pois incentiva os/as alunos/as a conectarem o conteúdo das aulas com suas realidades.

Já Roxane Rojo (2012) amplia essa perspectiva ao abordar o letramento multimodal, essencial para gêneros como a charge, que combinam texto e imagem. Rojo argumenta que, na sociedade contemporânea, os/as alunos/as precisam desenvolver competências para lidar com diferentes semioses. No oitavo ano, por exemplo, a produção de charges se alinha a essa necessidade, pois exige que os/as estudantes interpretem e produzam sentidos em múltiplas linguagens. Segundo Rojo (2012, p. 19), “o letramento multimodal é uma demanda do mundo atual, onde os textos circulam em formatos híbridos”. Essa abordagem valoriza a sala de aula como um espaço de experimentação discursiva dos gêneros textuais em suas formas múltiplas de linguagem, fortalecendo a formação crítica dos/as alunos/as.

Por fim, Eni Orlandi (2007) aporta uma reflexão sobre o papel da linguagem na construção da subjetividade e do sentido. Para a autora, o discurso é atravessado por relações de poder e história, o que se reflete na leitura e na produção de charges. Assim, o sentido não está no texto, mas nas condições de sua produção e interpretação. E é nisso que a AD nos auxilia, situando a interpretação no nível discursivo capaz de mostrar o funcionamento dos discursos atravessados nos textos.

Segundo Orlandi:

A AD se interessa pela linguagem tomada como prática: mediação, trabalho simbólico, e não instrumento de comunicação. É ação que transforma, que constitui identidades. Ao falar, ao significar, eu me significo. Aí retorna a noção de ideologia, junto à ideia de movimento. Do ponto de vista discursivo, sujeito e sentido não podem ser tratados como já existentes em si, como a priori, pois é pelo efeito ideológico elementar que funciona, como se eles já estivessem sempre lá. (2007, p. 28).

Além do mais, Orlandi defende que cada entendimento do texto é formado por “gestos de interpretação”, em que o sujeito faz pontuações possíveis sobre aquilo que o texto quer dizer, justamente pelo motivo da leitura em si do texto ser insuficiente em seu significado, e é disso que surge a ideia da incompletude textual. Por isso, é preciso fazer ponderações com referenciais externos para se ter uma noção global das informações que foram lidas.

O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio. A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história. (2007, p. 18).

No ensino básico, isso implica que os/as alunos/as, ao criarem charges, não apenas interpretam o mundo, mas também se posicionam como sujeitos históricos,

expressando visões que, por vezes, dialogam com os discursos dominantes, através das relações de poder existentes, ou os contestam.

Portanto, a leitura e a interpretação de texto em sala de aula, sob a perspectiva desses teóricos, revelam-se indispensáveis para o trabalho com charges em turmas, como o oitavo ano. Elas permitem que os/as alunos/as desenvolvam habilidades de análise crítica, criatividade e expressão, articulando o verbal e o visual em um gênero que reflete a complexidade da comunicação contemporânea. Mais do que uma atividade pedagógica, a produção de charges torna-se um exercício de cidadania, no qual os/as estudantes se apropriam da linguagem para intervir no ambiente social.

4. Sequências didáticas

Aulas 1 e 2
Título: <i>Apresentação do gênero e suas implicações</i>
Ano: 8º ano 02
Período: vespertino
Duração: 2h
Objetivos: fazer com que os/as estudantes possam compreender e analisar as características gerais e a função social do gênero charge.
Procedimentos: apresentação de slides acerca da apresentação do gênero e aplicação de exercício de fixação para verificar o conhecimento aprendido.
Recursos: computador, projetor, quadro branco, pincel, folhas fotocopiadas.

Aulas 3 e 4
Título: <i>O texto charge e a representação dos problemas sociais contemporâneos</i>
Ano: 8º ano 02
Período: matutino
Duração: 2h

Objetivos: demonstrar que o texto charge é capaz de representar as várias problemáticas sociais, culturais, econômicas e políticas da sociedade contemporânea.
Procedimentos: aula expositiva através da apresentação de slides acerca da aproximação do gênero estudado com os problemas da sociedade contemporânea; discutir junto aos/as alunos/as temáticas como: racismo, violência de gênero, homofobia, consumismo entre outros, e ainda, aplicação de exercício de leitura, compreensão e interpretação com a temática da aula.
Recursos: computador, projetor, quadro branco, pincel, folhas fotocopiadas.

Aula 5
Título: <i>Consolidação de aprendizagem</i>
Ano: 8º ano 02
Período: matutino
Duração: 1h
Objetivo: Verificar o aprendizado sobre leitura, compreensão e interpretação do gênero charge através de exercício de fixação.
Procedimentos: Aplicar atividade de leitura, compreensão e interpretação com cinco questões objetivas e discursivas para os/as alunos/as de forma autônoma, logo após, correção junto aos/as discentes com relação ao exercício aplicado.
Recursos: computador, projetor, quadro branco, pincel, folhas fotocopiadas.

Aulas 7 e 8
Título: <i>Temáticas sociais de charges em curtas metragens</i>
Ano: 8º ano 02
Período: matutino
Duração: 2h

Objetivos: sensibilizar a reflexão dos/as alunos/as de temáticas sociais, tratadas em charge, bem como promover o senso crítico por meio da exibição de três curtas metragens.
Procedimentos: reprodução de curtas-metragens para análise e estímulo do senso crítico dos/as estudantes através do curtas: 1) <i>Crisálida</i> ; 2) <i>Dudu e o Lápis Cor de Pele</i> ; e discussão junto aos/às alunos/as sobre as temáticas discutidas nos dois documentários em roda de conversa.
Questões a serem aplicadas e discutidas: 1 - Qual os problemas sociais que os dois vídeos retratam e qual a importância de se discutir eles em sociedade? 2- Qual dos dois vídeos chamou mais a sua atenção, justifique! 3- O que aconteceu no final de cada um dos vídeos? 4- Se você fosse fazer um texto, como uma charge, qual dos dois temas passados no vídeo você escolheria, justifique!
https://www.youtube.com/watch?v=9ZUOfT2O3sE
https://www.youtube.com/watch?v=ENJLrIQJHlQ
Recursos: computador, projetor, quadro branco, pincel, folhas fotocopiadas.

Aulas 8 e 9
Título: <i>Produção textual</i>
Ano: 8º ano 02
Período: matutino
Duração: 2h
Objetivos: fazer com que os/as alunos/as produzam, de acordo com suas criatividade e criticidade, suas próprias charges, de forma individual, a respeito da temática social de sua escolha.
Procedimentos: produção do gênero charge, com desenho e texto escrito pelo/a próprio/a aluno/a, com o auxílio de mídias, caso necessário.
Recursos: computador, quadro branco, pincel, folhas em branco, lápis de cor, hidrocores.

5. Registro das aulas

5.1 Registro das aulas 1 e 2 — 4/11/2024

Imagem 8 – Roda de conversa realizada nas duas primeiras aulas



Fonte: O autor (2024)

Com entusiasmo, no dia 4/11/2024; uma segunda-feira, em que se haveria duas aulas de Língua Portuguesa, entre as 7h e 9h da manhã, após conversas e reflexões sobre o planejamento da pesquisa dei os primeiros encaminhamentos para os/as alunos/as. Neste dia, os/as discentes estavam um pouco agitados, em virtude do calor que fazia na sala, infelizmente os dois ares-condicionados estavam quebrados, apesar de várias tentativas e ofícios encaminhados à Secretaria de Estado da Educação (Seduc) por meio da gestão da escola para a resolução deste problema. E quando chega esta época do ano, em que clima é geralmente quente e seco, a concentração é mais difícil, e, como consequência, isto, reflete no comportamento e no aprendizado dos/as discentes.

Logo quando entrei, fiz a contagem, havia 18 dos 25 estudantes em sala, como de costume, é preciso reservar entre 10 a 15 minutos até que todos eles/as se acomodem, mesmo que se chame a atenção várias e várias vezes, mas após eu falar:

— Gente, por favor, hoje preciso dar aviso importante a todos vocês, acredito que irão gostar.

Como haviam poucos/as alunos/as que o normal, logo depois de eu repetir duas vezes esse aviso, eles/as se atentaram em dar atenção a minha pessoa, e logo curiosos, foram perguntando:

— O que o senhor trouxe hoje de especial? Indagou JAM08— O senhor trouxe chocolate pra gente? Também, perguntou JG08

Pedi, então, que se acalmassem, logo de antemão pedi que arrumassem as cadeiras e fizessem um círculo.

Em seguida, pedi que falassem o que eles/as entendiam por pesquisa.

— Sei lá, aquilo que faz em laboratório. JG08 comentou— Deve ser aquilo que o povo faz pra analisar e resolver algum problema. Disse EV08.

Estes dois comentários me entusiasmaram, pois, embora simples, eles/as já enunciam que os/as alunos/as possuem um entendimento básico sobre o que se faz numa pesquisa científica, seus efeitos e propósitos. Aproveitando isso, expliquei que:— Uma pesquisa não é somente algo feito em laboratório, mas qualquer lugar pode ser feito uma pesquisa, como um quintal, uma rua, um hospital, uma escola e até uma sala de aula. E como ECM falou, a pesquisa existe para resolver um problema ou propor soluções para um problema em que a sociedade ou um grupo de pessoas está passando.

A partir disso, comentei dizendo que, por exemplo, um problema que está acontecendo é que:— Muitos professores estão falando que vocês estão com problemas de interpretação de texto em várias disciplinas. Depois disso, alguns falaram espantados:— Oxe, a gente!? Como contestou YU08.

Pois, então, reafirmei. Por conseguinte, expliquei aos/às estudantes que estava fazendo um mestrado, e que durante o curso temos que fazer uma pesquisa para que problemas de aprendizagem, como o qual eles/as estavam passando, sejam vistos, analisados e eventuais soluções sejam pensadas. E diante disso, admiti que eles/as foram contemplados em fazer parte da pesquisa que havia pensado.

— Oxe, logo a gente, professor! J.A.S reagiu

E repliquei dizendo:

— Sim, vocês mesmos, precisam melhorar na questão de interpretação de texto. E isso será bom pra vocês, já que no próximo ano vocês farão a prova SAEB. Lembram aquela prova que o nono fez ano passado? Pronto, próximo ano vocês farão. E próximo ano também, se quiserem, poderão tentar fazer a prova do Ifal, para estudar o ensino médio e fazer um técnico lá em Murici. E daqui vocês farão o Enem. E sabe o que tem em comum em todas essas provas de seleção? Vocês têm de ser bons em leitura e interpretação de texto.

Diante disso, eles/as aos poucos foram entendendo a importância da pesquisa à qual estariam envolvidos. Logo depois, o aluno JAM08 ainda perguntou:

— O que é mestrado, professor?

Então, respondi à pergunta dizendo que na faculdade ou no mundo acadêmico existem diferentes graus, como se fosse uma hierarquia para se tornar um grande pesquisador na área:

— Quando você entra na faculdade e se forma, é um graduado, mas quando você gosta de uma área e quer se especializar, você vira um especialista, e, após isso, se você quiser se aprofundar mais em seus estudos, pode fazer um curso de mestrado para virar mestre, e se você quiser virar um grande especialista, pesquisador e professor de faculdade nesse assunto, então você pode se tornar doutor, fazendo doutorado.

Muitos ficaram boquiabertos, pois ainda não tinham noção dessas particularidades do mundo acadêmico. Após essa dúvida, voltei à questão da pesquisa. Expliquei que a pesquisa envolveria a leitura, interpretação e, sobretudo, a produção de charges. Então, perguntei a eles/as se já haviam tido contato com o gênero, e responderam que sim. Logo, disse:

— Ótimo, pois vamos tentar analisar e compreender esse problema de vocês, por meio da charge. Vocês serão os protagonistas nesta pesquisa, suas vozes, seus discursos serão considerados neste estudo que estou fazendo.

E depois continuei:

— Bem, vocês devem saber o que seria um discurso, aliás, todos nós temos discursos que carregamos conosco.

— Né, aquilo que os políticos fizeram esse ano. Comentou YU08

Então, expliquei:

— Não, só isso, YU08! Isso é apenas um dos significados que a gente pode dar para a palavra discurso. Vamos pensar, o seguinte: no exemplo que você deu, quando um político faz um discurso, aquelas falas são recheadas de ideias que ele defende, que ele carrega, e isso se transforma naquilo que ele vai defender se ganhar a eleição, entendem!?

Ademais, prossegui para que entendessem melhor de forma didática a dimensão semântica da palavra “discurso”:

— Gente, observem que, quando um político afirma ou diz o que vai fazer, o que precisa ser feito, o que defende e o que acha melhor para a cidade, ele está, de certa forma, argumentando, defendendo um ponto de vista. Assim, quando falamos que fulano está fazendo um discurso, logo pensamos que ele está defendendo uma ideia. Mas discurso não se resume a quando um vereador ou até mesmo o representante de sala vem à frente para defender algo; é muito mais do que isso, são falas que, de alguma forma, expõem o ponto de vista de algo que consideramos bom ou não.

Em decorrência dessa explanação, indaguei se haviam entendido; alguns, timidamente, fizeram o gesto de “mais ou menos”. Por isso, decidi exemplificar uma situação:— Vamos dizer que YU08 e JG08 vão a uma vendinha: um quer comprar uma barra de chocolate, o outro, uma caixa de bombons. Veja, os dois têm pontos de vista diferentes e cada um vai expor por que quer aquele chocolate até que cheguem a um consenso. Assim, podemos dizer que essa forma de argumentar e expor o que se acha melhor é o discurso, entendem!

Percebi que, aos poucos, essa noção mais ampla de discurso estava ficando mais clara para eles/as, mas ainda exemplifiquei com situações mais simples:— Para a gente compreender como essa ideia de discurso está tão presente no nosso dia a dia, vamos supor que você diga a uma amiga que gosta de usar determinado xampu ou que ajeita os cabelos de uma certa forma, ou até que um professor comente que não tolera certos comportamentos em sala. Esses são exemplos de discursos que usamos e expondo no cotidiano.

Após isso, o aluno MG08 complementou:— Então, professor, quer dizer que se eu disser que não gosto de fulano, isso aí é um discurso.

Com essa fala, complementei:— Exatamente, você está expondo seu ponto de vista, e a partir disso podemos analisar que tipo de pessoa você prefere para amizade, entendem!

Em razão disso, percebi que os/as discentes estavam mais atentos e seguindo minha linha de raciocínio. A partir da fala da aluna supracitada, senti-me confortável para avançar a discussão. Desse modo, recomecei:— A questão de fazermos amizade ou termos consideração por alguém está relacionada, pessoal, com aquilo que somos como indivíduos. Buscamos sempre alguém que pense de maneira semelhante ou que tenha algo que admiramos, entendem?

O aluno JAM08 comentou:

— Por isso, professor, não faço amizade com gente que não gosto. Tem gente também que é muito chata.

— Exatamente, essa visão de gostar ou não de pessoas ou coisas vem das nossas experiências ao longo da vida — do que consideramos certo, errado, confortável ou não, construído ao longo do tempo a partir das relações familiares, amizades ou do que vemos na televisão e na internet.

— Professor, então a gente gosta de alguém pelo que viu no passado, adicionou o discente JA08.

Em decorrência disso, aproveitei para dizer:— Então, essas ideias que construímos ao longo do tempo são o que podemos chamar de ideologia. Alguém já ouviu falar nesse termo?

Todos responderam negativamente, o que me levou a explicar:— Gente, ideologia são as ideias que carregamos e defendemos, muitas vezes sem perceber, porque acreditamos que são as melhores para nós ou para a sociedade. Algumas dessas ideologias são positivas, mas outras podem ser prejudiciais.

Percebendo que estavam acompanhando o raciocínio, prossegui:— Quando falei lá da questão da caixa de chocolate entre YU08 e JG08, o gosto e a preferência

de cada um foram se moldando ao longo do tempo. Assim, temos dois pensamentos diferentes, ou seja, duas ideologias opostas.

Nesta retomada, preferi fazer referência a como a ideologia está presente nos diálogos do cotidiano, ao invés de discutir diretamente o campo político.

Logo após, avancei na explanação sobre o conceito:— Se fala muito em ideologia quando tratamos de política e eleições. Lembram da eleição de 2022, para presidente, que foi muito polarizada, dividindo opiniões entre esquerda e direita? Já ouviram falar nesses dois lados?

Ao abordar a questão, a maioria deles/as reconheceu ter ouvido falar desses grupos tanto na televisão quanto na internet, inclusive em redes sociais como Instagram e TikTok.

Decidi, então, oferecer uma definição básica para que os/as discentes tivessem uma noção:

— Olhem, geralmente, o que chamamos de esquerda defende que o governo deve auxiliar os mais pobres para promover igualdade, por meio de programas sociais (como o Bolsa Família), intervenção na economia e investimentos em direitos sociais (como educação, saúde e moradia). Já a direita tende a enfatizar pautas morais — por exemplo, ser favorável apenas ao casamento entre homem e mulher, ser contra o aborto em todos os casos e defende que o governo deve investir somente no básico, sem intervir na economia, pois cada pessoa deve superar a pobreza através de seu próprio esforço. Em resumo, a esquerda acredita que para tirar alguém da pobreza é preciso auxílio governamental e investimentos em áreas sociais, enquanto a direita defende que a superação da pobreza depende, principalmente, do esforço individual, com mínima intervenção do governo.

Após essa explicação, verifiquei que a maioria dos/as alunos/as compreendera o conceito.

Em seguida, muitos/as discentes comentaram que, graças à explicação, conseguiram entender melhor por que tantas discussões políticas ocorrem, inclusive citando figuras conhecidas, como o atual presidente Luí Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL). Também mencionaram as discussões acaloradas que presenciaram durante a última eleição presidencial.

— Oh, professor, aquela eleição que está acontecendo lá nos Estados Unidos com o Trump e aquela mulher tem a ver com isso que o senhor falou? — perguntou o aluno JG08.

— Sim, tem tudo a ver. Vejam, Trump apresenta um discurso mais à direita, com uma pegada conservadora defendendo, por exemplo, as grandes empresas americanas, pautas morais restritas e a ideia de que o esforço pessoal supera a pobreza com mínima ajuda governamental. Em contrapartida, a Kamala Harris, que tem discurso mais progressista e de esquerda, mesmo sendo apoiada por grandes empresas e bilionários, defende uma visão mais liberal sobre casamento, direitos das mulheres e políticas sociais.

Após essa explicação, o referido aluno perguntou:— E o senhor acha que quem vai ganhar?

— Bem, ninguém sabe; só saberemos amanhã ou nos próximos dias. Está uma eleição muito acirrada. Vi jornais apontando vitória para Kamala, embora outros prevejam que Trump seja o vencedor. Vamos ver, não é?

Em seguida, passei às considerações sobre a pesquisa na qual os/as alunos/as participariam. Expliquei o passo a passo:— Na pesquisa, pessoal, teremos um conjunto de discussões, atividades, rodas de conversa e leitura. Já adianto que, ao final do projeto, realizaremos uma oficina de produção textual na qual vocês criarão uma charge, portanto, caprichem na criatividade. Outra coisa: vou precisar que os pais de vocês assinem um termo explicativo sobre a pesquisa, pois vocês são menores de idade e os responsáveis precisam estar cientes. Depois, vocês também assinarão um termo individual. Lembrem-se: ninguém é obrigado a participar. Se alguém não se sentir à vontade, tudo bem! Contudo, as falas, contribuições e atividades de quem não participar não serão consideradas na pesquisa. Além disso, os nomes completos de vocês não serão divulgados; usarei apenas siglas ou apelidos inventados para protegê-los. Entenderam?

Os/as alunos/as responderam de forma afirmativa. Continuei:

— Vocês podem trazer o termo assinado ainda nesta semana e, depois, assinar o termo individual. Combinado, pessoal?

Depois disso, eles/as confirmaram novamente, e, por fim, o sinal tocou, e todos/as se dirigiram ao intervalo.

5.2 Registro das aulas 3 e 4 – 05/11/2024

Imagem 9 - Primeiros momentos das aulas 3 e 4



Fonte: O autor (2024)

Na manhã do dia 5/11/2024, após o intervalo, os/as alunos/as voltaram bastante suados e agitados. Em aulas como essa, é preciso ter um pouco mais de paciência. Precisei chamá-los à atenção várias vezes, como já é costume, mas compreendo que é necessário respeitar o tempo deles/as — em média, de 20 a 30 minutos — até que se acalmem e se recomponham em seus lugares. Assim fiz: enquanto esperava que se organizassem, preparava o notebook para conectá-lo ao projetor.

Logo após, pedi que formássemos novamente um círculo, como na primeira aula. Como imaginei, a primeira reação veio do aluno JG08:

— Oxe, professor, círculo de novo?

— Sim, círculo de novo! Porque hoje vocês vão ver alguns exemplos de charges. Vocês provavelmente se lembram de como são, mas eu quero reforçar esse conteúdo com vocês.”

Depois dessa introdução, projetei a charge de Nando Motta e iniciei o diálogo:

Imagem 10 - Slide apresentado nas aulas 3 e 4

O que é uma charge?



Charge, texto visual e verbal
Combina imagem e palavras para comunicar

Crítica bem-humorada
Faz piada sobre acontecimentos atuais

Questões

- 1- O que vocês estão vendo na charge?
- 2- Qual a temática principal da charge?

Made with GRAMMA

Fonte: O autor (2024)

— O que vocês estão vendo aqui?

— Um homem que aos poucos vai morrendo até ficar só os ossos. Respondeu DAN08.

— Certo. E qual vocês acham que é o tema principal da charge?

— É da seca, professor? Arriscou MG08.

— “Quase isso! Há uma palavra-chave que responde tudo!”

Então, dois alunos disseram quase ao mesmo tempo:

— Mudanças climáticas!

— Isso aí! Muito bem! E vocês sabem o que são essas mudanças climáticas?

— Acho que tem a ver com a seca, né? Respondeu EV08.

— Sim! Provavelmente a professora de Ciências já comentou algo com vocês.

— Acho que já! Respondeu EV08.

Continuei:

— Mudanças climáticas têm a ver com a poluição, com a seca... elas estão alterando o clima do planeta por conta da ação humana na natureza: a fumaça das

fábricas, das usinas, como a Usina Laginha, dos carros, motos, etc. Por isso temos sentido o clima cada vez mais quente ou, às vezes, tempestades fortes. A charge que mostramos aqui é uma crítica a essa realidade. Vocês notaram o ponto de interrogação no final? Isso indica que o personagem duvida da emergência climática. Mesmo passando pelo sol e pela chuva, ele não acreditava no que estava acontecendo, até virar apenas ossos. Lembrem que ontem falamos sobre os discursos que existem na sociedade e como eles/as influenciam aquilo em que acreditamos?

Muitos balançaram a cabeça, demonstrando dúvidas. Continuei:

— Esse personagem está imerso em um tipo de discurso: o discurso negacionista. Sabem o que é isso?

Diante da ausência de respostas, expliquei:

— É aquele que se baseia em opiniões sem fundamento científico, muitas vezes apoiado em fake news, especialmente em redes sociais. Na época da pandemia vimos muito isso com relação às vacinas.

— Eita! Era mesmo! Falavam disso no jornal! Lembrou JAM08.

— Exatamente! Isso é perigoso porque leva muitas pessoas a se afastarem da verdade e a não se protegerem. Muita gente que era contra a vacina pegou covid e morreu. Na charge, o personagem representa alguém que, mesmo diante da morte, não reconhece a realidade. Entenderam o raciocínio?

— Sim, responderam com a cabeça, embora ainda houvesse algumas conversas paralelas.

Prossegui, advertindo-os:

— Pessoal, vamos prestar atenção. Essa questão do discurso negacionista se conecta à ideologia, que não se limita à política, mas a todo conjunto de crenças que molda nosso olhar sobre o mundo. Voltando à charge, o que é necessário para interpretá-la bem?

— a cor, o desenho. Disse JG08.

— Isso é parte do processo, pois é o que dá forma à charge. Mas vocês precisam ler a imagem e também as palavras. E às vezes, não há palavras. Alguém lembra o nome do tipo de texto que só tem imagem?

Após um breve silêncio, insisti:

— São dois tipos! Vimos isso no ano passado.

— Texto não verbal! Respondeu DAN08.

— Isso mesmo! E normalmente esse tipo de texto traz uma mensagem muito inteligente, embutida no desenho criado pelo chargista.

Antes de encerrar, adiantei:

— Na próxima aula, trarei uma atividade de leitura e interpretação de charges.

Em seguida, projetei outra charge com três questões:

Imagem 11 - Slide apresentado nas aulas 3 e 4



The slide is titled "Como interpretar uma charge?". On the left, there is a cartoon by J. J. J. showing a man in a green shirt and blue pants looking at a piece of paper. He is speaking to two figures dressed as the Grim Reaper. One figure is holding a scythe and has a sign that says "MUDANÇAS CLIMÁTICAS" (Climate Change). The other figure is holding a scythe and has a sign that says "DESMATAMENTO" (Deforestation). The man's speech bubble says "POR QUE A CONTA DE LUZ SUBIU DE NOVO?!" (Why did the electricity bill go up again?!). The Grim Reaper figure with "MUDANÇAS CLIMÁTICAS" says "SABE DE NADA INOCENTE!" (You know nothing, innocent!).

Como interpretar uma charge?

- 1 Identifique o tema**
O que a charge está mostrando?
- 2 Observe os personagens**
Quem são e o que simbolizam?
- 3 Analise as falas**
Qual a mensagem da expressão "Sabe de nada, inocente" ?

Made with GRAMMAR

Fonte: O autor (2024)

1. Qual o tema principal da charge?
2. Qual a relação do aumento da conta de energia com os dois personagens atrás do homem? O que eles simbolizam?
3. O que um dos personagens quis dizer com a expressão "Sabe de nada, inocente"?

Pedi que respondessem em seus cadernos. Dei cerca de 15 minutos para a tarefa. Após esse tempo, voltei:

— Vamos corrigir juntos essa atividade rapidinho. Qual o principal tema da charge?

— Mudanças climáticas. Disse YK08.

— Certo. Mas alguém pensou em algo mais completo?

— “O aumento da energia”. Disse JA08.

— “Isso também. Mas se unirmos as duas respostas, temos: o impacto das mudanças climáticas na conta de energia. Vamos à segunda: o que representam os dois personagens atrás do homem?”

— Não entendi essa não, professor. Disse JA08.

— Eles estão vestidos como a morte. O que será que isso simboliza?

— Que a mudança climática vai matar o homem? Sugeriu DAN08.

— Sim! Se nada for feito, muitas pessoas podem morrer. Essa é a crítica.

Prossegui:

— E a expressão ‘Sabe de nada, inocente’? O que ela quer dizer?”

— Que o cara da charge não sabe de nada. Disse YU08.

— Sim, mas em relação a quê?

— As mudanças climáticas. Completou JG08.

— Isso! É uma crítica à ignorância diante dos efeitos ambientais. Os bonecos representam essa ignorância da sociedade. Entenderam?

— Sim! Responderam a maioria com a cabeça.

Após a correção, os/as estudantes guardaram seus materiais e esperaram o sinal para o almoço.

5.3 Registro da aula 5 – 06/11/2024

Imagem 12 - Os/as alunas/as realizando o exercício da aula 5



Fonte: O autor (2024)

Imagem 13 – Atividade aplicada durante a aula 5

ATIVIDADE

LIVRO INFANTIL...

1. Qual é a crítica central que a charge está fazendo sobre o comportamento das crianças e adolescentes em relação aos livros?

2. A menina menciona "turbinando o seu tico e teco". O que essa expressão quer dizer no contexto da leitura?

3. Por que o autor escolheu o TikTok como exemplo na charge? O que isso representa na sociedade atual?

4. Você concorda com a mensagem da charge? Justifique sua resposta com base em sua experiência e observação.

FUNDO ELEITORAL: TEXA AUMENTO DE 50% PARA 2025.

1. Qual é o tema abordado nesta charge e qual crítica o autor está tentando transmitir sobre o aumento do fundo eleitoral?

Fonte: O autor (2024)

Na quarta-feira, 6 de novembro, na segunda aula da manhã, os/as alunos/as estavam novamente agitados. Esperei cerca de dez minutos para que se acomodassem.

— Pessoal, vamos lá! Prestem atenção! Todo mundo sentado!

Após acalmá-los, continuei:

— Ontem comentei que hoje teríamos uma atividade de interpretação de charges.

— Sim! Disseram vários.

— Organizem as cadeiras. A atividade será individual.

— Professor, deixa a gente fazer em dupla? Pediu EV08.

— Dessa vez, não. Já planejei para ser individual. Vamos nos organizar.

Distribuí a atividade e avisei:

— Vocês terão uns 20 minutos para responder. Depois vamos corrigir juntos.

Passado o tempo, comecei a correção:

— Vamos lá, pessoal. Observem essas duas garotas na charge. CA08 e MR08, leiam o texto e a primeira questão para nós”.

Após a leitura:

— Qual a crítica central dessa charge?

— O vício das pessoas no TikTok! Disse CA08.

— E a relação com os livros? Qual é?

— Elas deviam estar lendo, mas estavam no TikTok. Completou EV08.

— Exato. Os livros representam o conhecimento, que se opõe ao vício nas redes. Vamos à segunda questão:

— O que significa a expressão “turbinando o seu tico teco”?

— A cabeça. Respondeu MR08.

— Isso! Por que “turbinando”?

— Porque elas iam ficar mais inteligentes. Disse EV08

— Muito bem! O livro é símbolo de sabedoria.

Na terceira pergunta, questionei:

— Por que o autor escolheu o TikTok? O que ele representa hoje?

— O vício!? Disse JG08.

— Exatamente. O TikTok é um dos maiores símbolos do vício atual. As pessoas, principalmente os jovens, passam muito tempo nele.

— Tem o Instagram também! Lembrou DAN08.

— Sim! E há um documentário na Netflix que fala sobre isso. Depois trago o nome para vocês.

Seguimos:

— Vocês concordam com a mensagem da charge? Justifiquem com base na vivência de vocês.

— Sim! Por causa do vício nas redes sociais. Disse JG08.

— Isso tem gerado ansiedade e depressão. Precisamos nos cuidar.

Última questão:

— Qual o tema desta charge e qual a crítica sobre o aumento do fundo eleitoral?

— “Os políticos roubando!”. Disse CA08.

— Corrupção! Completou JG08.

— Correto! O fundo eleitoral é dinheiro público usado para campanhas. Muitos candidatos usam esse recurso até para comprar votos”.

— Professor, lá no Nova Esperança tinha um monte comprando voto! Comentou DAN08.

— E é bem possível que usassem dinheiro desse fundo. Na charge, duas pessoas brigam enquanto os políticos passam com sacos de dinheiro. Entenderam a crítica?

— Sim! Eles brigam enquanto são enganados! Completou JG08.

— Isso mesmo. A charge mostra como a polarização política cega as pessoas, enquanto os políticos se aproveitam.

Encerramos a aula. Recolhi as atividades enquanto os/as alunos/as corriam para o intervalo.

5.4 Registro das aulas 6 e 7 – 11/11/2024

Imagem 14 - Exibição dos dois curtas-metragens



Fonte: O autor (2024)

Na manhã do dia 11 de novembro, após uma semana de projeto, entrei em sala e percebi que os/as discentes estavam mais agitados do que o habitual. Precisei pedir várias vezes por silêncio e atenção. Havia uma razão para isso: eles/as haviam trocado de sala devido a problemas estruturais na anterior, o que acabou contribuindo para o alvoroço. Após um tempo, quando finalmente se acomodaram, iniciei a aula:

— Pessoal, atenção, por favor! Preciso da cooperação de vocês. Hoje vamos assistir a dois vídeos. Mas só vou passar se vocês se comportarem.

— É filme, é? Perguntou YU08.

— Não exatamente! Na verdade, são curtas-metragens. São como filmes, mas com duração bem menor. Enquanto um filme costuma durar entre duas a três horas, um curta pode ter meia hora ou até menos. E geralmente abordam temas importantes, que nos fazem refletir. Escolhi esses dois justamente porque se aproximam da nossa temática: a charge.

Alguns alunos/as perguntaram sobre os temas dos vídeos, outros sugeriram que eu passasse outro tipo de filme. Retomei o foco:

— Pessoal, atenção de novo! Olha só: um dos vídeos trata da inserção de pessoas surdas na sociedade. O outro aborda o racismo. Quero que vocês prestem atenção, pois, depois, vamos conversar e responder umas questões sobre eles.

Organizei as cadeiras, coloquei-os em posição mais adequada, e consegui, enfim, exhibir os dois curtas.

Apesar de precisar intervir algumas vezes pedindo silêncio, consegui mostrar os vídeos com relativa tranquilidade. Essa fase da aula durou cerca de 40 a 45 minutos. Após isso, escrevi as questões no quadro para que eles/as respondessem:

Imagem 15 – Pôster do curta-metragem *Crisálida*



Fonte: Site Mostra de Cinema Infantil (2017)

Imagem 16 – Pôster do curta-metragem *Dudu e o Lápis Cor de Pele*



Fonte: Youtube (2018)

Questões para discussão:

1. Quais problemas sociais os dois vídeos retratam? Qual a importância de discuti-los em sociedade?
2. Qual dos dois vídeos chamou mais a sua atenção? Justifique.
3. O que aconteceu no final de cada um dos vídeos?
4. Se você fosse fazer uma charge, qual dos dois temas você escolheria? Justifique.

— Oh, gente! Prestem atenção no quadro. Coloquei umas questões para vocês responderem. Vou dar uns 10 minutinhos, e depois quero que compartilhem as respostas, certo?

Deixei-os à vontade por cerca de 10 minutos. Depois retomei a condução:

— Pessoal, vamos lá! Bora responder!

— Mas já, professor? Disse JS08.

— Já sim! Se não, não vai dar tempo. O intervalo é daqui a pouco. Bora! Primeira questão: Quais os problemas sociais que os dois vídeos retratam? E por que é importante discutir isso?

Vários responderam: Racismo e a dificuldade dos surdos na sociedade. Fiquei satisfeito, pois demonstraram ter compreendido bem a temática dos curtas.

— Muito bem, gente! Agora a segunda: Qual dos dois vídeos chamou mais a atenção de vocês? E por quê?

— Acho que o do racismo, professor! Porque o racismo tá até no nome das cores que a gente usa. Disse DAN08.

— Perfeito, DAN08! O racismo não se resume aos xingamentos que vemos na televisão ou nas redes sociais. Ele é mais profundo. É um discurso. Lembram dessa palavra? Quando a gente usa o termo lápis cor de pele, por exemplo, está repetindo um discurso racista. Repararam que essa cor é parecida com a pele de pessoas brancas? Isso é reflexo de um padrão social que foi se tornando comum, mas que carrega preconceito. O vídeo nos mostra como até palavras aparentemente inofensivas têm raízes discriminatórias. Precisamos repensar isso.

— Professor, achei legal a professora no final se unir à mãe. Comentou JG08.

— E o menino ficou andando pra lá e pra cá por causa do lápis! Completou LA08.

— Exatamente! O enredo mostra a professora revendo suas atitudes. Já o menino, muito curioso, busca entender por que o lápis tem aquele nome, e acaba descobrindo que não existe uma única cor de pele, mas várias. Interessante, né?

— E o outro vídeo, gente? O que acharam? Perguntei.

— Achei interessante também! Coitado do menino surdo... sofre muito preconceito. Disse YU08.

— O pai dele não queria que ele falasse com os outros meninos. Acrescentou EV08.

— Professor, teve uma parte que eu não entendi. Comentou GUS08.

— Provavelmente foi por causa da Libras, a Língua Brasileira de Sinais. O curta tem esse objetivo mesmo: provocar a reflexão e nos fazer sentir a dificuldade da comunicação para pessoas surdas. Muitos sofrem preconceito justamente por essa barreira.

— O povo chama de mudinho. Disse YU08.

— Pois é! E esse tipo de apelido contribui para que o preconceito continue existindo. Muitas vezes, os surdos não têm acesso a Libras nas escolas, não aprendem a se comunicar, e isso afasta ainda mais o convívio com os outros. E mesmo quando sabem Libras, enfrentam dificuldades para interagir e fazer amigos. Isso é muito triste.

— E o pai do menino ainda não queria que ele brincasse! Lembrou outra vez.

— Exatamente! Isso revela como certas atitudes alimentam esse discurso de exclusão. Vamos agora à terceira pergunta: O que aconteceu no final de cada um dos vídeos? Já discutimos um pouco, mas vamos retomar. O que o Dudu descobriu no final?

— Que não existe só aquela cor de lápis, mas várias! Disse JAM08.

— Isso! E teve algo mais?

— Falou do Zumbi! Lembrou LA08.

— Perfeito! A personagem cita grandes personalidades negras do nosso país, como Cartola, Ivone Lara, Pelé e o próprio Zumbi, que é de União dos Palmares, aqui em Alagoas! Infelizmente, muitas dessas figuras não são reconhecidas nem estudadas nas escolas. Isso também é consequência do racismo. E o nome Dudu significa negro, de origem africana. Interessante, né? E o que acharam do final do outro vídeo?

— Foi bom! Disse YU08.

— Por quê?

— Porque mostrou que é importante incluir os surdos na sociedade. Completou.

— Isso! E a Libras é essencial nesse processo de inclusão. Agora vamos à última: Se vocês fossem criar uma charge, qual dos temas escolheriam?

— O do Dudu! Acho que o racismo é um problema importante para ser resolvido. Disse JG08.

— Concordo com você! Como vimos, o discurso racista está presente até em detalhes do dia a dia, como a cor de um lápis. E esses temas têm tudo a ver com charge! Porque a charge critica justamente esses problemas da sociedade, aquilo que está errado e precisa mudar. Então, pessoal, nas próximas aulas, vocês vão criar as próprias charges, ok?

Eles/as sinalizaram positivamente com a cabeça, embora já estivessem agitados para o intervalo. Deixei-os um pouco à vontade até o final da aula.

5.5 Registro das aulas 8 e 9 – Dia 12/11/2024

No último e mais importante dia da pesquisa, o qual aconteceria a oficina de produção textual das charges, eles/as estavam um pouco agitados/as, como sempre. Havia um número razoável de alunos/as, pois alguns estavam ausentes; contudo, havia um número suficiente para que a atividade fosse aplicada. À primeira vista, havia pensado apenas na produção em si, mas resolvi também aplicar uma pequena atividade de leitura e compreensão textual como forma de consolidação do conteúdo estudado. Após algum tempo, resolvi começar:

— Pessoal, vamos lá! Atenção aqui! Vamos deixar de brincadeiras! Por favor! Hoje vai ser um dia bem importante! Acho que comentei na nossa última aula que vocês iriam fazer uma charge hoje! Pois é! Hoje será o último dia daquele projeto que iniciei semana passada com vocês. Quero dizer que vocês estão indo muito bem e tenho certeza que irão caprichar na charge de vocês. E também já quero agradecer a vocês por toparem em participar desse projeto. E olha, estou vendo que vocês estão evoluindo na aprendizagem e no senso crítico de vocês, e isso vai ser muito importante para vocês lá no futuro. Lembra o que falei na aula passada? Do Saeb, que vocês vão fazer ano que vem, e do Enem. E aí, gostaram, não é gente?

A maioria respondeu com um “sim” ou balançando positivamente a cabeça, apesar de alguns estarem um pouco dispersos/as. Logo após isso, prossegui:

— Gente, estou ainda ouvindo conversas paralelas! Hoje não vai ter brincadeira. Como falei, vocês vão fazer uma atividade de produção de texto. Vamos prestar atenção aqui! Vou explicar a atividade! Por isso, vocês têm de prestar atenção para depois não ficarem me perguntando. Oh, vejam só! A atividade será dividida em duas partes. Tem um exercício de interpretação e compreensão aqui para vocês responderem primeiro. Aí, depois, vocês respondem esse aqui embaixo que está indicando para vocês fazerem a charge. Este exercício de hoje a gente não vai corrigir. Vocês vão fazer e me entregar, certo?

— Professor, vai ser em dupla? Perguntou JG08.

— Não! Será individual!

— Professor, faz em dupla, por favor! Retrucou ele.

— Não, gente, planejei individual! Mas vamos fazer assim: vocês podem se juntar e conversar com os seus outros colegas, porém as respostas e as charges cada um faz a sua. E as respostas devem ser diferentes também, está certo? Nada de bagunça, certo? Se vocês bagunçarem, todo mundo fará na sua banca, sozinho! Por isso, se ajudem! Está certo? Combinado assim?

Assim, eles/as concordaram em cooperar para que a tarefa fosse executada da melhor forma possível.

— Pode usar celular? Indagou CA08.

— Então, vou deixar que vocês usem, mas somente para pesquisarem exemplos de charges. Pessoal, por favor, não é para fazer igual, certo? É somente para servir de modelo para vocês. Principalmente para vocês verem o tema que vão escolher. A temática será livre. Podem fazer dos temas que a gente discutiu aqui: racismo, o vício em tecnologia, mudanças climáticas etc. Vai ficar a critério de vocês.

— Professor, a gente tem que fazer a charge nessa folha que o senhor vai dar? Questionou EV08.

— Não. Vocês vão poder, se quiserem, fazer no caderno de vocês. Eu também trouxe folhas em branco. Se quiserem, é só pedir que eu dou! Vou começar a distribuir para vocês. Caprichem na charge de vocês. Usem e abusem da criatividade de vocês.

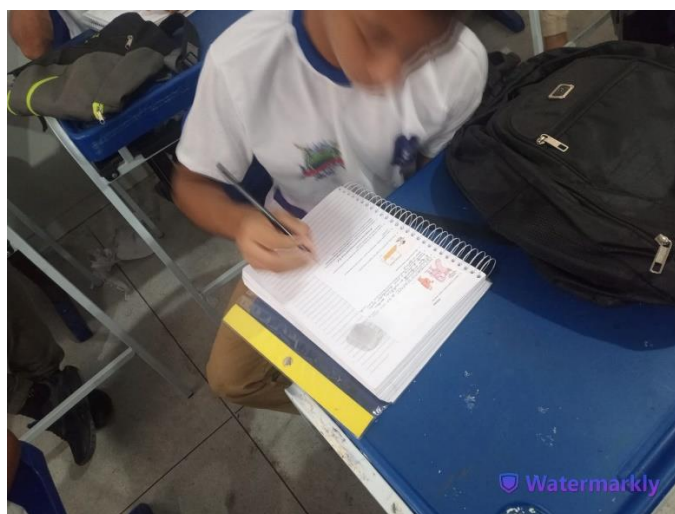
Assim, distribuí e eles/as próprios começaram a se juntar e a socializar suas respostas e raciocínios. Diante disso, a aula transcorreu melhor que o esperado. Ainda, muitos vieram até mim para tirar algumas dúvidas a respeito das questões de compreensão e interpretação textual. Em algumas ocasiões, chamei a atenção deles/as por conta de conversas paralelas ou distrações alheias devido à permissão do uso do celular para a realização desta atividade. E assim se seguiu até o fim, quando eles/as, aos poucos, foram me entregando a atividade até o toque para o intervalo. E com isso, o projeto foi concluído com êxito.

Imagem 18 – Aluno/as assistindo à aula



Fonte: O autor (2024)

Imagem 19 – Aluno executando a atividade proposta



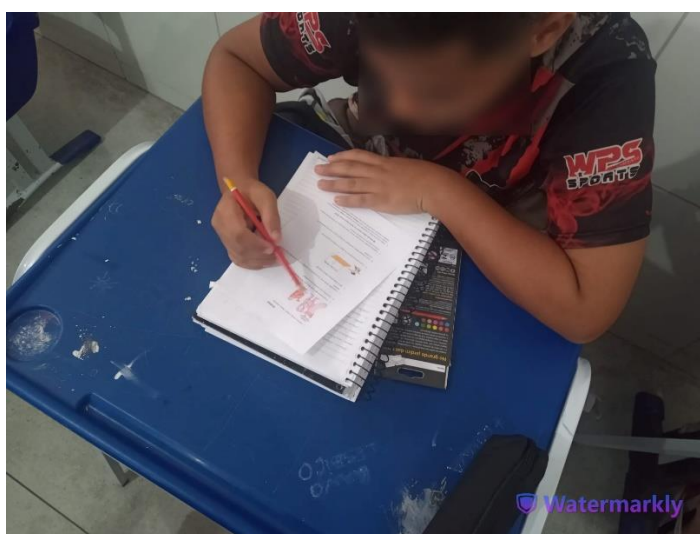
Fonte: O autor (2024)

Imagem 20 – Aluna executando a atividade proposta



Fonte: O autor (2024)

Imagem 21 – Aluno executando a atividade proposta



Fonte: O autor (2024)

Imagem 22- Atividade realizada nas aulas 8 e 9

ATIVIDADE

1- Observe a charge a seguir e depois responda:



- O que o personagem quer dizer com "fazer meu pé de meia"?
 - Qual crítica social está presente na charge?
 - A expressão "pé-de-meia" é um exemplo de linguagem formal ou informal? O que ela significa?
- 2- Veja a charge abaixo e depois responda:



- O que há de contraditório na imagem em relação à inclusão social?
- Como a escada impede o personagem de acessar o local? O que isso representa na sociedade?
- A palavra "inclusão" vem do verbo "incluir". Qual outra palavra da mesma família pode ser usada para descrever um ambiente acessível?

📌 **Atenção, Galera! Vamos Criar Nossa Própria Charge!** 🎨✍️

- 3- Chegou a hora de soltar a criatividade! Que tal criar sua própria **charge**? Você pode escolher qualquer tema que ache importante, como **violência**, **corrupção**, **guerras**, **consumismo**, **racismo** ou qualquer outro assunto que te faça refletir sobre a sociedade.

Fonte: O autor (2024)

6. Análise das charges

Ao que se sucede, serão analisadas 18 charges da referida turma; conforme já apontado, serão examinados tanto a linguagem verbal como não verbal, com o objetivo de compreender como os/as alunos/as do 8º ano B, ao produzirem essas charges, articulam discursos que refletem suas percepções sobre questões sociais, econômicas, culturais, históricas, políticas e ambientais. Dessa maneira, a análise se estrutura em torno de cinco categorias discursivas principais: o discurso de julgamento social, que abrange práticas de exclusão baseadas em aparência e padrões corporais, como o bullying e a gordofobia; o discurso racista, que emerge em falas que reforçam preconceitos relacionados à cor; discurso ecológico, que denuncia os impactos das ações humanas no meio ambiente, como a poluição e o

desmatamento; Discursos sobre questões sociais e de problemas da contemporaneidade, abordando os dilemas da sociedade atual e o discurso sobre violência de gênero, que retrata os impactos das agressões físicas e psicológica na vida da mulher e no tecido social.

A partir de uma abordagem teórica discursiva, busca-se explorar como os discursos materializados nas charges revelam relações de poder, ideologias e resistências na sociedade e no contexto escolar. Essa perspectiva permite identificar os sentidos produzidos pelos/as alunos/as e destacar o potencial pedagógico das charges como ferramenta para a formação de uma consciência crítica sobre os desafios contemporâneos. Além disso, a presente seção considera como essas representações visuais e textuais podem refletir práticas discriminatórias e preocupações ecológicas, promovendo uma reflexão sobre a convivência, a justiça social e a sustentabilidade.

Em resumo, este capítulo, portanto, propõe uma reflexão sobre o papel da produção textual no ensino básico, evidenciando como os/as alunos/as, ao criarem charges, se posicionam diante de questões que atravessam suas vivências, como a exclusão social, o preconceito e a crise ambiental. Nesse aspecto, as análises buscam contribuir para a pesquisa ao demonstrar de que forma o gênero charge pode ser um espaço de expressão e crítica, fomentando a educação para a cidadania e a sensibilidade ética dentro do ambiente escolar.

6.1 Discurso de julgamento social

Imagem 23 – Charge 1



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge apresenta uma cena urbana onde duas jovens, vestidas com roupas de grife (como a bolsa "Guess"), caminham rindo e zombando de uma terceira personagem, identificada como trabalhadora de limpeza ("Limpeza"), que aparece com uma vassoura e expressão de desânimo. O diálogo "Ai, ai, esse pobre povo, ha ha ha" reforça a desigualdade social e a naturalização da exclusão social.

Pode-se dizer, a partir da perspectiva discursiva, que a charge evidencia a formação discursiva que sustenta a ideologia dominante, dada as divergências sociais entre as personagens, já que segundo Pêcheux "todo processo discurso se inscreve numa relação ideológica de classes (1997, p.92)". Ou seja, o discurso das jovens reflete a interpelação ideológica que as posiciona como superiores, reproduzindo a lógica capitalista que desumaniza e marginaliza a classe trabalhadora. A fala irônica ("Esse povo pobre") mascara a exploração ao naturalizá-la, enquanto a trabalhadora, silenciada, é discriminada pela sua condição social, evidenciando o apagamento de sua subjetividade diante do discurso hegemônico das classes sociais dominantes.

Compreendendo o silêncio e a materialidade da linguagem, podemos dizer que o não dito na charge, ou seja, a ausência de voz da trabalhadora, simboliza a opressão estrutural, enquanto o riso das jovens é um gesto discursivo que reforça a exclusão. A palavra "pobre" carrega uma historicidade que remete à desigualdade enraizada, e o cenário urbano, com a placa "Limpeza", materializa a segregação espacial e social. Orlandi (1995) aponta a ironia como um mecanismo de poder, dessa forma, as jovens ricas ao ridicularizar a trabalhadora da limpeza, impede a emergência de um contradiscurso.

Tendo em vista o que fora discutido, a leitura conjunta de Pêcheux e Orlandi permite ainda perceber a tensão entre o visível e o invisível na charge: o contraste entre a alegria das jovens e a melancolia da trabalhadora sublinha a violência simbólica que atravessa as relações sociais. A ausência de interação direta entre as personagens reforça a distância de classe, enquanto o traço caricatural amplifica a crítica social, convidando o leitor a questionar a naturalidade dessas desigualdades e a refletir sobre os silêncios que sustentam o privilégio.

Assim, a charge revela como o discurso opera na reprodução da desigualdade, naturalizando a exploração e silenciando os oprimidos, enquanto o riso das jovens escancara a violência simbólica que sustenta as relações de poder.

Imagem 24 – Charge 2



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge, criada por este/a aluno ou aluna da turma em questão, retrata três figuras femininas desenhadas com traços simples: duas à esquerda com expressões aparentemente neutras ou sorridentes, e uma à direita, com um semblante triste. A frase "Olha a roupa dela", dita por uma das meninas à esquerda e apontada para a figura isolada, é o núcleo da obra. O desenho, feito em preto e branco com linhas mínimas, centra-se na interação e no tom crítico implícito, sugerindo uma reflexão sobre dinâmicas sociais no ambiente escolar, já que os/as discentes vivenciam as diferenças de classe sociais cotidianamente, sobretudo na escola.

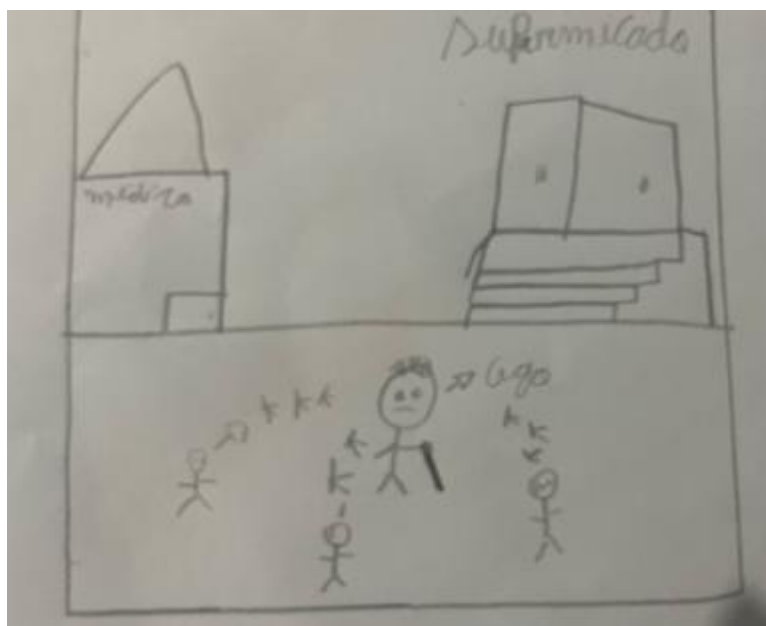
Sob a perspectiva da Análise do Discurso, Michel Pêcheux (1997) nos permite interpretar a fala "Olha a roupa dela" enquanto uma prática discursiva que reforça relações de poder. O imperativo "olha" e o pronome "dela" estabelecem uma hierarquia, colocando a menina à direita como alvo de um julgamento que a exclui do grupo. Para Pêcheux, esse discurso é moldado por formações ideológicas, as quais representam um "conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais e nem universais, mas que se relacionam mais se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas relação às outras", conforme sublinhou Haroch et. al (1971, s.p) que naturalizam padrões de aparência, refletindo tensões comuns entre adolescentes no contexto escolar.

A expressão de tristeza da menina à direita evidencia o impacto emocional desse julgamento, mostrando como o discurso a submete. Louis Althusser (2022) descreve esse processo como interpelação ideológica, em que o sujeito é chamado a se reconhecer em uma norma e, ao falhar, é marginalizado. Na charge, a crítica à roupa — apesar de não haver grandes diferenças visíveis entre as vestimentas — sugere que o alvo é menos a aparência e mais a imposição arbitrária de poder, um eco de práticas como o bullying.

Eni Orlandi (2015) considera que o discurso opera como um espaço de memória e silenciamento, assim, certos sentidos são privilegiados e outros ocultados. Ao desenhar essa cena, a/o aluna/o do 8º ano indica romper com o silêncio sobre a exclusão, usando a charge como uma forma de resistência contra o elitismo da classe dominante. Esse ato criativo no ensino básico permite visibilizar tensões sociais, convidando a uma leitura crítica das relações de poder que atravessam o cotidiano escolar. Ademais, ainda, a referida charge sugere uma leitura de associação da pobreza à tristeza, numa (re)produção de um discurso capitalista de que se precisa ser rico, ter bens, para ser feliz, demonstrando as contradições sociais vigentes.

Assim, a referida charge revela o potencial da produção textual para expressar e questionar práticas discursivas. O enunciado "Olha a roupa dela" encapsula um discurso de exclusão que reflete hierarquias, a partir das diferenças de classes sociais, entre os jovens, oferecendo à pesquisa um material rico para explorar como os/as alunos/as percebem e resistem a normas ideológicas, contribuindo para reflexões sobre o papel da escola na formação de sujeitos críticos.

Imagem 25 – Charge 3



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

O texto acima, produzida por um/a aluno/a, é dividida em dois quadros. No superior, dois prédios identificados como "médico" e "supermercado" aparecem com a palavra "supermercado" entre eles/as, sugerindo barreiras de acesso. No canto inferior, um menino com expressão triste, apoiado em uma muleta, é alvo de zombaria de outras figuras (setas e "hahaha"). O traço simples enfatiza a crítica social, apontando para exclusões que vão além do ambiente escolar.

No âmbito do discurso de julgamento social, podemos ler a cena como uma prática discursiva que reforça desigualdades. O estabelecimento supermercado e a clínica médica indicam barreiras estruturais, enquanto a zombaria ao menino com muleta reflete uma formação ideológica que marginaliza quem é visto como diferente. É provável que o aluno ou a aluna tenha se inspirado no curta-metragem *Crisálida*, exibido em sala, que aborda as dificuldades de pessoas com deficiência auditiva na sociedade, e, dessa forma, amplia a crítica para outras formas de exclusão, como as enfrentadas por quem tem limitações físicas.

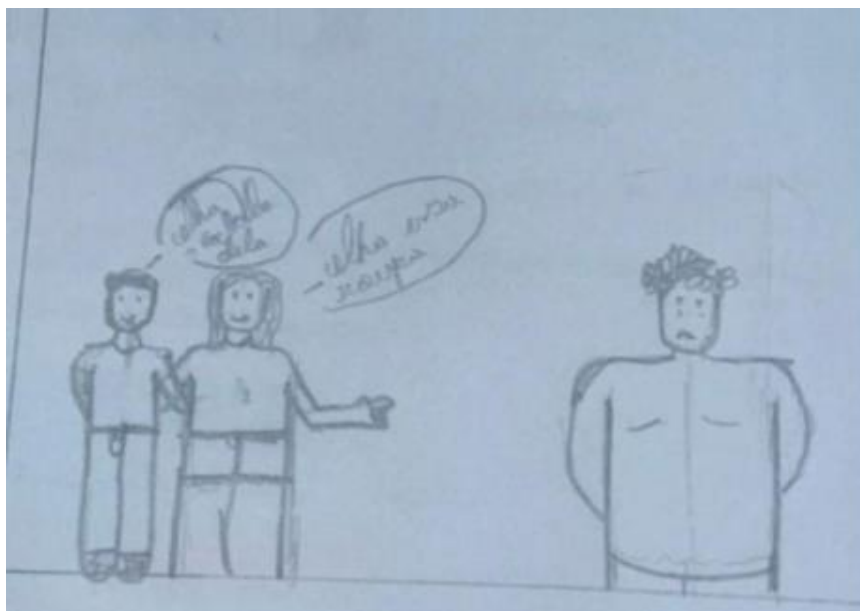
A tristeza do menino evidencia o impacto emocional desse julgamento. Louis Althusser (2022) explica isso como interpelação ideológica, pois nessa concepção toda ideologia é feita pelo sujeito e para o sujeito de forma concreta. Na cena em questão, o discurso posiciona o cego como inferior, fazendo-o internalizar sua

exclusão. A muleta simboliza vulnerabilidade, e a zombaria reforça a norma social que desvaloriza quem não se encaixa, ecoando as barreiras de acesso sugeridas pelos prédios e conectando-se às dificuldades de inclusão retratadas no curta.

Eni Orlandi (2015) aponta que todo discurso está relacionado à memória discursiva que resgata a forma de dizer, o pensamento em uma dada formação discursiva. Desse jeito, ao desenhar essa cena, o/a aluno/a visibiliza práticas de exclusão que atravessam o cotidiano, como o preconceito contra pessoas com deficiência e as barreiras estruturais a serviços básicos. Inspirado pelo *Crisálida*, o/a aluno/a usa a charge para dar voz a silenciamentos, promovendo uma reflexão sobre as desigualdades que afetam pessoas com deficiência na sociedade.

Assim, a charge se alinha ao discurso de julgamento social, pois a zombaria ao menino e as barreiras simbolizadas pelos prédios denunciam desigualdades, contribuindo para a pesquisa ao evidenciar o potencial das charges na formação de uma consciência crítica sobre inclusão e acessibilidade.

Imagem 26 – Charge 4



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A produção acima feita por um/a discente da referida turma, retrata três figuras: duas à esquerda, uma delas apontando e dizendo "Olha o cabelo dela" e "Olha essa roupa!", enquanto a terceira, à direita, com expressão triste, e uma veste desgastada. O traço minimalista e a ausência de cenário focam na interação, evidenciando uma

crítica ao julgamento baseado na aparência, uma das formas de opressão social baseada na ideologia da classe dominante.

Pêcheux (1997) nos convida a pensar na construção do sentido através do "já-dito". A fala "muito feia" remete a um repertório de valores estéticos que circulam socialmente, um "já-dito" que define o que é aceitável ou não. Esse discurso, segundo Pêcheux, estabiliza significados que excluem quem não se encaixa nos padrões, como a figura julgada por sua roupa e, também, por sua condição racial, já que se percebe que seu cabelo, no desenho, é cacheado, demonstrando seus possíveis traços de origem afrodescendente.

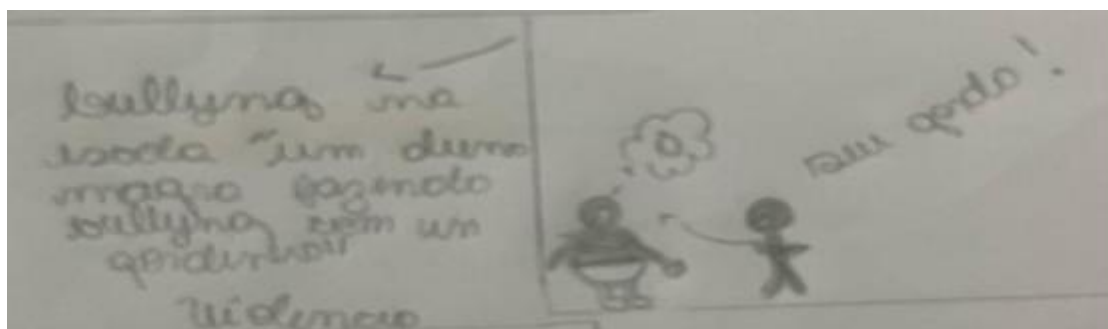
Louis Althusser (2022) nos ajuda a entender o efeito dessa exclusão ao discutir a ideologia, entendida como representações de ações práticas no tecido social e histórico da sociedade, e que atua como forma do indivíduo reconhecer-se como sujeito. Nessa linha, a personagem à direita é interpelada como "feia" e, ao reconhecer-se nesse lugar, sofre uma violência ideológica. A tristeza em seu rosto reflete o peso de ser reduzida a um julgamento estético, um processo que Althusser vê como parte da reprodução de normas sociais que hierarquizam os indivíduos.

Orlandi (2015) traz a noção do não-dito, ou seja, o ato de significar o implícito dentro do contexto discursivo, pois segundo ela "(...) todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer." (2007, p.12), portanto, podemos compreender o texto por meio das suas entrelinhas, a partir de uma perspectiva crítica e atenta. Nessa direção, podemos compreender que ao criar essa charge, o/a aluno/a realiza um gesto que não só reproduz o discurso de julgamento, mas que também discrimina, materializando o preconceito social. O não-dito reside justamente no silenciamento da personagem discriminada, já que não fala nada, se cala diante da situação, demonstrando sua submissão à ideologia da elite em que o oprimido não pode se revoltar, retrucar ou questionar a não ser se calar, baixar a cabeça e obedecer. Esse autoritarismo descrito na cena da charge é apenas uma das formas de opressão da classe dominante que não apenas subjuga padrões de beleza ou estéticos, mas também dita a sociedade no mundo político, laboral e econômico.

Assim, a charge, como já mencionado, insere-se no discurso de julgamento social, mostrando como este/a estudante, ao produzir esta charge, consegue articular críticas às práticas de exclusão que atravessam o cotidiano. Nesse sentido, a fala de

julgamento e a expressão de tristeza denunciavam os impactos emocionais dessas normas, contribuindo para a pesquisa ao destacar o potencial das charges na formação de um senso crítico de interpretação da realidade mais apurado.

Imagem 27 – Charge 5



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge acima apresenta dois personagens: um mais magro, que fala "Seu gordo", e outro, que é vítima dessa ação. Ao lado, o texto "bullying na escola 'um aluno magro fazendo bullying com um gordinho'", escrito como legenda à charge que se segue, reforça o tema. O desenho, com traços simples e foco na interação, critica o bullying motivado por padrões corporais, trazendo à tona práticas de estereotipagem e gordofobia que circulam entre jovens e refletem normas sociais mais amplas.

Michel Pêcheux (1997) nos convida a pensar sobre a relação entre discurso e ideologia através do conceito de pré-construído. Dessa forma, o enunciado "seu gordo" evoca um pré-construído que associa corpos gordos a algo negativo, ou seja, um sentido que já circula na sociedade, o que poderíamos fazer a analogia a um interdiscurso de práticas discriminatórias contra minorias, que é comumente ativado e funciona como um xingamento. Assim, esse discurso pré-construído sustenta uma formação discursiva que legitima a exclusão, naturalizando a gordofobia como uma prática aceitável entre os jovens.

Compreendemos com Stuart Hall (2003), o funcionamento do estereótipo como uma estratégia de fixação de sentidos. O personagem que se pensa "Seu gordo!" é reduzido a um estereótipo que, segundo Hall, simplifica e desumaniza, associando corpos gordos a características negativas como preguiça ou desleixo. Esse estereótipo, reforçado pelo riso do outro personagem, perpetua a gordofobia, transformando a diferença corporal em motivo de exclusão e violência simbólica.

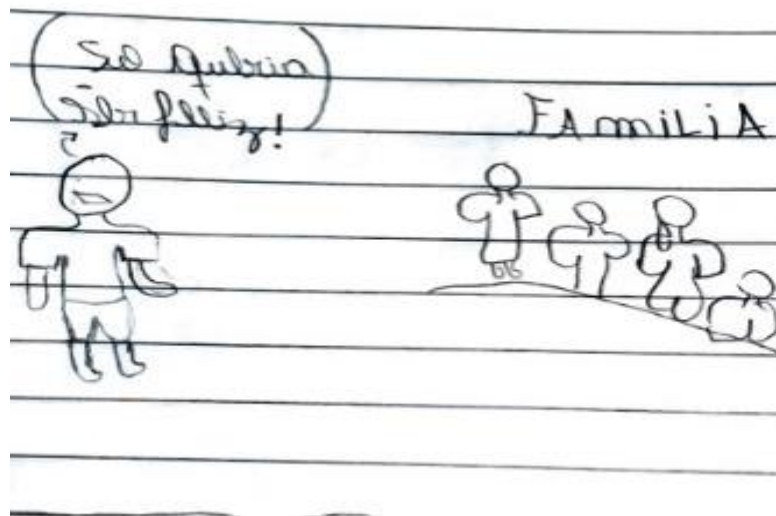
Althusser (2022) nos ajuda a entender o mecanismo da ideologia em sua prática material. O bullying aqui é uma manifestação de uma ideologia que opera através de práticas sociais, como o julgamento estético, interpelando o "gordo" como um sujeito que deve se envergonhar de seu corpo. A tristeza implícita no pensamento "Seu gordo!" reflete o sucesso dessa interpelação, mostrando como a gordofobia molda a subjetividade e reforça hierarquias entre os jovens dentro da escola e na sociedade.

Quando pensamos com Orlandi (2005) sobre a noção de silêncio, podemos analisar o que não é dito na charge, pois a dor do personagem alvo de bullying é tão importante quanto o que é dito. O silêncio em torno do sofrimento do "gordo" é um traço da gordofobia, que normaliza o bullying e invisibiliza suas consequências emocionais. Ao desenhar essa cena, o/a aluno/a rompe esse silêncio, usando a charge como um espaço de denúncia e reflexão sobre os impactos do julgamento social.

A produção dessa charge no ensino básico revela o potencial do gênero para captar e criticar práticas discriminatórias. O/a estudante, ao representar o bullying e a gordofobia, não apenas reproduz o discurso de julgamento, mas também o questiona, trazendo à tona os estereótipos que sustentam essas práticas. Isso dialoga com os objetivos pedagógicos de promover uma educação que valorize a diversidade e combata preconceitos, como a gordofobia, que afetam a convivência entre os jovens.

Portanto, a charge se insere no discurso de julgamento social, evidenciando como os/as alunos/as do ensino básico, ao produzirem charges, refletem sobre práticas de exclusão que atravessam suas relações. A crítica ao bullying baseado no corpo, articulada com estereótipos e gordofobia, contribui para a pesquisa ao destacar o potencial das charges como ferramenta de conscientização sobre os efeitos das normas sociais na formação dos jovens, promovendo uma reflexão crítica sobre aceitação e respeito.

Imagem 28 – Charge 6



Fonte: Arquivo de pesquisa (2024)

A charge, produzida por este/a aluno/a, representa um jovem do sexo masculino, isolado, com traços que sugerem melancolia, dizendo "Só queria ser feliz". À distância, está sua família — pais e filhos —, representada de forma rígida, simbolizando um grupo coeso, mas apartado do jovem. O espaço entre eles, visualmente demarcado, evidencia um distanciamento não apenas físico, mas ideológico, posicionando a obra como uma crítica ao discurso de julgamento social que opõe liberdade individual e conservadorismo familiar no contexto brasileiro.

Althusser (2022) nos ajuda a entender o papel da família como um Aparelho Ideológico do Estado. A representação da família na charge reflete o modelo tradicional, frequentemente associado a discursos de extrema-direita que a posicionam como unidade central para a manutenção da ordem e dos bons costumes. O jovem, ao dizer "só queria ser feliz", é interpelado como um sujeito que desafia essa ideologia conservadora, sendo potencialmente julgado como rebelde, subversivo ou libertino por buscar uma felicidade que rompe com as tradições impostas.

Podemos ler, a partir de Sigmund Freud (2004), como o conflito psicológico é representado. A fala do jovem pode ser vista como uma manifestação do ego, que busca realização pessoal, mas entra em tensão com o superego, representado pela família, que internaliza normas sociais rígidas. Essa tensão entre o desejo de felicidade e as expectativas familiares reflete um conflito psíquico que, segundo Freud, é central na formação do sujeito e de seu discurso em romper as regras impostas pela

família, especialmente em contextos em que a liberdade individual é reprimida por estruturas sociais opressivas.

Segundo Maslow (1987) o sujeito transcende as necessidades básicas e busca a realização de seu potencial. Assim, o jovem da charge, ao expressar o desejo de ser feliz, parece estar em busca dessa autorrealização, rompendo com as expectativas familiares que o limitam a papéis sociais predefinidos. Essa busca, porém, é julgada negativamente pela família, que representa valores tradicionais que priorizam a segurança e a conformidade em detrimento da liberdade individual.

A distância física entre o jovem e a família simboliza um silenciamento mútuo: de um lado, o jovem silencia sua voz dentro do núcleo familiar ao buscar sua própria felicidade; de outro, a família, ao se manter distante, silencia o diálogo que poderia acolher essa busca. Ao desenhar essa separação, o/a aluno/a realiza um gesto de denúncia, usando a charge para expor como o julgamento social impede a compreensão entre gerações e ideologias distintas.

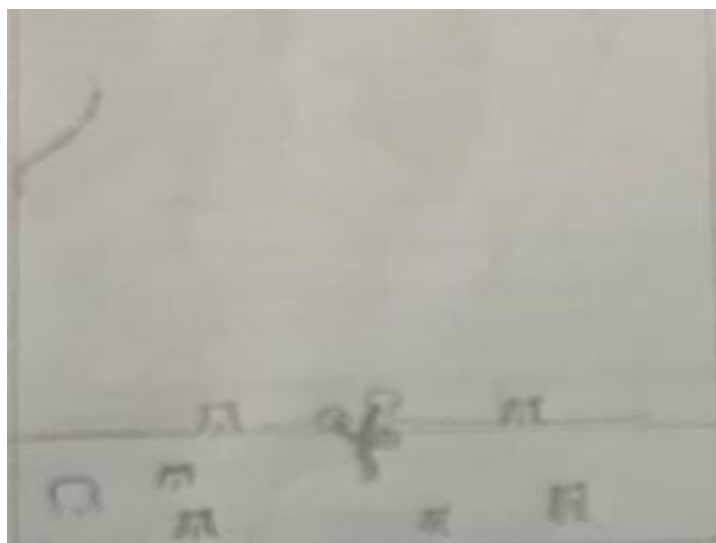
Ainda nesse sentido, Orlandi (2005) nos leva a analisar os efeitos de sentido no discurso. Assim, o enunciado "Só queria ser feliz" evoca dizeres de uma formação discursiva que redefine o conceito de felicidade, associado pelo jovem a uma postura progressista de independência e liberdade, mas que, sob o olhar conservador da família, é interpretado como uma transgressão. Esse efeito de sentido revela uma tensão entre discursos opostos: o progressismo que questiona normas e o conservadorismo que as preserva, uma dicotomia que atravessa a sociedade brasileira contemporânea.

Por isso, a charge, ao retratar esse distanciamento ideológico, evidencia como o julgamento social opera na sociedade brasileira, onde a família tradicional é frequentemente associada à manutenção do *status quo*. A fala do jovem, carregada de melancolia, sugere que sua busca por felicidade é vista como um ato de rebeldia, algo que desafia os valores conservadores que associam a felicidade à obediência às normas familiares e sociais. Essa tensão reflete um conflito mais amplo entre o progressismo, que valoriza a liberdade individual, e o conservadorismo, que defende a preservação da tradição, muitas vezes ligados a discursos de extrema-direita que enxergam qualquer questionamento à formação familiar tradicional como uma ameaça à estabilidade social.

Diante disso, o estudante, ao representar o jovem em oposição à família, expressa uma sensibilidade crítica que dialoga com os desafios contemporâneos, como a pressão por conformidade e o julgamento enfrentado por quem busca autonomia. A escolha de um jovem como protagonista também aponta para a relevância do ambiente escolar, em que os/as alunos/as, em fase de formação identitária, no período da adolescência, frequentemente enfrentam dilemas semelhantes, presos entre o desejo de liberdade e as expectativas sociais impostas. A crítica visual ao distanciamento entre o jovem e sua família contribui significativamente para esta pesquisa ao destacar o potencial das charges como um meio de expressão para explorar as tensões entre a liberdade individual e o conservadorismo, promovendo reflexões sobre identidade, autonomia e os impactos do julgamento social no desenvolvimento do público juvenil.

6.2 Discurso ecológico

Imagem 29 – Charge 7



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A primeira charge dessa categoria apresenta uma composição minimalista com traços que sugerem troncos de árvores e folhas, dividida em duas partes por uma linha horizontal. Na parte inferior, há figuras que podem ser interpretadas como árvores cortadas ou em processo de desmatamento. A simplicidade do desenho e a ausência de texto explícito apontam para uma crítica ecológica, possivelmente relacionada à destruição ambiental.

Pêcheux (1997) nos permite explorar a noção de deslocamento semântico ou de sentido que compreende que os significados existem mesmos antes de serem usados pelos falantes e são determinados pelas práticas sociais que estão imersos, como bem pontuado pela professora Mariza Vieira da Silva (2003) acerca dessa questão:

Os sentidos estão sempre em relação à e as palavras já têm sentido antes que as falemos, assim, o sujeito ao filiar-se a redes de sentido, a formações discursivas, cujas fronteiras se deslocam em função dos jogos ideológicos. O texto, uma dispersão do sujeito, é o lugar, é o lugar em que o sujeito se acha e se perde. (p.7)

A partir disso, pode-se sugerir com os traços que lembram árvores cortadas deslocam o sentido de "natureza" de algo vivo para algo ameaçado, refletindo uma formação discursiva que emerge da percepção de riscos ambientais. Para Pêcheux, esse deslocamento revela como o discurso sobre a natureza é moldado por contextos sociais e contemporâneos, como a pressão sobre florestas em tempos de mudanças climáticas.

O sociólogo Ulrich Beck (2011) traz uma reflexão sobre a sociedade de risco, onde a destruição ambiental é um risco global produzido pela modernização em consequência das más ações humanas. A imagem das árvores cortadas pode ser lida como uma representação visual desse risco, sugerindo que o/a aluno/a capta a ideia de que ações humanas, como o desmatamento, ameaçam o equilíbrio ecológico. Esse discurso ecológico, segundo Beck, reflete uma consciência juvenil sobre as consequências da crise climática.

Althusser (2022) nos ajuda a entender o papel da ideologia no mecanismo da interpelação, conforme já dito nas análises anteriores. Ou seja, a charge, em questão, interpela o espectador como parte de uma sociedade que consome e destrói, mas também como alguém que pode questionar essa prática. Assim, a simplicidade do desenho sugere um apelo implícito à reflexão, mostrando como a ideologia ambiental é reproduzida e, ao mesmo tempo, representada no contexto escolar, sobretudo nas aulas de Ciências Naturais ou de Geografia.

Como sabemos, Orlandi (2012) traz a noção de leitura como produção de sentido. Sem texto explícito, a charge depende da interpretação do leitor para significar a perda ambiental. Ao criar essa imagem, o/ aluno/a produz um sentido crítico sobre a relação entre humanidade e natureza, usando o desenho como um

espaço de resistência contra o silêncio sobre a destruição ecológica, um tema que ressoa com os debates atuais sobre sustentabilidade.

Portanto, a charge se insere no chamado discurso ecológico, destacando como um/a estudante, ao produzir uma charge, expressa preocupações com o meio ambiente e os desafios climáticos, tema que foi bastante discutido nas aulas que antecederam a oficina de produção textual. Dessa forma, a representação de árvores cortadas e a sugestão de redução florestal demonstram o potencial das charges como um texto de resistência para fomentar a consciência ecológica, refletindo os desafios das mudanças climáticas na formação de estudantes críticos.

Imagem 30 – Charge 8



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge acima mostra um desenho de árvores sem folhas ao lado de uma fábrica com chaminés soltando fumaça, sugerindo uma crítica à destruição ambiental. A simplicidade do traço e a ausência de texto explícito criam um impacto visual que aponta para os efeitos da poluição e do desmatamento, posicionando a obra como uma reflexão ecológica no contexto escolar.

O sociólogo John Bellamy Foster oferece uma noção crítica marxista em relação aos impactos do sistema econômico para o meio ambiente, visto que “Não é segredo que estamos enfrentando uma emergência ambiental planetária, que coloca em perigo muitas espécies do planeta, incluindo nossa própria, e que a catástrofe em

curso tem suas raízes no sistema econômico capitalista” (2011, p.87). Por isso, a imagem de árvores desfolhadas diante de uma fábrica reflete a quebra no metabolismo entre sociedade e natureza, causada pela exploração capitalista que prioriza a produção industrial, como a emissão de poluentes e o desmatamento. Essa visão sugere que o/a aluno/a percebe os impactos ambientais do progresso industrial desenfreado.

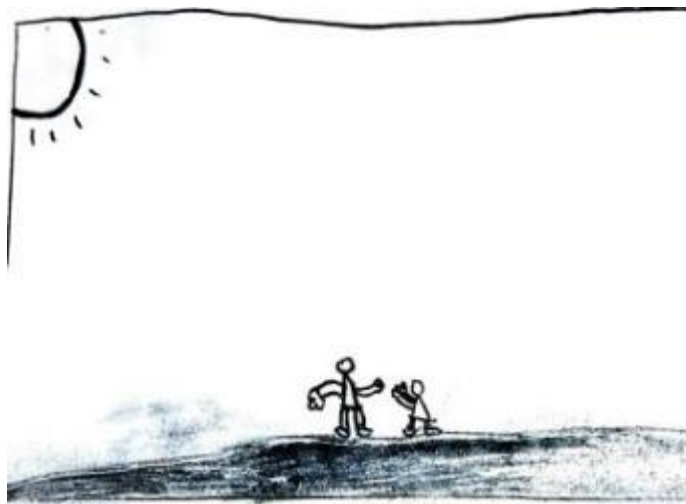
No âmbito discursivo podemos analisar os efeitos de sentido implícitos. A escolha de representar árvores sem folhas e uma fábrica emite um efeito de deterioração, onde a natureza aparece como vítima da ação humana. Esse sentido é produzido por uma formação discursiva que tensiona a ideia de desenvolvimento com os custos ecológicos, um conflito que o/a aluno/a visualiza de forma simbólica.

Assim, a ausência de texto na charge representa a degradação gradual e silenciosa da natureza. Há uma denúncia de destruição ambiental que muitas vezes é imperceptível e ignorada diante do crescente negacionismo climático. Ao criar essa imagem, o/a discente rompe esse silenciamento, usando a charge como um espaço de resistência que convida à reflexão sobre a relação entre industrialização e crise ecológica.

Tomando a escola com Aparelho Ideológico do Estado, poderíamos entender que a charge reproduz a visão de que o progresso industrial é benéfico por gerar empregos, renda e desenvolvimento, típico do discurso neoliberal; mas a charge interpela o espectador como alguém que pode questionar essa ideologia. A imagem da fábrica poluente desafia o conformismo, sugerindo um papel ativo do/a aluno/a na crítica às práticas destrutivas da natureza.

A produção dessa charge destaca o potencial do gênero para articular preocupações ambientais. O/a aluno/a, ao desenhar árvores sem folhas e uma fábrica poluente, expressa uma sensibilidade ecológica que reflete os desafios globais, como a poluição e o desmatamento, sugerindo que a escola pode ser um ambiente para promover a educação ambiental e a cidadania consciente. Portanto, a crítica visual à poluição industrial e à perda de vegetação contribui para evidenciar o papel das charges como uma forma de expressão para conscientizar sobre os impactos das atividades humanas no meio ambiente.

Imagem 31 – Charge 9



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge produzida acima, retrata duas figuras humanas em um cenário que faz lembrar a vegetação da caatinga, com traços de um deserto seco e o sol intenso acima. Uma figura parece amparar a outra, sugerindo o sofrimento causado pela estiagem e pelo calor extremo. O desenho destaca a crítica aos efeitos da crise climática, posicionando a obra como uma reflexão ecológica no contexto escolar.

Orlandi (2015) nos convida a pensar na noção de memória discursiva que se liga à noção de interdiscurso que “disponibiliza dizeres que afetam o modo como sujeito significa em situação discursiva dada” (p.29). Analisando a charge sob essa perspectiva, podemos dizer que a representação do deserto e dos personagens afetados pela seca constitui um acontecimento sobre os impactos da estiagem, comuns em regiões como o nordeste brasileiro, comumente representado em reportagens, filmes e obras literárias, e são neles em que o interdiscurso é introjetado e, posteriormente, reproduzidos muitas vezes de forma imperceptível nos sujeitos. Ao desenhar essa cena, o/a aluno/a cria um espaço de denúncia, sensibilizando o espectador para os efeitos da crise climática.

Podemos recorrer ao conceito de ruptura metabólica de Forster (2015) já que o cenário devastado pela seca reflete a fratura no metabolismo entre sociedade e natureza, impulsionada pelo capitalismo selvagem do século XXI, que intensifica fenômenos como o aquecimento global e a desertificação. Essa charge sugere que

o/a aluno/a percebe a conexão entre as ações humanas e os desastres ecológicos que afetam comunidades vulneráveis.

Consideramos que a imagem interpela o espectador como parte de uma sociedade que contribui para a crise climática, mas também como alguém que pode se solidarizar com os que sofrem, como mostra a figura que ampara a outra. A escola, como aparelho ideológico, torna-se um espaço onde essas tensões são trabalhadas, promovendo uma consciência crítica.

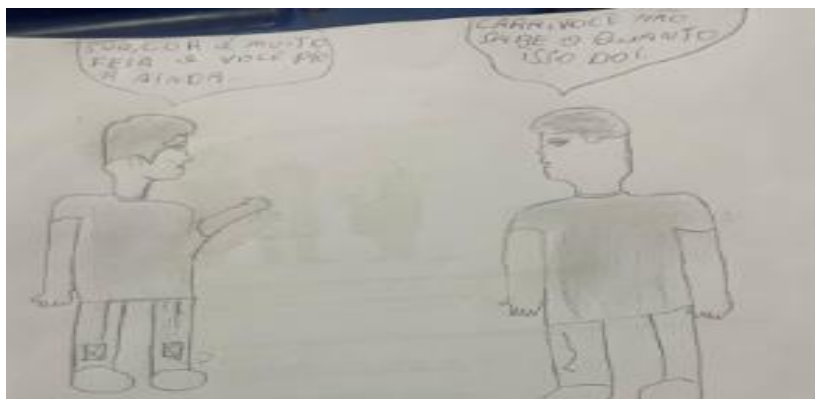
Assim, a escolha de um cenário de seca com figuras em sofrimento produz um efeito de urgência, onde a ausência de vegetação e água remete à gravidade da estiagem. Dessa forma, esse efeito é condicionado por uma formação discursiva que tensiona o progresso humano contra a necessidade de preservação ambiental, algo que o/a aluno/a capta simbolicamente.

Pode-se compreender, a partir da produção dessa charge, a existência de um potencial do gênero que aborda questões ambientais complexas em sala de aula. O/a estudante, ao representar os efeitos da estiagem na caatinga, expressa uma sensibilidade ecológica que dialoga com os desafios globais, como a desertificação e a crise hídrica, sugerindo que a escola pode ser um ambiente para promover a educação ambiental e a empatia frente às crises climáticas.

Em suma, a charge se enquadra no discurso ecológico, demonstrando como os/as alunos/as do ensino fundamental, ao produzirem charges, refletem sobre os impactos das mudanças climáticas. Dessa forma, a crítica à seca e ao sofrimento humano contribui para a pesquisa ao destacar o potencial das charges como um meio para conscientizar sobre os efeitos da crise ecológica em comunidades vulneráveis.

6.3 Discurso racista

Imagem 32 – Charge 10



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge, criada por um/a aluno/a da turma, apresenta dois personagens em diálogo. Um deles, com pernas marcadas por ferimentos, diz: "Sua cor é muito feia é você pior ainda". O outro responde: "Cara, você não sabe o quanto isso dói". O desenho, com traços minimalistas, foca na troca verbal, sugerindo uma crítica ao preconceito que se manifesta em comentários sobre a aparência.

Tendo em vista isso, Eni Orlandi (2015) nos leva a refletir sobre o funcionamento da paráfrase e da polissemia no discurso. A fala "sua cor é muito feia" pode ser interpretada como uma paráfrase que ativa sentidos racistas, mesmo que implícitos, ao associar a "cor" a algo "feio". Esse enunciado, na perspectiva de Orlandi, é atravessado por uma formação discursiva que naturaliza o racismo, reproduzindo estereótipos que desvalorizam o outro com base em marcadores físicos.

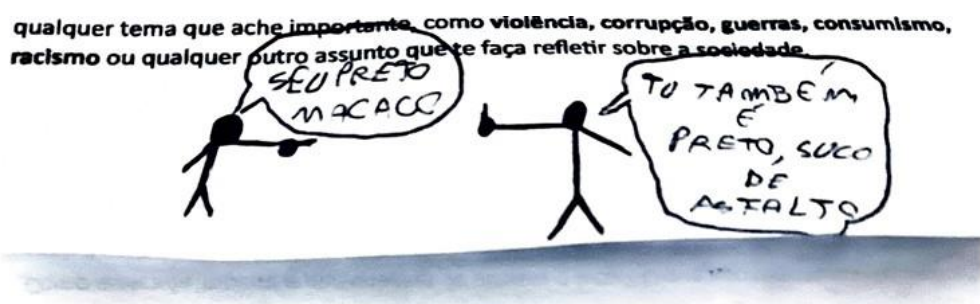
Ainda nessa linha, Althusser (2022) contribui com sua ideia de reprodução ideológica. A fala inicial interpela o personagem como "inferior" por sua "cor" e condição física, um processo que Althusser descreve como o trabalho da ideologia em transformar indivíduos em sujeitos submetidos. A resposta "você não sabe o quanto isso dói" revela a violência desse processo, mostrando como o racismo, ao ser internalizado, causa sofrimento e reforça desigualdades.

Orlandi (2015) nos convida a pensar na historicidade do discurso. O julgamento expresso na charge carrega uma memória histórica de práticas racistas que associam certas "cores" a valores negativos, algo que se perpetua nas relações sociais, até mesmo entre jovens. Ao desenhar essa cena, o/a aluno/a expõe essa memória,

usando a charge como um gesto de denúncia que questiona a naturalização do preconceito.

Em síntese, a charge se enquadra no discurso racista, evidenciando como os/as alunos/as do ensino básico, ao produzirem charges, conseguem captar e criticar práticas discriminatórias. A fala ofensiva e a resposta dolorida revelam o impacto do racismo, contribuindo para a pesquisa ao mostrar como as charges podem servir como ferramenta de reflexão crítica sobre preconceito e inclusão.

Imagem 33 – Charge 11



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge, produzida por um/a aluno/a do 8º ano B, retrata uma cena impactante: um sujeito comum, apontando o dedo indicador de forma ameaçadora, dirige-se a um jovem negro com a fala "SEU PRETO MACACO". O jovem responde "TU TAMBÉM É PRETO, SUCO DE ASFALTO", enquanto o texto ao lado convida a refletir sobre temas como racismo, violência e discriminação, sugerindo uma análise crítica da sociedade. Apesar da simplicidade dos dois sujeitos, a charge é extremamente sugestiva, expondo a prática racista cotidiana contra pessoas pretas no Brasil, posicionando-se no discurso racista como crítica às estruturas sociais.

Nos meandros do discurso racista, Silvio Almeida (2019) nos ajuda a compreender o racismo estrutural presente na cena. A fala "SEU PRETO MACACO", proferida por um sujeito comum, reflete como o racismo está enraizado nas relações sociais, mesmo entre indivíduos negros. A resposta do jovem, "TU TAMBÉM É PRETO", tenta conscientizar o agressor sobre sua própria identidade racial, mas este, imerso em uma sociedade racista, reproduz a desumanização que ele próprio sofre, evidenciando como o racismo estrutural perpetua a discriminação.

Ainda nesse sentido, o sociólogo Jessé Souza (2022) introduz o conceito de "ralé brasileira" para contextualizar o jovem negro. Como parte de uma camada social marcada pela pobreza e vulnerabilidade, ele se torna alvo preferencial do racismo cotidiano, que a charge expõe. O sujeito comum, ao apontar o dedo e insultá-lo, reproduz um discurso em que as desigualdades estruturais que marginalizam os mais pobres, um reflexo de uma sociedade que ainda carrega as marcas de um passado escravocrata, quando os negros eram sistematicamente excluídos.

Ademais, a antropóloga Lélia Gonzalez (2020) nos convida a refletir sobre o racismo à brasileira, uma forma de discriminação que opera de maneira velada e perversa. A contradição do agressor, que é negro, mas insulta outro negro, revela o impacto do mito da democracia racial, que, segundo Gonzalez, mascara a violência cotidiana contra pessoas pretas. Assim, o discurso do jovem tenta romper essa ilusão, apontando a identidade compartilhada, mas o agressor, condicionado por estruturas racistas, nega sua própria negritude ao atacar o outro.

Ainda nessa direção, o também sociólogo Florestan Fernandes (1972) nos leva a conectar a cena com a história escravocrata do Brasil. O insulto "SEU PRETO MACACO" ecoa a desumanização que era legitimada pelo Estado durante a escravidão, em que as leis e práticas institucionais perseguiram, discriminavam e matavam pessoas negras. A charge resgata essa memória ao retratar um discurso que aponta a continuidade do racismo, agora perpetuado em interações individuais, mostrando como o passado escravocrata ainda molda as relações raciais na sociedade brasileira.

No âmbito identitário, o teórico Stuart Hall (1997) nos ajuda a explorar a questão da identidade e da diferença na interação. O agressor, mesmo sendo negro, não se identifica como tal ao insultar o jovem, evidenciando como a identidade racial é atravessada por relações de poder. Para Hall, a diferença é construída socialmente, e o racismo internalizado pelo agressor o leva a projetar sua própria marginalização no outro, reproduzindo o discurso racista que o oprime.

A charge sugere refletir sobre racismo na sociedade. O dizer ali inscrito é um gesto que interpela o espectador a reconhecer o racismo como um problema estrutural enraizado no cotidiano. Em sua produção textual, o/a aluno/a pretende violar o silêncio

sobre a banalização da discriminação racial, usando o diálogo entre os personagens para expor a violência racial e o discurso de ódio que permeia as relações sociais.

Em se tratando dos efeitos de sentido no discurso, o enunciado "suco de asfalto" carrega uma ironia que subverte a posição do agressor, sugerindo que sua atitude racista é uma fachada para sua própria alienação. Esse efeito revela como o discurso racista é condicionado por formações discursivas que propagam a desumanização das pessoas negras, mesmo quando proferido por alguém que compartilha a mesma identidade racial, evidenciando a complexidade do racismo estrutural.

Assim sendo, charge revela, com maestria, como o racismo persiste no Brasil, sobretudo no espaço discursivo, atravessando até mesmo as relações entre indivíduos negros, que internalizam e reproduzem a discriminação. Ao expor essa contradição, o/a estudante demonstra a capacidade das charges de captar e criticar questões estruturais, como a violência simbólica cotidiana e a herança escravocrata que ainda molda as interações sociais.

6.4 Discursos sobre questões sociais e de problemas da contemporaneidade

Imagem 34 – Charge 12



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge em questão retrata dois personagens de tamanho semelhante, ambos segurando armas e apontando uma para o outro, com expressões de tensão, como olhos focados e posturas rígidas, que sugerem um confronto violento. A simplicidade do desenho destaca a crítica à violência, posicionando o texto como uma reflexão sobre os desafios sociais contemporâneos.

A violência mútua interpela o espectador como parte de uma sociedade que normaliza o confronto armado como solução de conflitos e isso é sustentado por uma ideologia de poder e dominação, em que também se perpassa problemas de origem social, como o olhar menosprezado que o poder público tem sobre comunidades marginalizadas. Sendo assim, a escola, como um dos Aparelhos Ideológicos do Estado, pode se revelar como um espaço onde o/a aluno/a, ao criar essa charge, questiona essa lógica da sociedade capitalista atual.

Já tendo como base o entendimento de Pêcheux (1997), o qual nos leva a refletir sobre os efeitos de poder no discurso, é possível observar que as armas apontadas mutuamente ativam uma formação discursiva em que a violência se torna um meio de afirmação dos sujeitos, tensionando a possibilidade de convivência pacífica. Essa representação expõe como o discurso da violência é atravessado por relações de poder, algo que o/a aluno/a capta ao retratar o confronto.

Ao desenhar dois personagens em um confronto violento, o/a aluno/a realiza um gesto crítico que interpela o espectador a interpretar a violência como um problema social, rompendo com a naturalização desse comportamento. Esse gesto evidencia a intenção do/a aluno/a de denunciar os impactos dos conflitos interpessoais e sociais na contemporaneidade.

A violência mútua dos personagens pode ser lida como uma manifestação do instinto de morte (*Thanatos*), que Freud descreve como uma pulsão destrutiva voltada ao outro. Esse confronto simétrico sugere uma projeção de tensões internas, refletindo os impactos psicológicos da violência na sociedade contemporânea.

Tendo vista esta discussão, a produção dessa charge no ensino básico revela o potencial do gênero para abordar questões sociais complexas. O/A estudante, ao representar a violência recíproca entre os personagens, expressa uma interpretação crítica e social que dialoga com os desafios contemporâneos, como a insegurança e os conflitos interpessoais, sugerindo que a escola pode ser um espaço para discutir e

enfrentar essas problemáticas. Portanto, a charge se inscreve na categoria discurso sobre desafios sociais e contemporâneos, demonstrando como os/as estudantes, ao produzirem textos como esses, refletem sobre os impactos da violência no tecido social.

Imagem 35 – Charge 13



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge, produzida pelo/a discente em questão, retrata uma cena de assalto: um personagem, representado como assaltante, aponta uma arma e diz "Perdeu", enquanto o outro, a vítima, responde "Relaxa mn (mano)", com expressão de medo, rendendo-se à situação. O assaltante ainda dispara a arma, reforçando a brutalidade do ato. O desenho e o uso de falas típicas do contexto brasileiro destacam a violência urbana, posicionando a obra como uma crítica aos desafios sociais contemporâneos.

Em se tratando da discursividade e dos efeitos das relações de poder no discurso, o enunciado "Perdeu", comum entre criminosos, ativa uma formação discursiva que coloca a vítima em desvantagem, evidenciando uma relação de dominação. Já o "Relaxa, mn (mano)" da vítima reflete sua aceitação da posição inferior, mostrando como o discurso da violência impõe submissão, algo que o/a aluno/a capta ao retratar essa cena.

A agressividade do assaltante, culminando no disparo da arma, pode ser lida como uma manifestação do instinto de morte (*Thanatos*), que Freud (2004) descreve como uma pulsão destrutiva do outro. Nesse sentido, o medo e a rendição da vítima, expressos no "Relaxa", revelam a angústia frente à ameaça, evidenciando o impacto psicológico da violência no cotidiano brasileiro, o qual tem muitas vezes é retrato das consequências dos problemas políticos e socioeconômicos do país.

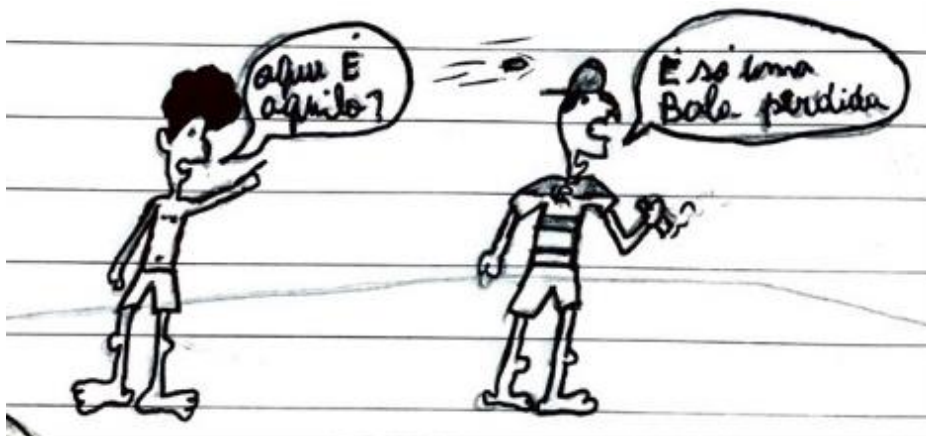
A charge interpela o espectador como parte de uma sociedade em que a violência urbana é normalizada, reproduzindo uma ideologia que aceita a insegurança

como parte do cotidiano. Assim, pode-se dizer que o estudante ao criar essa charge, denuncia a brutalidade dos assaltos e a impotência do cidadão comum.

O "Relaxa" dito pela vítima, apesar de ser uma fala, carrega o silêncio da resistência: o cidadão, alheio a esse tipo de violência, não tem alternativa senão aceitar as ordens do criminoso, demonstrando sua fraqueza e passividade. Ao representar essa cena, o/a aluno/a rompe esse silenciamento, usando a charge como um espaço para expor a gravidade da violência urbana e seus efeitos sociais.

Em síntese, a produção dessa charge no ensino básico evidencia o potencial do discursivo para abordar questões relacionais ao contexto de violência das cidades brasileiras. Assim, o/a discente, ao retratar um assalto com falas que refletem a realidade nacional, expressa um pensamento crítico que dialoga com os desafios contemporâneos, como a insegurança e a violência urbana, sugerindo que o texto em forma de charge pode ser um canal para discutir, refletir e enfrentar essas problemáticas.

Imagem 36 – Charge 14



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge acima, produzida por um/a aluno/a do 8º ano, retrata dois homens em um contexto de cidade brasileira ou comunidade, em meio a um tiroteio. Um indaga "O que é aquilo?", enquanto o outro responde "É só mais uma bala perdida", com um cartucho passando raspando sua cabeça, enquanto ele pega uma munição caída no chão. Assim, pode-se depreender que o texto destaca a banalidade da violência urbana, posicionando a obra como uma crítica aos desafios sociais contemporâneos.

Podemos compreender que no enunciado "É só mais uma bala perdida" funciona a reprodução ideológica em jogo. O enunciado interpela o espectador como parte de uma sociedade que normaliza a violência urbana, refletindo uma ideologia que aceita a insegurança, como já dito na análise anterior, como parte do seu dia a dia.

A resposta "É só mais uma bala perdida" produz um efeito de banalização, inserindo-se em uma formação discursiva que minimiza o risco de morte iminente, como o cartucho que passa perto. Esse efeito revela como o discurso da violência urbana é moldado por relações de poder que desumanizam a experiência cotidiana.

A interação dos personagens no contexto de tiroteio reflete um campo de forças onde o medo e a indiferença competem, influenciando o comportamento de adaptação à violência. Para Lewin (2008), o ato de pegar a munição sugere uma resignação ao ambiente hostil, destacando como a violência urbana molda as relações e os papéis sociais nas comunidades.

Essa charge expressa um espaço discursivo em que se pode abordar questões sociais de natureza complexas. Nesse aspecto, o estudante, ao representar a banalidade de um tiroteio com balas perdidas e munições caídas, expressa sua interpretação que dialoga com os desafios contemporâneos, como a violência urbana nas comunidades brasileiras, sugerindo um olhar mais crítico sobre essa contradição social.

Imagem 37 – Charge 15



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A charge, produzida por um/a aluno/a, expõe uma jovem com expressão de angústia, a mão voltada ao coração, indagando: "você falou que quando ganhou a política me ajudaria con enprego pra tira minha família da fome". Em resposta, um político com semblante irônico diz "infelismamente não peguei en dinheiro ainda", enquanto uma mala de dinheiro ao seu redor revela sua contradição. Apesar dos erros ortográficos, como "con enprego" e "infelismamente", a charge reflete uma crítica profunda à corrupção política e ao clientelismo, posicionando-se no discurso sobre desafios sociais e contemporâneos.

Na perspectiva sociológica, Sérgio Buarque de Holanda (2004) nos ajuda a compreender a cena através do conceito de homem cordial. A troca implícita de votos por favores, como um emprego público, remete à cordialidade que, para Buarque, marca as relações sociais no Brasil, em que o privado se sobrepõe ao público. Essa prática, evidenciada pela fala da jovem, reflete uma cultura política que perpetua desigualdades, especialmente em contextos de vulnerabilidade, como o interior de Alagoas.

Ainda mais, Raymundo Faoro (2001) nos permite aprofundar a análise com sua obra *Os Donos do Poder*. A mala de dinheiro e a fala irônica do político ecoam o patrimonialismo descrito por Faoro, em que o poder público é apropriado para interesses privados levando, conforme já mencionado, a coisa pública a se corromper. A charge remete ao voto de cabresto da República Velha (1889-1930), prática histórica que, no interior nordestino, ainda se manifesta na troca de votos por benefícios, perpetuando a dominação política e a exclusão social das populações mais pobres.

Pensando no funcionamento da ideologia, o político, ao prometer um emprego em troca de apoio eleitoral, reproduz uma ideologia que naturaliza o clientelismo como parte do/a jogo político. Assim, o texto da estudante torna-se uma interpretação de resistência, em que ela questiona essa lógica, denunciando a corrupção e a exploração das necessidades do eleitor.

Analisando esse discurso, podemos entender que o enunciado "infelismamente não peguei en dinheiro ainda" produz um efeito de ironia que desmascara a corrupção do político, enquanto a súplica da jovem revela a esperança depositada no clientelismo. Esses efeitos são condicionados por uma formação discursiva que

normaliza a troca de favores, mas a charge subverte essa lógica ao expor a contradição do político diante da mala de dinheiro.

Assim, no contexto em questão, a jovem, com sua angústia, e o político, com sua ironia, configuram um contraste que interpela o espectador a interpretar a corrupção como um obstáculo à justiça social. Ao criar essa cena, a/o aluna/o realiza um gesto crítico que rompe as contradições sobre essas práticas clientelistas, comuns no interior de Alagoas, onde a pesquisa foi realizada, e que perpetuam a fome e a desigualdade.

A charge também carrega uma historicidade que remonta ao Brasil da República Velha, em que o voto de cabresto era uma prática comum, especialmente em regiões rurais. No contexto atual do interior nordestino, como o de União dos Palmares, a troca de votos por empregos ou outros benefícios reflete uma continuidade dessa lógica, agora adaptada às dinâmicas contemporâneas. A/O aluno/a, inspirada pelas discussões em sala sobre corrupção, conforme registrado nos diários de aula, capta essa realidade com sensibilidade, usando a charge para denunciar como a política, ao invés de promover igualdade, se torna um instrumento de exploração das necessidades básicas da população.

Assim sendo, o/a aluno/a, ao retratar a relação entre a jovem faminta e o político corrupto, expressa um pensamento que dialoga com os desafios contemporâneos, como a corrupção e o clientelismo no cenário político nacional. Os erros ortográficos, longe de enfraquecer a mensagem, reforçam a autenticidade da voz da/o aluna/o, que, a partir de sua realidade linguística e social, constrói uma crítica poderosa à política brasileira.

Imagem 39 – Charge 16



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

O texto acima, produzida por um/a discente do 8º ano B, retrata um personagem com um ponto de interrogação acima da cabeça, dividido entre dois caminhos: estudo e internet. Ao lado, a mensagem "A internet influencia mais que o estudo" destaca a tensão entre essas escolhas. O tom reflexivo posiciona a obra como uma crítica ao discurso sobre desafios sociais e contemporâneos, explorando o vício em tecnologia e seus impactos nos estudos de crianças e adolescentes.

O enunciado "A internet influencia mais que o estudo" ativa uma formação discursiva que reflete a dominação cultural da tecnologia, sugerindo que o vício em telas supera o valor educativo. Para ele, esse efeito revela como a sociedade contemporânea molda escolhas individuais, especialmente entre os jovens, em um contexto em que a mídia enfatiza os excessos de tela.

Ainda mais, acerca da noção sobre gesto de interpretação, fazendo jus à Orlandi (2007), a charge nos faz pensar que o ponto de interrogação acima do personagem é um gesto que interpela o espectador a refletir sobre as consequências das escolhas entre internet e estudo, um dilema amplificado pela conscientização atual sobre o equilíbrio entre tecnologia e educação. Inspirada pela aula sobre o vício em celular versus leitura de livros, o/a aluno/a usa a charge para denunciar os efeitos colaterais observados em escolas e lares.

Pensando a escola como espaço de formação, compreendemos que ela reproduz ideologias que valorizam o estudo, mas a influência da internet, como um novo aparelho ideológico, desafia essa lógica, promovendo o vício em tecnologia. A charge, ao expor essa tensão, sugere que o/a aluno/a questiona a balança desequilibrada entre esses dois mundos, refletindo um debate contemporâneo.

No discurso da charge o personagem está dividido entre os caminhos e, por isso, encarna a liberdade e a angústia da escolha. Ao dizer que "A internet influencia mais que o estudo" a charge indica uma pressão social que limita essa liberdade, levando a consequências como o abandono dos estudos em favor do vício tecnológico, um desafio enfrentado por muitos/as estudantes hoje.

A charge reflete um problema amplamente discutido na mídia, que busca conscientizar sobre o excesso de telas e seus impactos na aprendizagem e no bem-estar de crianças e adolescentes. Acredita-se que o contexto da aula que abordou uma charge sobre o confronto entre celular e livros, registrado nos diários, inspirou o/a aluno/a a criar essa crítica visual, capturando a realidade de muitos lares e escolas onde a tecnologia muitas vezes supera o estudo. Essa formação discursiva contemporânea visa promover um equilíbrio, mas a charge sugere que a balança ainda pende para o lado da internet, evidenciando um desafio educativo urgente.

A produção dessa charge no ensino básico evidencia o potencial do gênero para abordar questões sociais complexas. O/A aluno/a, ao representar o conflito entre internet e estudo, expressa uma sensibilidade crítica que dialoga com os desafios contemporâneos, como o vício em tecnologia e sua interferência na educação. A escolha de um personagem em dúvida reforça a relevância do tema no contexto escolar, em que os/as estudantes enfrentam diariamente a tentação das telas e a pressão por um bom desempenho escolar.

6.5 Discurso sobre violência de gênero

Imagem 40 – Charge 17



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Inspirada pela temática feminista, a charge deste/a aluno/a retrata uma mulher tentando se trancar em um cômodo enquanto seu companheiro força a porta, gritando "abre essa porta!", em uma cena que expõe a violência doméstica. A obra se insere no discurso sobre violência de gênero, destacando o machismo e o ciclo de agressão que aprisiona mulheres em ambientes domésticos, um problema persistente ainda no Brasil.

Nesse contexto de violência de gênero, Heleieth Saffioti (2004) nos ajuda a compreender como o patriarcado sustenta o controle masculino evidenciado pela fala agressiva do homem. A exigência de abrir a porta reflete a violência estrutural que, segundo Saffioti, perpetua a dominação de gênero, transformando o lar em um espaço de opressão onde a mulher é subjugada e impedida de resistir ao ciclo de abusos, visto ainda, o tabu social que muitas mulheres têm de denunciar seus agressores e do pouco apoio social que possuem quando buscam seus direitos.

Ainda nessa linha, a pesquisadora Maria Filomena Gregori (2003) analisa o tabu que silencia as vítimas de violência doméstica, o qual, por diversas vezes, é perpetrado pelos discursos machistas circundantes em nossa sociedade. Assim, a tentativa da mulher de se trancar simboliza o medo e a dificuldade de denunciar, um fenômeno que Gregori associa à culpabilização social das mulheres. Esse discurso

reforça o isolamento das vítimas, que enfrentam barreiras culturais para romper o ciclo de violência, um padrão que a charge escancara de forma evidente.

Já a teórica Judith Butler (2003) nos permite explorar como a performatividade de gênero molda a interação. Na charge, é possível perceber o homem, ao forçar a porta, performa uma masculinidade violenta que reafirma sua autoridade, enquanto a mulher, ao tentar fugir, desafia essa norma. Para Butler, esse confronto evidencia como as normas de gênero perpetuam a violência doméstica, mantendo a mulher em um papel subordinado dentro do espaço privado, reforçando os padrões patriarcais presentes na tecitura social.

Pierre Bourdieu (2005) nos ajuda a identificar a violência simbólica presente no discurso do agressor. A fala "abre essa porta!" carrega uma dominação que vai além do físico, reforçando a submissão da mulher por meio de normas internalizadas. Nessa perspectiva, Bourdieu destaca que essa violência simbólica é tão poderosa quanto a física, aprisionando a vítima em um ciclo de medo e impotência que a charge torna visível.

A exigência do agressor produz um efeito de terror que sublinha o controle masculino, enquanto a resistência silenciosa da mulher, ao se trancar, sugere uma tentativa de ruptura. Trata-se de efeitos que revelam como o discurso da violência de gênero é atravessado por relações de poder que naturalizam o machismo, algo que a charge subverte ao expor a brutalidade.

A mulher, ao se trancar, é silenciada pelo medo e pela pressão social, mas a charge extingue esse silêncio ao visibilizar sua luta. Esse ato de representação é uma forma de resistência discursiva, que interpela o espectador a questionar as estruturas que perpetuam a violência contra as mulheres no cotidiano.

Em síntese, charge reflete uma realidade alarmante no Brasil, onde a violência doméstica é sustentada por discursos machistas que transformam o lar em um espaço de opressão. O ciclo de abusos, marcado pela insistência do agressor e pelo medo da vítima, evidencia as barreiras que as mulheres enfrentam para romper com esse padrão, agravadas por tabus sociais que as culpabilizam e silenciam. Nesse sentido, a força dessa representação reside em sua capacidade de provocar uma pausa para pensar. Ao expor a tentativa de fuga e a violência do agressor, a charge não apenas denuncia o machismo, mas também abre caminho para discutir soluções coletivas.

Esse trabalho, inserido no discurso sobre violência de gênero, enriquece a pesquisa ao posicionar as charges como ferramentas pedagógicas que educam sobre os impactos da violência doméstica, incentivando a conscientização e a ação para proteger as mulheres nos mais variados contextos sociais.

Imagem 40 – Charge 18



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

Com bastante criatividade, a charge feita por um/uma aluno/a, retrata uma jovem mulher dividida por uma linha ao meio: um lado exhibe um sorriso fingido, como uma máscara social, enquanto o outro revela um rosto triste com feridas roxas, sugerindo agressões sofridas de seu parceiro. Os traços simples do desenho, com sua linguagem não verbal, carregam uma potência simbólica, posicionando a obra no discurso sobre violência de gênero, ao expor a violência contra a mulher no cotidiano brasileiro, a angústia do ciclo de abusos e o tabu que dificulta as denúncias.

Mais uma vez em se tratando sobre violência de gênero, a professora, já citada, Saffioti (2004) nos ajuda a compreender a estrutura patriarcal que sustenta a cena. Desse jeito, as feridas roxas simbolizam a violência física infligida pelo parceiro, enraizada em um sistema que naturaliza o domínio masculino sobre as mulheres. Paralelamente, a máscara social, com o sorriso fingido, reflete a pressão social que obriga a vítima a esconder os abusos, perpetuando o ciclo de violência que Saffioti.

O contraste entre o rosto sorridente e o ferido materializa a dificuldade das mulheres em denunciar seus agressores, um tabu que, segundo Gregori (2003), é reforçado por normas culturais que culpabilizam as vítimas e as mantêm presas ao sofrimento. A charge, ao expor essa dualidade, desafia esse silêncio, convidando a uma reflexão crítica sobre a invisibilidade da violência de gênero.

Assim discursivamente podemos compreender que a divisão do rosto em duas expressões é um gesto que interpela o espectador a enxergar além da superfície, reconhecendo a realidade oculta da violência de gênero. Ao criar essa imagem, o/a aluno/a rompe o tabu que silencia as vítimas, usando a funcionalidade social do gênero charge como ferramenta para visibilizar a dor e o desafio de denunciar os agressores.

Tendo em vista esta discussão, a charge, em questão, reflete um problema persistente no Brasil, em que a violência contra a mulher continua a ser uma questão cotidiana, com muitas vítimas enfrentando barreiras para buscar ajuda. O ciclo de abusos, marcado pela alternância entre agressão e fingimento, é amplificado pelo tabu social, materializado em forma de discurso, que estigmatiza quem denuncia, muitas vezes associando as vítimas à culpa ou à fraqueza. Inspirada por reflexões sobre gênero, a charge captura essa complexidade, destacando como a sociedade, por meio de normas patriarcais e por discursos machistas, perpetua a submissão feminina e dificulta a ruptura desse padrão.

A produção dessa charge no ensino básico revela o potencial transformador do gênero. O/a aluno/a, ao retratar a dualidade da jovem mulher, demonstra uma sensibilidade crítica que dialoga com os desafios contemporâneos da violência de gênero. A escolha de expor a máscara social e as feridas roxas abre espaço para discutir a necessidade de quebrar tabus e apoiar as vítimas, sugerindo que a escola pode ser um espaço de resistência para conscientizar sobre os direitos das mulheres e combater a cultura de silêncio que as aprisiona.

Nesse sentido, a força dessa representação visual reside em sua capacidade de provocar reflexão sobre um tema tão urgente. Ao dividir a personagem entre o fingimento e a verdade, a charge não apenas denuncia a violência doméstica, mas também convida a uma ação coletiva para enfrentar as raízes patriarcais que a sustentam. Essa contribuição enriquece o trabalho de ensino e aprendizagem, em

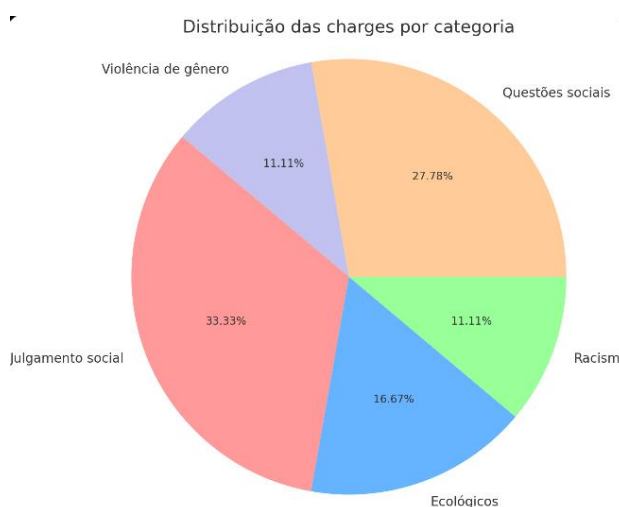
sala de aula, no que diz respeito à produção textual; pois, como nessa ocasião, demonstrou as charges como um importante instrumento de crítica social e posicionamento político para a conscientização sobre a igualdade de gênero e a inspiração de mudanças na percepção social sobre a violência contra a mulher.

7. Reflexões acerca da pesquisa e considerações finais

Diante do exposto ao longo de todo texto desta dissertação, demonstrou-se que mesmo antes, ou seja, anteriormente às aulas que deram base às produções das charges pude perceber que os/as discentes carregavam alguma noção de senso crítico da realidade à sua volta, contudo esse conhecimento fora estimulado e fortalecido após meu processo de intervenção em sala, visto que muitas das temáticas escolhidas por eles/as foram inspiradas nas discussões feitas ou nas charges expostas nas aulas serviram de modelo e inspiração para os textos os quais eles/as fizeram.

Diante desse contexto, de um total de 18 (dezoito) charges, 6 abordam discursos sobre julgamento social, 5 tratam de questões sociais e problemas da contemporaneidade, 3 apresentam discursos ecológicos, 2 abordam o racismo e 2 discutem a violência de gênero. O gráfico a seguir mostra a porcentagem das temáticas escolhidas pelos/as estudantes:

Imagem 41 – Gráfico com a distribuição das charges por categoria



Fonte: Acervo da pesquisa (2024)

A partir do quantitativo mostrado acima, pode-se perceber que grande parte dos/as aluno/as participantes desta pesquisa deram mais preferências às temáticas sobre julgamento social e das questões sociais e contemporâneas. Nesse aspecto, suponha-se que a primeira temática tenha se tornando mais evidente por conta das dinâmicas sociais em que eles/as estão envolvidos, pois uma das formas de preconceito social, sobretudo no espaço escolar, mais visíveis é feito de acordo com a aparência visual ou pela utilização ou não de determinado bem de consumo, considerando que “a origem das classes sociais se dá nas relações de base econômica, nos lugares e posições estruturais que os indivíduos/sujeitos ocupam nas relações de produção, pois é onde deriva a divisão social do trabalho” (Silva Sobrinho, 2019, p. 142).

Dessa forma, é perceptível que seus discursos retratem a ideologia elitista de no nosso país em que sujeitos de classes sociais mais ascendentes, mesmo por vezes não pertencentes à classe dominante, tratem com discriminação indivíduos de classe social subalternas, tendo o discurso como a materialização desse fato. Ainda sobre isso Silva Sobrinho (2019) faz a seguinte ponderação acerca do antagonismo entre os dois grupos:

A nosso ver, levar em consideração a existência histórica das classes sociais é também considerar a existência e o funcionamento histórico do discurso e da ideologia nas contradições sociais, ou seja, o seu caráter material. É preciso levar em consideração que a ideologia tem uma existência material, e isso permite a compreensão do funcionamento da materialidade do discurso em sua intrínseca relação com as classes sociais no fazer-se histórico dos sujeitos em sociedade (Silva Sobrinho, 2019, p.143).

Já a segunda categoria mais escolhida expressa temáticas sociais dos quais os/as próprios/as discentes vivem em suas comunidades ou que impactam o cotidiano de nosso próprio tempo, bem como da cultura juvenil que compartilham. E através disso, podemos abstrair a noção de função autor em que o sujeito, em nosso caso os/as alunos/as, assume papel de protagonista quando representa o discurso em forma de texto ou, ainda, como nas palavras de Orlandi (2006) “a função autor se realiza toda vez que o produtor de linguagem se representa na origem, produzindo com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim” (p.24). Levando isso em conta, pode-se perceber o papel de autonomia que os/as estudantes tiveram em criar seus textos, com coesão e coerência, representando em forma de charge as contradições sociais vigentes.

Além disso, as três categorias restantes, apesar de representar uma proporção menor, chama-se atenção pela criatividade e sensibilidade expressa em temáticas, que por vezes são tratadas como questões complexas tais como o racismo e a violência de gênero. Representando, nesse sentido, discursos que escancaram a hipocrisia, o ódio e as estratificações da sociedade brasileira e contemporânea.

Diante essas considerações, penso que o/a professor/a de Língua Portuguesa ao lidar com questões de interpretação, compressão e/ou produção textual deve partir do ponto de vista do conhecimento do/a aluno/a antes de avançar nesses pontos, ou seja, ponderando a sua percepção da realidade, pois “há uma relação entre linguagem e exterioridade que é constitutiva” (Orlandi, 2012, p. 23). Por essa razão, é interessante que o/a docente trabalhe a linguagem e o texto fazendo correlações com o mundo externo e, em especial, com o que o estudante vive, sente e percebe, pois “tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente (...)” (Orlandi, 2012, p.8). A partir disso, compreende-se a importância de dar voz aos/ às discentes o funcionamento das ideologias nos sujeitos e nos discursos.

Assim, partindo do contexto e do mundo do/a aluno/a, será possível formular caminhos para sequenciações didáticas que permitem um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente no ensino leitura, compreensão e/ou interpretação de textos. No entanto, como observa Orlandi (2012, p. 58), “na escola, a colocação das leituras previstas (possíveis e/ou razoáveis) por um texto escamoteiam, em geral, o fato de que se dá uma leitura prevista para ele, como se o texto, por si, a suscitasse inteiramente. Exclui-se, dessa forma, qualquer relação do texto, e do leitor, com o contexto histórico-social, cultural, ideológico”. Essa exclusão, por sua vez, compromete a formação crítica do/a aluno/a, ao negligenciar as condições de produção e recepção do texto. Nesse sentido, Antunes (2010, p. 52) destaca que “isso se desloca, necessariamente, os objetivos do ensino da língua na direção da reflexão investigadora, da análise dos usos sociais da língua — escrita, falada, verbal e multimodal — e da aplicabilidade relevante do se ensina, do que se aprende”. Portanto, ao integrar o contexto do/a aluno/a e os usos sociais da língua, a prática pedagógica pode superar a leitura previsível, promovendo uma abordagem mais reflexiva e conectada à realidade sociocultural, o que enriquece o processo de ensino-aprendizagem.

Ainda sobre isso, a afirmação de Santos & Silva Sobrinho (2019, p. 109) de que “na escola, por exemplo, esta dimensão sócio-histórica do estudo da argumentação muitas vezes é apagada pelo discurso autoritário que a circunscreve” revela como a instituição pode limitar a compreensão crítica, especialmente quando se desconecta da realidade dos/as alunos/as. Essa limitação, por sua vez, alinha-se com a concepção de Althusser (2022), que sublinha a escola como Aparelho Ideológico do Estado, reproduzindo ideologias dominantes que silenciam contextos históricos e sociais. Contudo, a charge, enquanto texto imagético, apresenta um teor argumentativo singular, pois busca conscientizar o leitor sobre problemáticas atuais e convencê-lo a se posicionar criticamente diante delas, funcionando como um contraponto a esse discurso autoritário. Assim, sua utilização em sala de aula é essencial, pois estimula o/a aluno/a a desenvolver a competência argumentativa, fortalecendo sua criatividade e senso crítico ao interpretar e criar mensagens que desafiam as estruturas sociais e políticas impostas, promovendo uma educação mais reflexiva e engajada.

Desse modo, esta pesquisa destacou um impacto transformador em sala de aula ao propor uma abordagem que valoriza a expressão dos/as alunos/as por meio de gêneros como a charge, estimulando a construção de sentidos a partir de suas realidades. Um caminho possível para o/a professor/a de Língua Portuguesa é levantar primeiramente as discursividades que atravessam os sujeitos na turma, depois fazer com que eles/as expressem isso em forma de gênero textual ou atividade que o/a docente deseje aplicar em sala, considerando a reprodução fiel dos seus discursos dando protagonismo à sua voz, para que somente então o/a professor/a comece a trabalhar o objeto de conhecimento da forma esperada pela escola, promovendo um aprendizado mais significativo. Nesse processo, destaca-se o papel do professor-pesquisador, como enfatiza Freire (1996, S/N) ao afirmar que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, o que reforça a necessidade de uma prática pedagógica que dialogue com a diversidade cultural e social dos/as estudantes.

Ademais, essa prática fomenta uma relação recíproca no aprendizado, pois, conforme Freire (1996, S/N), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim, ao compreender as formações discursivas dos/as estudantes e guiá-los na expressão fiel de suas vozes por meio de atividades criativas,

como a produção de charges, o/a professor/a ajusta sua mediação dos saberes escolares, enquanto os/as alunos/as desenvolvem sua criticidade e autonomia.

Consequentemente, essa abordagem oferece uma perspectiva renovada para os/as docentes de Língua Portuguesa nas escolas públicas brasileiras, onde as adversidades são marcantes, contribuindo para superar barreiras tradicionais do ensino e promover uma educação mais inclusiva, inovadora e engajada com a realidade dos/as discentes.

REFERÊNCIAS

- ALICIO, E.; POLI, E. C. Um olhar sobre a avaliação em larga escala: ações a partir do estudo do IDEB 2007/2011. In: **Cadernos PDE: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná: Secretaria de Estado da Educação, 2014. v. 1, p. 1-15. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: 30 de abril de 2025.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 1ª ed. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BODART, Cristiano das Neves. **Infraestrutura e superestrutura em Marx**. Blog Cagé com Sociologia. com. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/infraestrutura-e-superestrutura-em-marx/>. Acesso em: 2 de maio de 2025.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAVES, Ricardo. **Os primórdios da charge na Província Gaúcha**. GZH, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/2017/08/os->

primordios-da-charge-na-provincia-gaucha-9869640.html. Acesso em: 2 de maio de 2025.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane Rojo e Glais Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GREGORI, M. F. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu (UNICAMP)**, Campinas, p. 87-120, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PVBzZrb4qXXDvCrhxDMYB7J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 de maio de 2025

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**. São Paulo: Globo, 2001.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1972.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986. (trocar)

FOSTER, John Bellamy. Marxismo e Ecologia: fontes comuns de uma Grande Transição. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 35, p. 80-97, jul./dez. 2015. (Mudar ano no texto)

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986. (trocar)

GONZALEZ, Lélia. **Democracia racial? Nada disso!**. In: RIOS, Flávia.; LIMA, Márcia. (orgs). Lélia Gonzalez: Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.

GREGORI, M. F. . **Violência de Gênero e Violência Intra-Familiar**. In: V Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003, Florianópolis. Livro de Resumos V RAM, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. **A Semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso**. Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, 1971.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LEWIN, Kurt. **Teoria do Campo nas Ciências Sociais**. Amazon Kindle, 2023.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli; RODRIGUES, Suzy Maria Lagazzi (Org.). **Discurso e textualidade**. 1. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006a.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação** : autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5.ed. São Paulo : Pontes, 2007b.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento de sentidos. 6. ed.Campinas: Ed. da Unicamp, 2007c.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo:Cortez, 2012d.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 15. ed. Campinas: Pontes, 2015e.
- MASLOW, Abraham H. **Motivation and Personality**. 3. ed. Nova York: Harper & Row, 1987.
- MARX, K. **O Capital**: Crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- Marx, K., & Engels, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MATIAS, Avanúzia Ferreira. ; VIDAL-MAIA Janicleide. **A História da Charge e Seu uso No Pós-64**. In: XIII ECHE - III ENHIME - III SINECGEO, 2014, FORTALEZA. Educação, História e Geopolítica no Contexto do Pós-1964, 2014.
- MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <https://backoffice.books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2025.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ROJO, Roxane H. R. **Pedagogia dos multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2003.
- SILVA SOBRINHO, H. F.; SANTOS, Neyla. Discurso e argumentação em sala de aula: uma relação entre sujeito, língua e história. In: LOPES, Adna; DE PAULA, Aldir. (Org.). **Língua e Literatura**: práticas pedagógicas em diferentes linguagens. 1ed.Maceió: Edufal, 2019, v. 1, p. 101-125.

SILVA SOBRINHO, H. F. **O caráter material do sentido e as classes sociais:** uma questão para a Análise do Discurso. POLIFONIA: ESTUDOS DA LINGUAGEM, v. 26, p. 130-150, 2019.

SILVA, Mariza Vieira da. I Seminário de Estudos em Análise de Discurso: Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar. **Delimitações, inversões, deslocamentos:** sujeito e história. 2003.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira:** quem é e como vive. São Paulo: Civilização Brasileira, 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.